DEZEMBRO 91

ANO II
Nº 7

PREÇO: 100$00

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE — JORNAIS — COIMBRA

A CABRA

DISCOTECA
VIA LATINA

DIRECTOR: JOSÉ DE ALBUQUERQUE DIRECTORA ADJUNTA: TERESA GOMES

SOLIDARIEDADE ACADÉMICA PELO POVO DE TIMOR



A GRANDE MENTIRA

Pág. 2 e 3

DIREITO

FOI VOCÊ QUE PEDIU UMA R.G.A.?

Pág. 4 e 5

SUPLEMENTO

ANTERO DE QUENTAL

DESPORTO

MÁRIO MEXIA VAI À SELECÇÃO

Pág. 17, 18 e 19

FESTA DAS LATAS

A MINI - QUEIMA



A Latada deste ano chegou ao rubro, não pela irreverência (claro!!), mas pela polémica. A tradição levou um valente pontapé. Primeiro não houve "direito" em toda a FESTA, na serenata quebrou-se o silêncio da Praxe, no Sarau o Presidente foi vaiado e no cortejo a Tertúlia Práxis Dixit deu nas vistas... Enfim, os estudantes têm destas coisas.

Pág. 10, 11 e 12

OPINIÃO

O SONHO DA IGNORÂNCIA

Talvez a solidariedade comece no sonho dos que ignoram as imagens, as próprias e as alheias, as que batem na memoria, as que não têm tempo para hesitar se agora ou depois, ou se sempre se deve concorrer ao auxilio.

"Timor é uma causa justa" -todos paramos a proclamar-, mas provavelmente é uma causa muito longinqua para todos nós, que vivemos com a consciencia deitada no jardim da sociedade consumista. Nada pelo que lutar, nada que reivindicar, só andar para adiante com as palas colocadas; a máscara do esquecimento, duma verdade falseada, imperfeita, a cobardia de ignorar.

Sim, Timor precissa da ajuda, do apoio de estudantes que tenham a inquietude simples de recordar que o mundo caminhou e caminhará "in secula seculorum" ao redor de si mesmo. Que os homens estão na espiral da realidade, e que é necessaria muita fantasia para a mudar. Muito valor. Mas a mínima vontade de todos juntos, com o pensamento unido e a força da palavra para que alguém escute. Não importa que ninguém preste suficiente atenção, o verdadeiramente trascendental é que haja uma voz e um eco que não serão desertos.

O dia sete de Dezembro foi uma boa ocasião para se lembrar de o a imposição do exército indonésio sobre a gente de Timor, o povo maubere, que compria dezasseis anos de invasão: um aniversário de 200.000 mortos, homens, mulheres e crianças que , como cada um de nós, perguntáva-se se pelas manhãs se vai fazer um dia bom o mau, que transmitiam afecto aos seus amigos, que tinham uma memória de vivências própria. O sete de Dezembro era uma data assinalada para se fazer ouvir, para que os que assassinam e os seus aliados saibam que os abatidos não estão sós.

Esse dia assinalado tinha convocada uma manifestação de estudantes de todo o país para mostrar ao mundo que a união faz a força e que a libertação do povo timorense está perto. Lisboa era um bom marco. Tudo estava preparado: cartazes, slogans, vontade. Sim, sobretudo vontade... Só foram 2000 pessoas, e nem todas eram universitárias, nem todas achavam que a universidade devia ser a plataforma de luta. Eram pessoas vindas de diversos pontos da geografia lusa para acender uma vela por Timor.

Ninguém dos que ali estiveram presentes pensava nos companheiros ausentes, que ficaram a dormir numa manhã de chuva, triste, no dia indicado para fazer um chamamento à fraternidade, à paz, à colaboração e ajuda para com o povo timorense, para com os esquecidos.

A Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra alugou um comboio para que os universitários das nossas faculdades fossem lá. Um comboio com mil e quinhentos lugares, mas só setenta foram ocupados. Só setenta. E nem todas as que alí embarcaram eram de Coimbra, havia gente da Figueira da Foz e de Mira.

Poucos se comprometeram com a causa timorense. Os estudantes das Repúblicas Baco e Ay-ó-Linda foram os mais numerosos. Mas porque não apareceu um colectivo estudiantil maior?. Os estudantes das repúblicas ali representadas qualificaram de "lamentável" a actuação e a maneira de organizar aos estudantes que teve a DG da Associação Académica. Segundo eles não houve uma coordenação, senão a improvisada e desorganizada realizada à hora de convocar a comunidade universitária. O motivo principal está na falta de publicidade, aponta Nuno Carlos, da República "Baco". Ele acha que a forma em que se repartiram os anúncios pela universidade foi inadequada e insuficiente. É difícil compreender como é que a DG investe centenas de contos em publicidade para outros eventos menos importantes, e para uma ocasião de solidariedade, onde a difusão da convocatória é vital, somente haja um número pequeno de cartazes e aliás mal espalhados. Havia centenas de contos investidos num comboio que era de graça e a DG não informa suficientemente para o encher. Que é que significa para a DG/AAC a solidariedade?. Acaso para a DG solidariedade é só dar o dinheiro para que a gente possa ir lá e justificar assim o seu labor à frente dos estudantes?. Solidariedade é também, ao mesmo tempo, procurar garantir que o dinheiro seja bem empregue, bombardeando reiteradamente com informações pela Rádio Universidade ou por outros meios para que o empreendimento chegasse a bom termo.

Alberto Pena Rodriguez

UM COMBÓIO



9.00 horas
Estação Velha.

Começam a juntar-se os primeiros estudantes ante o espanto de serem poucos. Os Repúblicos traziam faixas com palavras de ordem enroladas, enquanto os comentários cresciam de tom e de ironia. Era o desencanto total.

9.15 horas

O chefe da estação dava a partida com tolerância de cinco minutos. Já no interior do combóio os protestos organizaram-se nas vozes roucas dos que ocupavam os muitos lugares vagos das carruagens. A espontaneidade manifestou-se e começaram a surgir ideias para tomar uma atitude. Eis que surge a ideia de um abaixo assinado. Rapidamente a ideia cresceu e num bloco emprestado por um dos companheiros de viagem se começou a recolher assinaturas. O abaixo assinado visava protestar contra a DG/AAC pela forma como mobilizou a Academia para a manifestação em Lisboa.

10.00 horas

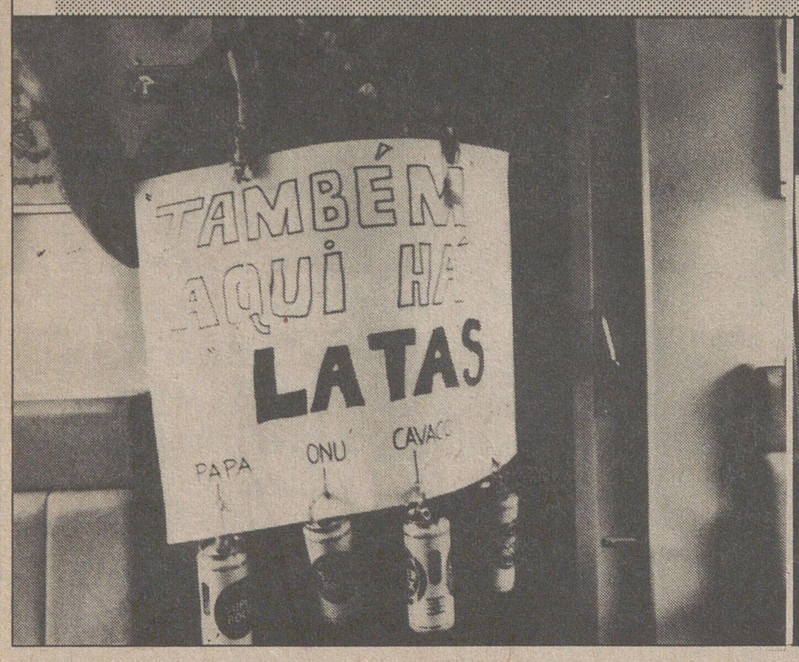
As assinaturas estavam recolhidas e os estudantes começavam a adormecer. O combóio andava devagar, para tanto basta lembrar que a viagem Coimbra-Lisboa demorou quatro horas. Entretanto alguns fotógrafos que seguiam na comitiva fotografavam a feitura de cartazes em cartolinas brancas com marcadores onde se podiam ler palavras de ordem ridicularizando o governo da Indonésia.

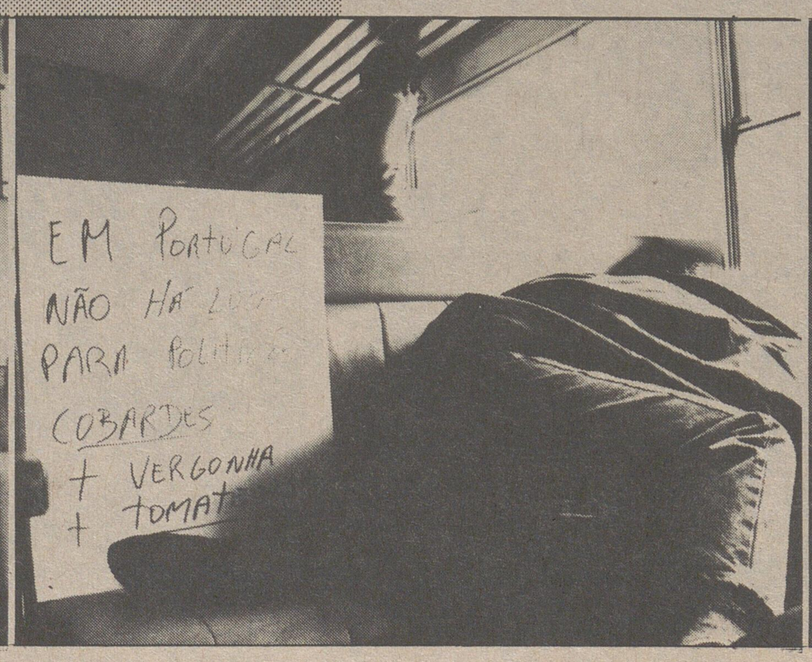
11.00 horas
Chegada a Fátima.

"E se fizessemos uma peregrinação?" "Talvez a N. Sª de Fátima queira ir connosco". Eram algumas frases que se podiam ouvir.

12.00 horas
Santarém

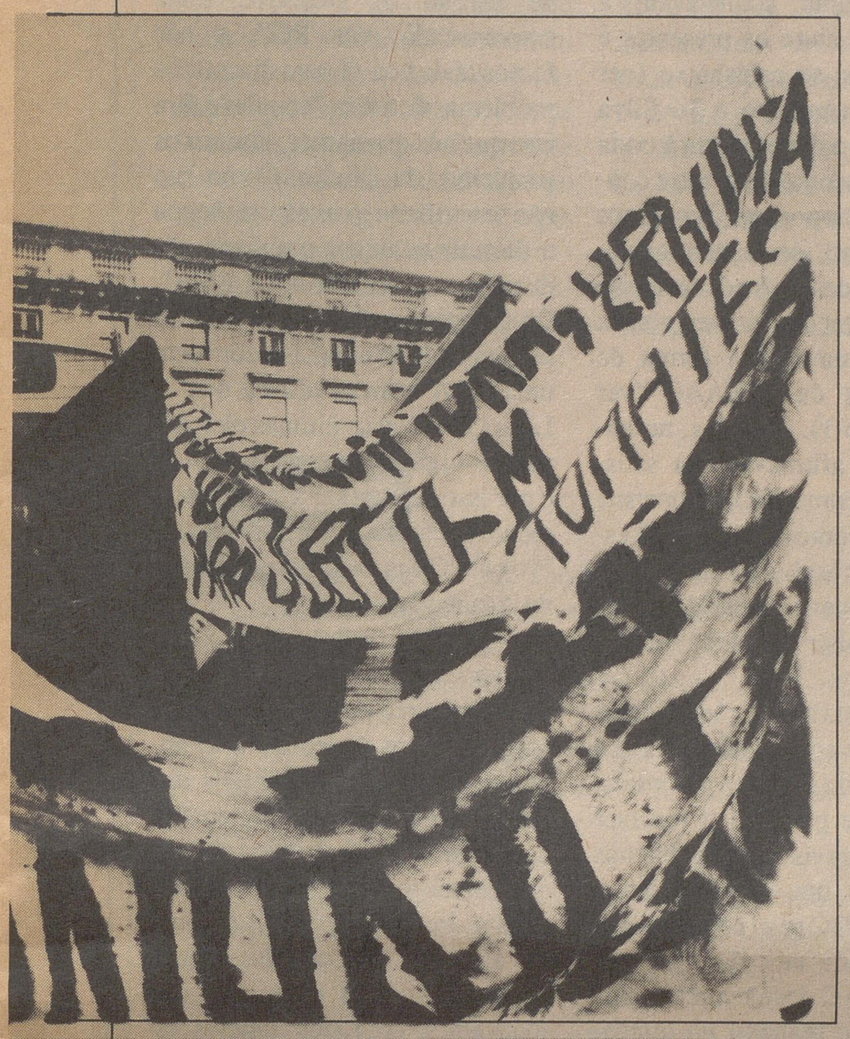
A cem metros ainda da estação uma paragem técnica num sinal vermelho. Um pequeno laranjal dá as boas vindas aos academistas e não demorou a que as capas se abrissem para receber em seu seio tão apetecidos frutos.







BEM INTENCIONADO



13.00 horas
Sta. Apolónia.

Chovia torrencialmente. Dirijimo-nos para o Terreiro do Paço onde enganámos o estômago enquanto fazíamos horas. A manifestação estava marcada para as 15.00 horas.

14.45 horas

Começaram a chegar os primeiros timorenses. Os órgãos de Comunicação Social tentam ser os primeiros na recolha da informação. Há um carro de som que passa música dos Trovante.

15.00 horas

A concentração inicia a sua organização. Mas era necessário esperar mais uma hora.

16.00 horas

Saida da manifestação com destino à Embaixada dos E.U.A.. Muitas pessoas manifestam a sua simpatia pela iniciativa, quer erguendo as mãos, quer através de velas acesas.

17.00 horas

A manifestação atingia o Marquês do Pombal. Era visível um número bastante superior que aderiram.

18.30 horas

Chegada à Embaixada dos E.U.A..

É visível um aparato policial, embora discreto. É feita uma primeira tentativa para entregar as assinaturas de solidariedade com o Povo de Timor, recolhidas em Coimbra, para além de uma carta com algumas preocupações. Foi-nos dito que não se encontrava ninguém na Embaixada. Face a esta manobra de desmobilização a resposta dos estudantes foi peremptória: "Ninguém sai daqui enquanto não nos receberem com dignidade". Por outro lado começam a ser queimadas bandeiras da Indonésia. A polícia reagiu, mas infrutiferamente.

19.00 horas

É feita uma segunda tentativa para entregar ao Embaixador as cartas e as assinaturas. As negociações arrastam-se mais de uma hora, até que um Primeiro Secretário da Embaixada chega de propósito para receber os estudantes. O Primeiro Secratário assina um documento como se compromete fazer chegar ao Embaixador todos os documentos ali entregues.

19.15 horas

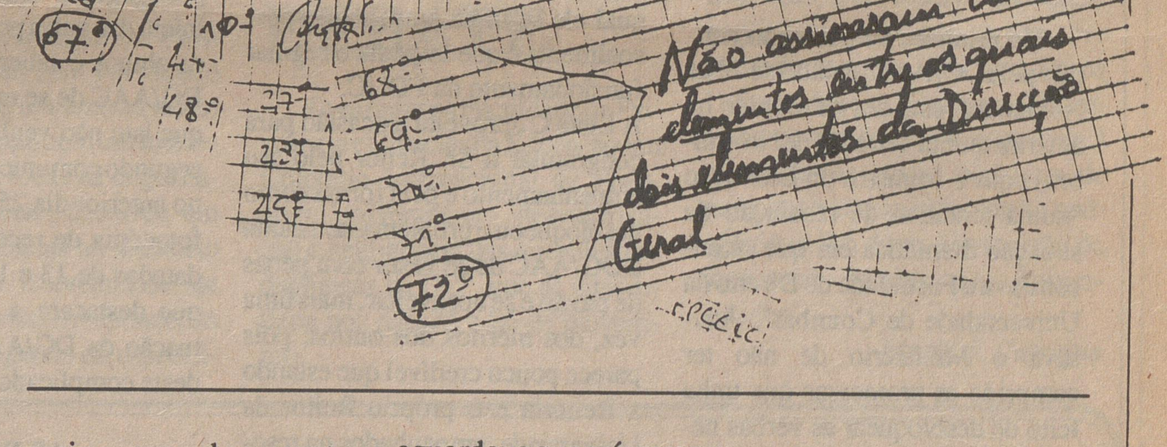
Saída da Embaixada e um grito da multidão que aguardava que saíssemos: "Vitória". Comentário de um colega de Lisboa: "Vocês de Coimbra foram fantásticos. Coimbra é sempre Coimbra".

22.29 horas

Regresso a Coimbra com a sensação de dever cumprido, mas com o trago amargo na boca de que poderiamos ser muito mais fantásticos se a DG/AAC tivesse mobilizado a Academia para esta jornada de solidariedade.

António Vilhena

O PROTESTO





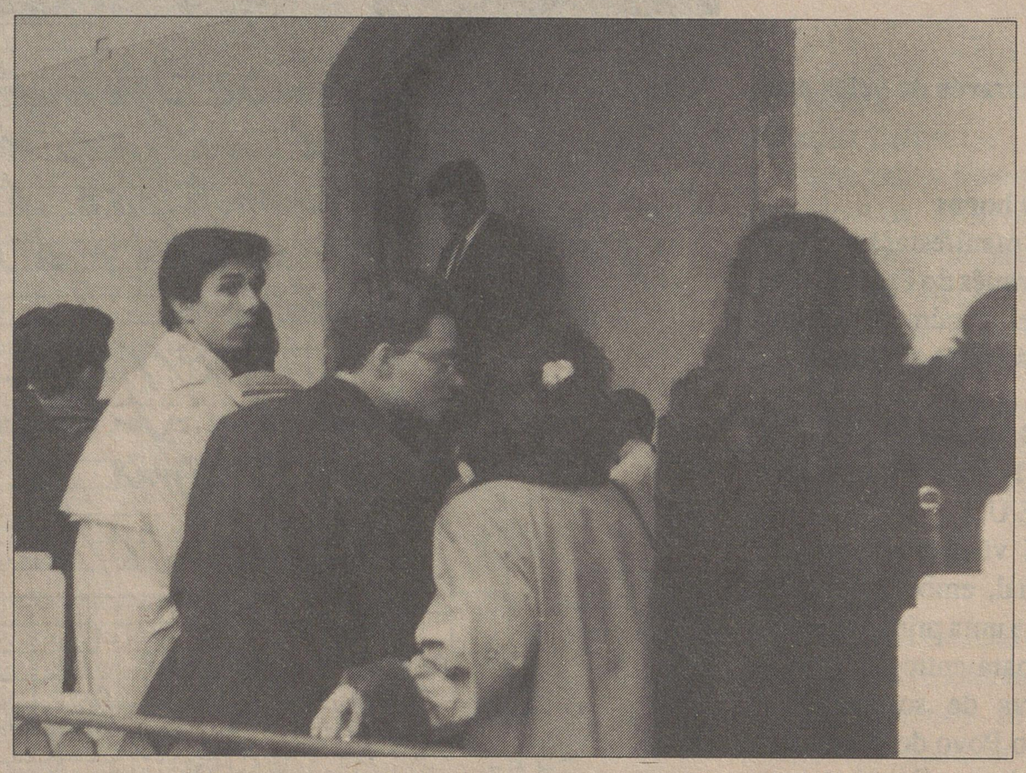




FACULDADE DE DIREITO

FOI VOCÊ QUE PEDIU UMA R.G.A.?

No dia 28 de Novembro iniciaram as aulas na Faculdade de Direito. Na segunda-feira anterior (dia 25) os alunos da FDUC assistiram boquiabertos à RGA mais curta de sempre. Nos três dias decorridos entre estas datas a Faculdade foi bombardeada por uma autêntica guerra de comunicados. Esta história, que ainda se arrasta, terá porventura o seu epílogo esta quinta-feira (dia 12 de Dezembro).



A GUERRA DOS COMUNICADOS

No primeiro comunicado emitido pela DG/AAC, datado de 20 de Novembro, esta diz ter reunido na anterior quinta-feira (14 de Novembro) com o Ministro da Educação "numa tentativa de resolução da situação dramática em que se encontrava a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra". Acusava o Ministério de não ter cumprido as promessas que tinha feito de desbloquear as verbas necessárias para pôr termo à suspensão das aulas e ameaçava "encetar novas e mais duras formas de luta".

Para tal convocava uma RGA para a segunda-feira seguinte (dia 25). Mas eis que começa a confusão. No mesmo dia a DG/AAC emite outro comunicado em que diz ter falado, não com o Ministro da Educação, mas com o seu Chefe de Gabinete e com o Director Geral do Ensino Superior. Tal discrepância veio mais tarde a ser-nos justificada por António Silva, um dos responsáveis na DG pela condução do processo em Direito, pelo facto da Ministério da Educação, esclarece que "perante a perspectiva de um levantamento estudantil, as entidades responsáveis desbloquearam o problema" e conclui que "juntos e com a máxima seriedade, resolvemos esta questão". Afirmam ainda que não permitirão que o atraso sofrido no inicio das aulas acarrete prejuizos a nível pedagógico e curricular para os alunos.

No mesmo dia num comunicado da Reitoria o Magnifico Reitor da Universidade de Coimbra expressa o seu contentamento com a resolução desta questão orçamental, na qual ele se tinha empenhado pessoalmente e que impedia o regular funcionamento da FDUC.

A Lista C aproveita a ocasião para congratular o Sr. Reitor pelo seu empenhamento e pela forma como desbloqueou o problema, acusando a DG/AAC de se vestir com penas de pavão e se aproveitar, mais uma vez, dos méritos dos outros; pois parece pouco credível que estando a Reitoria e o próprio Reitor da Universiade, empenhados na resolução deste problema que tenha sido a DG/AAC a resolvê-lo.

Apesar de toda esta proliferação de papelada o comunicado que mais deu que falar foi o emitido pelo Conselho Directivo da FDUC (25 de Novembro), pois foi tão só na sua leitura que constitui a primeira e muito aguardada RGA para a "tentativa de resolução da situação dramática em que se encontra a Faculdade". Esta "RGA" foi vivamente contestada pela Lista C que, em comunicado à Faculade, acusa a DG/AAC de uma "teatralização de um esquema elaborado num Ministério em Lisboa". Neste mesmo comunicado convoca uma RGA para a quinta-feira seguinte (dia 28) e constata que "para a história fica a RGA mais curta de sempre".

Dia 28 de Novembro, primeiro dia de aulas. Mais uma vez a Faculdade navega num mar de papeis. A DG/AAC distribui uma "compilação" de comunicados. O primeiro, dirigido ao Presidente do Conselho Directivo da FDUC, solicita a este uma "particular atenção para os eventuais prejuizos curriculares e pedagógicos" que este atraso no início das aulas pode acarretar para os alunos e salienta a intenção da DG/AAC de se manter atenta para que isto não venha a acontecer. O segundo comunicado é o já emitido no anterior dia 25 e o terceiro uma fotocópia de recortes de jornais - datados de 13 e 14 de Novembro- que destacam a determinada actuação da DG/AAC na resolução deste complicado processo.

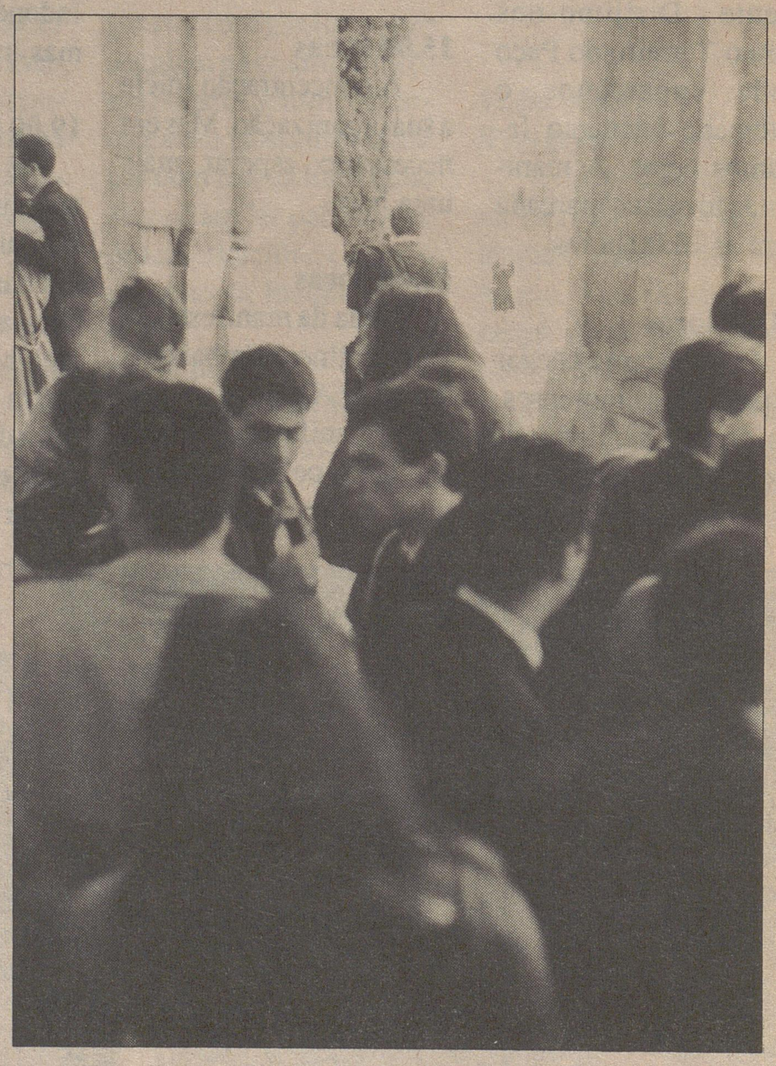
AS RGA´s

A *RGA de segunda-feira, 25 de Novembro*, certamente não cairá tão cedo no esquecimento daqueles que nela "participaram". A sua convocação para a Porta Ferrea desde logo despertou, naqueles mais desejosos de uma verdadeira resolução dos problemas de Direito, uma ténue esperança de que desta vez se iria tomar uma posição de força. Esta expectativa não tardou a ser defraudada. A "RGA" realizou-se na Via Latina -segundo nos disseTó Silva a pedido do Sr. Reitor de que esta não se realizasse na Porta Férrea- e não durou mais de dois minutos. Perante uma audiência estupefacta o Presidente da AAC, Fernando Guerra, leu o comunicado do Conselho Directivo da FDUC e, sem qualquer outra explicação, declarou que a situação estava resolvida e que as aulas iniciarião na quinta-feira dessa semana. Não esperou sequer para responder às questões que entretanto começavam a surgir entre os presentes e afastou-se cabisbaixo (ver foto) enquanto o Tó Silva tentava dar resposta à onda de descontentamento e contestação por parte dos alunos que ali se encontravam. Entre desabafos de desilusão e acusações de prepotência contestava-se a forma de actuar da DG/AAC (ver quado 1). Tó Silva, no entanto afirmava estar satisfeito com a "RGA" e insistia que, como o problema já estava resolvido, não havia qualquer necessidade de consultar os alunos sobre o assunto.

Esta afirmação foi duramente contestada pela Lista C que declarou ser esta uma óptima oportunidade para tentar resolver alguns dos gravíssimos problemas pedagógicos que continuarião a afectar a FDUC caso não lhe fosse dada a devida atenção. Por esta razão a Lista C decide marcar uma RGA que se realizou na quinta-feira, dia 28 pois, nas palavras de Marcos Jolios, um dos seus responsáveis, "a Lista C queria pressionar a DG/AAC para que esta resolvesse os problemas dos alunos de Direito. A DG/AAC tinha convococado uma RGA e nós fomos lá de boa-fé para discutir os problemas da nossa Faculdade. Era isso que nós queriamos, discutir os problemas de Direito. Como isto não se verificou, pois não se chegou a discutir qualquer problema nás decidimos convocar outra RGA". Questionado sobre a questão da legitimidade de uma Lista convocar uma RGA Marcos afirma que "a Lista C venceu as últimas eleições para os orgãos de gestão da FDUC e por isso representamos legitimamente a maioria dos estudantes. O Projecto C é uma força viva dentro da Academia".

A *RGA de quinta-feira, 28 de Novembro* iniciou-se como um autêntico circo político. Entre acusações mútuas de tentativa de aproveitamento político alguns dos presentes pareciam mais interessados em mostrar aos colegas quem é que nesse "jogo" já tinha marcado mais golos, esquecendo-se, como foi afirmado por um dos alunos "neutros", que a bola com que jogavam eram todos aqueles estudantes que ali estavam com a preocupação única de resolver os

Continua na pág.seguinte



Continuação da pág. anterior

problemas desta faculdade. No final da RGA concluiu-se pela criação de um grupo de trabalho cuja tarefa seria informar-se junto dos professores e com estes discutir a forma a adoptar para a resolução do facto de o atraso no inicio do ano lectivo poder levar a que determinada matéria não venha a ser leccionada. No entanto para evitar mais guerrinhas e para que aos olhos de todos os alunos este processo ficasse esclarecido pediu-se a Tó Silva, como representante da DG/AAC, que pedisse a Fernando Guerra que convocasse nova RGA em que se discutiriam os problemas da FDUC e se conjugariam forças para ajudar a resolve-los. Ficou no entanto um aviso "diz-lhe que estiveste numa RGA onde se falou e que isso é o que nós queremos. Diz-lhe que quando vier para uma RGA em Direito tem que vir com tempo e disponibilidade de ouvir os alunos." De facto a grande victória desta RGA foi que os alunos, não só falaram, mas começaram a construir uma plataforma para a resolução dos problemas em Direito.

A RGA a marcar pelo Presidente da AAC deveria ter sido convocada dentro de um prazo de oito dias mas devido a motivos de saúde este só a pode convocar para esta quinta-feira (dia 12 de Novembro).

Teresa Gomes

Quadro 1

Inquiridos sobre o que acharam da RGA a que tinham acabado de assistir e da actuação da DG/AAC na resolução da questão de Direito, eis alguns depoimentos recolhidos entre os presentes após o termino desta.

1. As aulas não deviam começar antes de Janeiro porque nessa altura poderiamos reivindicar uma alteração da matéria (4º Ano.)

2. Não houve conclusão nenhuma. Estiveram a gozar connosco e fica tudo na mesma. Fizeram uma birrinha e prontos (3ºAno).

3. Mas que RGA? Ainda não vi nada (3º Ano).

4. Uma fantochada, fizeram o mesmo que em Medicina. Mais valia afixar um comunicado (4º Ano).

5. Foi uma solução demagógica por parte da DG/AAC (4º Ano).

F.C.T.U.C.

1ª FEIRA DE TECNOLOGIA

Realizou-se entre os dias 25 e 28 de Novembro a primeira Feira de Tecnologia. Esta foi organizada pela Associação de Engenharias da Universidade de Coimbra, que é uma instituição nascida há cerca de um ano e foi resultado da necessidade de criar uma posição diferente para os alunos de engenharias de Coimbra, uma posição equivalente à dos alunos do Técnico e do Porto.

Os seus principais objectivos visam divulgar as engenharias desta universidade e promover a sua ligação com outras instituições congéneres. Esta associação tem carácter apolítico e não tem fins lucrativos, podenodo dela ser sócios os actuais e antigos estudantes, assim como os docentes das engenharias da Universidade de Coimbra.

Tendo como lema principal a ligação entre as engenharias e o mundo empresarial, esta feira foi uma inovação na Universidade de Coimbra, e até mesmo em Portugal.

Esta feira teve lugar no Pavilhão da Telecom, com um espaço de 1200m e teve um âmbito muito alargado, contando com um lote representativo de todas as engenharias. Paralelamente, decorreu um ciclo de conferências no auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra, com vista a responder às várias questões gerais ou específicas, ligadas à engenharia. Logo no primeiro dia, o próprio presidente da A.EUC afirmou: "Abrimos com chave de ouro. Está a ser um sucesso!..." e disso foi testemunho a assinatura dos três protocolos assinados na abertura da feira.

Dentro dos apoios para a sua realização contam-se, entre outros, a Reitoria, a F.C.T.U.C., o Governo Civil de Coimbra, a Câmara Municipal de Coimbra. Quanto ao apoio da Direcção-Geral da Associação Académica, um dos elementos da comissão da organização da feira afirmou que este foi "completamente nulo".

De futuro, a A.E.U.C. espera chegar a um acordo com a A.A.C. e irá propor um protocolo com todas as listas na próxima Direcção-Geral, a fim de evitar conflitos". Também se espera fazer uma publicação periódica com temas ligados às engenharias e com um espaço de opinião para todos os interessados.

Maria J. Catarino

PSICOLOGIA

PEDAGOGIA EM DEBATE

Teve lugar na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação um Cóloquio Internacional de Pedagogia Universitária - "desvalorização e negligência das questões pedagógicas na UC", que se concretizou nos dias 25 e 26 de Novembro.

Este colóquio contou com a participação de professores de cada Conselho Pedagógico das faculdades de Coimbra, e ainda com professores doutras Universidades portuguesas, espanholas e francesas.

Durante o Colóquio fez-se um balanço geral da situação actual da pedagogia universitária e uma prospecção das suas vias de desenvolvimento e foram fornecidas informações sobre o não aproveitamento escolar dos alunos nas diversas faculdades da UC nos últimos cinco anos, nomeadamente no ano lectivo de 89/90, em que a maior taxa de não aproveitamento pertenceu à Faculdade de Economia, que apesar de um ligeiro decréscimo em relação ao ano anterior, atingiu os 40%, e que a menor taxa de não aproveita-mento da Faculdade de Direito.

Psicologia e Ciências da Educação, com cerca de 16%.

O Dr. Manuel Viegas Abreu, do Conselho Pedagógico da Faculdade de Psicologia afirmou que as reformas do ensino universitário tem-se limitado a simples reformulações curriculares ou rearranjos nos planos de estudos não se ousando introduzir alterações ou inovações, por mínimas que sejam, nos domínios dos métodos de ensino, da formação de docentes, da avaliação, e daí a desvalorização e negligência com que as questões pedagógicas têm sido tratadas na Universidade de Coimbra. No entanto, concorda que se começam a notar alguns sinais positivos de mudança para uma renovação pedagógica a fim duma diminuição do insucesso escolar das universidades.

Maria J. Catarino

i386 @ 33MHz - 64Kb de Cache
Mini Tower
4Mb de RAM
85Mb de Disco Duro
SuperVGA Policromático (1024x728, 256 Cores)
Rato & Teclado Português
MSDOS 5.0 em Português
Modem 2400 bauds Interno
Telix V. 3.15 e Agenda

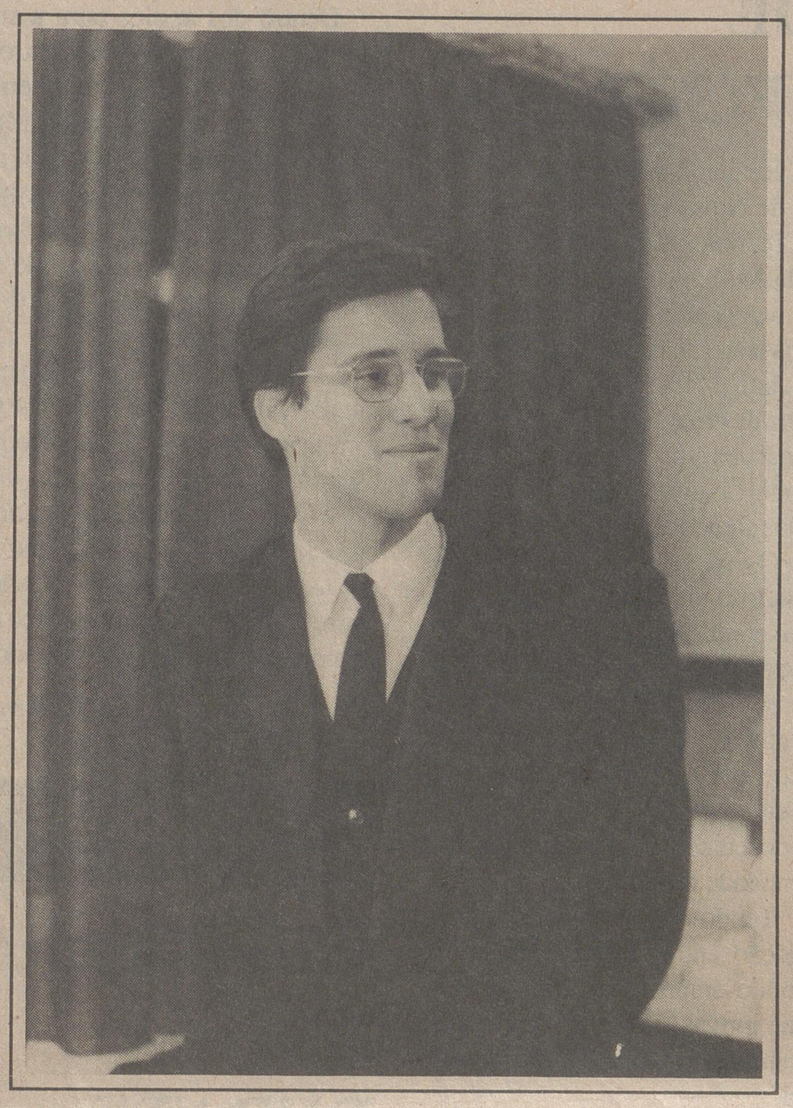
444,191$00
(já com IVA)

Palavras para quê...

Centro de Informática da A.A.C. 3ºPiso (2º Andar) do Edifício da A.A.C. 2ª a 6ª, 10h30-12h00, 14h00-17h00 Telf.: 33685

O NOSSO GUIA

ENTREVISTA COM O COORDENADOR DO "GUIA DO CALOIRO", RICARDO SOUSA COSTA



"A Cabra": Como nasceu esta ideia de fazer um "Guia" para os caloiros?

Ricardo Costa: A ideia nasceu de um grupo de colegas e amigos, na sua maioria de Engenharia Electrotécnica, que se juntaram e resolveram avançar com o projecto. Tudo começou no nosso ano de caloiros, em que andámos para aí um bocado perdidos com os horários e os sítios das coisas, sem perceber muito bem como é que isto funcionava. Era frequente a malta chegar a um sítio, por exemplo à Secção de Textos, e aquilo estar fechado. Depois, por exemplo, se chegávamos a uma qualquer Secção da AAC, assim de repente, nem sempre lá estava gente. Era difícil acertar com os horários de expediente, com a localização das coisas, com a maneira como se fazem as mais variadíssimas coisas nesta Academia.

"A Cabra": Resolveram, então, fazer um guia para que os caloiros não se percam por aí?

Ricardo: Claro que não! Não é só isso. Pensámos em todo o estilo de informações que lhes possam ser úteis, mas nunca numa perspectivade "andar com os meninos ao colo". Quisemos que eles tivessem também, por exemplo, conhecimento sobre o que é a praxe e como, afinal, está organizada. Contactámos, para isso, pessoas que mais directamente a ela estarão ligadas, porque a falta de informação rigorosa e precisa é grande e o que há é uma data de gente que pensa que sabe, mas que se calhar não sabe tanto assim.

"A Cabra": É, portanto, um livro que interessará a toda a gente?

Ricardo: Cremos que sim. Mas isso terá de ser pensado pelka DG/AAC que, provavelmente, quererá apresentar uma segunda edição. Como sabes, foram feitos três mil exemplares pensando nos cerca de três mil caloiros que existem este ano lectivo.

"A Cabra": A distribuição, já reparei que é feita pela mesma equipa que esteve na origem da feitura deste livro. Pretendem com essa medida tornar a iniciativa, mais "amistosa", no sentido de ser o próprio coordenador do livro e não a sua equipa a dizer aos caloiros - sejam bem-vindos! - ? Uma eventual caça ao voto?

Ricardo: Não, nada disso! Fazemos a distribuição nós próprios apenas para que esse acto não se torne impessoal e sinónimo de desinteresse ou distânciação, visto que nos foi sugerido que podiamos colocar o livro na livraria da A.A.C., ou em sítio afim para ser distribuído. Nós recusámos por não ser essa a nossa política, porque estamos desde o princípio muito empenhados neste projecto, independentementedos louros que se possam daqui colher. Se a DG/AAC fosse constituída por outras pessoas, teríamos feito o mesmo.

"A Cabra": Demorou muito tempo organizar esta publicação? As pessoas, entidades e organismos reagiram bem, à vossa proposta de participação?

Ricardo: Ao princípio foi muito difícil arrancar com este projecto porque, por mais que nós explicássemos e falássemos da seriedade deste nosso projecto, as pessoas dificilmente acreditavam que esta tarefa seria possível. Mas lá se dispuseram a colaborar, enviaram textos, a maioria tarde e a más horas, foi preciso andar sempre em cima das pessoas por causa dos prazos. Depois lá foram aparecendo os textos da Secções, dos Organismos, das entidades. Houve pessoas incansáveis, como o dr. Teixeira Santos do Museu Académico que, apesar da sua idade, participou com entusiasmo neste projecto, quer facultando-nos preciosos elementos de consulta, quer escrevendo ele próprio textos rigorosíssimos sobre a história dos principais acontecimentos académicos. Ou ainda a Susana Paiva, a fotógrafa, que mesmo na véspera da sua partida para Inglaterra realizou um importante trabalho de documentação sobre as Repúblicas e os Solares, fotografando a maioria deles numa tarde.

"A Cabra": E em termos de dinheiro? Foi fácil arranjarfinanciamentos para esta publicação?

Ricardo: Ao princípio, lá está, foi muito complicado fazer as pessoas entenderem porque é que deviam dar dinheiro para este projecto. Nós julgávamos, à partida, e um pouco ingenuamente, que os subsídios oficiais seriam mais do que suficientes. Até porque inicialmente o livro era para ter cerca de duzentas e quarenta páginas. Mas depois, quando começaram a dar entrada os textos e começámos a fazer contas, já íamos em trezentas e tal páginas. Tínhamos que nos desenrascar, fomos pela cidade vender espaço para publicidade.

"A Cabra": mesmo assim, parece que existiram uns problemas na tipografia. Queres contar-nos?

Ricardo: Estivemos cerca de um mês na Lousanense supervisionando os trabalhos de impressão do livro. Mesmo assim, quando saíram os livros de prova vinham com um defeito, uma folga notória na lombada. Foi preciso atrasar a distribuição uma semana para dar tempo a que a falha fosse suprimida. Claro que foi aborrecido irmos para a conferência de imprensa apenas com trinta exemplares e naquel estado, mas explicamos às pessoas o que tinha acontecido e, uma semana mais tarde, distribuímos o livro sem problemas. Foram todos muito compreensivos.

Maria Redondo

O "best-seller" académico do ano

No passado dia 28 de Novembro, a Direcção-Geral da Associação Académica, através do seu Gabinete de Apoio ao Estudante (G.A.P.E.), fez a apresentação pública do "Guia do Caloiro". Publicação em forma de livro con trezentas e cinquenta e duas páginas que apresenta a Universidade, a Academia, as suas encruzilhadas e labirintos, dos estudantes recém-chegados a Coimbra.

"É objectivo principal desta inciativa possibilitar uma maior e mais rápida integração do caloiro na comunidade universitária, dando-lhe a possibilidade de melhor conciliar a sua vida de estudante com as sempre necessárias e enriquecedoras actividades extra-curriculares, proporcionadas pela nossa Academia" - referiu Ricardo Sousa Costa, coordenador deste Guia, em nota distribuída à imprensa na conferência que se realizou no Mini-Auditório da A.A.C.. Contando com presença do Vice-Reitor Prof. Pinho Brojo em representação da Reitoria da Universidade, do Eng. Carlos Páscoa representando o Instituto da Juventude e de Fernando Guerra na qualidade de presidente da Direcçõa-Geral da A.A.C., na efeméride foi debatida oportunamente a questão da recepção e integração dos caloiros na comunidade académica, ilustrada com coloridos depoimentos dos intervenientes. Para além dos discursos da praxe, foi apresentado pela voz do seu coordenador, o valor de custo do Guia - cerca de mil e quinhentos contos -, pagos parcelarmente pela Reitoria, pelo Instituto da Juventude e, na sua quase totalidade, pela publicidade.

A distribuição gratuita do livro aos cerca de três mil alunos que frequentam pela primeira vez o primeiro ano de um curso da Universidade de Coimbra, foi feita ao longo da semana sobreveniente pelos organizadores do Guia, que para o efeito se deslocaram às faculdades e aí entregaram os livros dos interessados, mediante troca por uma senha que os caloiros, previamente, receberam no acto de matrícula.

Sobre o conteúdo do livro, podemos adiantar que, para além de apresentar um trabalho interessante sobre as secções da Associação Académica e um estudo breve mas cuidado sobre as Repúblicas, inclui ainda depoimentos do Magnífico Reitor, do Dux Veteranorum, do Governador Civil e do escritor Miguel Torga. Sempre em estilo fácil que convida à leitura, este guia apresenta-se como um verdadeiro utilitário de informaçãoes nem sempre acessíveis ou facilmente memorizáveis, tão imprescindível a esta Academia como a lista dos telefones aos CTT/TLP. Contudo, para além da sua utilidade imediata, o Guia contém ainda outra sorte de informações de índole pedagógica, aconselhando e orientando o caloiro no sentido de tirar melhor aproveitamento do seu estudo. De salientar ainda o carácter informativo-lúdico desta publicação, que de uma forma divertida e descomplexada, procura, no entanto, alertar os espíritos para a orgânica da vida académica, focando temáticas que vão desde a apresentação das tradições académicas, com todo o seu cortejo de histórias de encantar, até à divulgação dos famigerados estatutos da Universidade.

Assim, este Guia acaba por focar todo um leque de assuntos que interessam a toda a gente e não só aos caloiros. Mas a sua publicação é restrita e circunscreve-se aos estudantes do primeiro ano, aparentemente esquecendo ou pondo de parte todo o restante universo universitário. Falha lamentável, no nosso entender, umas a que se juntam as esperanças do seu coordenador que nos informou que o "Guia do Caloiro" poderá vir a ter uma segunda edição. Para já, cumpridas as missões para alguns, atingidos os objectivos para outros, agradavelmente favorecidos ainda outros, o livro surge como uma espécie de "best-seller" do ano, não fosse ser a sua distribuição gratuita. Caloiros da Academia, uni-vos à volta dele!

M. R.

FCTUC

A POLÉMICA DAS ELEIÇÕES

Dia 12 realizar-se-ão as eleições para os órgãos de gestão da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, num esquema algo complicado pelo novo Regulamento Interno que, recorde-se, veio alargar para 150, entre executivos e suplentes, o número de elementos de cada Lista. Concorrem a estas eleições a Lista C, a Lista D e a Lista I. A Lista C e a Lista D são conotadas partidariamente com a JS e a JSD respectivamente, embora ambas se afirmem independentes dos núcleos partidários e compostas por elementos das mais variadas opções políticas. Quanto à Lista I, afirma--se independente e tem por base um conjunto de alunos que, tendo participado no conselho de elaboração do Regulamento Interno da FCTUC, se reuniram em torno de João Paulo Saraiva, o seu cabeça-de-lista, e resolveram avançar para os órgãos de gestão.

A Lista C tem como cabeça-de-lista Rui Correia que, questionado sobre quais os grandes problemas da FCTUC, apontou primeiro a desaquação quanto a ele existente entre os curriculos e a vida prática. Como solução aponta o contacto permanente com o mercado de trabalho, nomeadamente Ordem dos Engenheiros e o que vier a substituir o Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC). Quanto a realizações como a Feira de Empresas ou a de Ciência e Tecnologia, considera-as iniciativas pontuais com poucos efeitros práticos. Na sua perspectiva, os contactos terão que ser permanentes e institucionais. Refere ainda a pouca falta de vontade entre os docentes para encarar este problema, o que se ficaria a dever à sobrecarga de trabalho a que se encontram submetidos.

Em segundo lugar aponta o insucesso escolar e o nível invulgarmente alto de reprovações em determinadas cadeiras. Como solução sugere o cumprimento do novo Regulamento Interno, que prevê a instauração de um inquérito pedagógico sempre que tal suceda.

Rui Correia não esquece o problema da falta de instalações e promete fazer as pressões possíveis para que as obras do Pólo II cumpram os prazos. No plano geral quer apresentar-se como uma Lista reivindicativa e irreverente, não hesitando em acusar os membros da Lista C de por vezes terem um certo receio de enfrentar os professores.

A Lista D apresenta como cabeça-de-lista Rodrigo Pina, aluno do 4º ano de Eng. Química. Como grande aposta a transparência que se conseguirá com a afixação das actas das reuniões em locais de fácil acesso e a edição de um Boletim Informativo geral e possivelmente de um por Departamento. Assim, os estudantes teriam fácil acesso a informações vitais como o são a concessão de bolsas ou as formas de concorrerem ao Erasmus. No ver de Rodrigo Pina, se os estudantes são pouco participativos isso deve-se em grande parte ao facto de não estarem informados sobre a vida da sua Faculdade. Quanto à questão das instalações, que na FCTUC se liga indissoluvelmente à do Pólo II, a Lista D pretende começar desde já a planear a distribuição dos espaços a construir de forma a que fiquem salvaguardados os interesses dos estudantes e da FCTUC. Em relação ao nível de reprovações a Lista D afirma que irá tentar identificar e minorar esses problemas para além de pretender instalar um qualquer sistema de avaliação de docentes.

Quanto à lista, Rodrigo Pina define-a como um conjunto de pessoas empenhadas e sérias: "Nós não afirmamos que as propostas do Regulamento Interno tenham sido da nossa autoria.".

A Lista I apresenta como cabeça-de-lista João Paulo Saraiva, membro da Direcção da RUC e matriculado pela 6ª vez no curso de Eng. Civil. Como grande linha de força da campanha, a Lista I apresenta a informação aos estudantes, que no seu entender será a única forma de levar os estudantes a uma participação mais activa. Assim, propõe RGAs mensais por Departamento, um horário de atendimento por parte dos eleitos nos órgãos de gestão, medidas estas que possibilitariam o necessário feedback alunos/órgãos de gestão. Propõem ainda a edição de um Guia do Estudante anual, e a criação dentro do serviço de alunos de um centro de informação aos estudantes. Quanto ao problema das instalações, João Paulo Saraiva considera que enquanto não chega o Pólo II será necessário melhorar a gestão dos espaços e não exclui a possibilidade de "saltar" para outras Faculdades, quanto a ele subaproveitadas.

Em termos pedagógicos, também a Lista I considera necessária uma avaliação dos professores. Avança mesmo com um sistema em que os alunos votarão os melhores professores, aos quais será atribuído um prémio. Quanto à preparação pedagógica dos professores, que a Lista considera indispensável, João Paulo Saraiva pretende intervir da forma possível na elaboração do novo Estatuto da Carreira Docente. De forma a que isso fique consagrado, lança o aviso:"A investigação não pode ser sobrevalorizada em relação à questão pedagógica". Defende ainda que devia existir a possibilidade de recurso sem qualquer espécie de repercussão na avaliação.

João Paulo Saraiva levanta ainda a lebre da falta de meios e defende que internamente a Faculdade de Ciências irá ter que saber distribuir melhor os seus meios e que as Engenharias têm saído prejudicadas na distribuição das verbas.

É portanto numa Faculdade assolada pela falta de verbas e instalações e a braços com um Regulamento Interno que tem agora a sua prova de fogo que se irá desenrolar a peleja. Quanto ao vencedor, é esperar para ver.

VILHENA LANÇA LIVRO

"AZUL AO FIM DA NOITE" é o título do novo livro de António Vilhena. O autor da "ETERNA PAIXÃO DE NUNCA ESTAR CONTENTE" revelou ao nosso jornal que "este livro, a sair no próximo semestre, é o reencontro com o imaginário nocturno dos artistas que alimentam as ilusões à custa das migalhas creativas que se adicionam lentamente".

Com a chancela de uma grande editora, António Vilhena promete o romance há muito esperado.

"É a história de uma mulher que se multiplica em personagens, chegando ao requinte de mudar de nome, tudo para mascarar as misérias humanas".

Eis um pouco da história que se poderá ler em "AZUL AO FIM DA NOITE" lá para a Primavera do próximo ano.

Fiquemos à espera.

A CABRA

FICHA TÉCNICA

Director: José de Albuquerque
Director Adjunto: Teresa Gomes
Redacção: António Nunes, Carla Silveira, Eduardo Jorge, João Paulo N'Ganga, João Saraiva, José de Albuquerque, João Garção, Pedro Meneses, Teresa Gomes.
Colaboradores: Prof. Dr. Manuel Rodrigues, Cândida Silva, José Diogo, José Manuel Machado (FEUP), J. Paulo Pimenta, José Jorge, Luis Nuno, Rui Cunha, A. Mota Pinto, Maria Catarino, António Vilhena, Mª. Antónia Dórdio, Carlos Santos, João de Castro, Manuel (o caloiro), Alberto Rodrigues, Maria Redondo.
Repórteres Fotográficos: Teresa Gomes, Rui Cunha, Susana Paiva, Armando Jorge.
Revisão: Carla Silveira, Pedro Meneses.
Grafismo e Montagem: Armando Jorge, José de Albuquerque.
Impressão: Tip. Lousanense
Tiragem: 3000 exemplares
Departamento de Publicidade: Tel:(039)38475
Redacção e Administração: R. Padre Art. Vieira, nº1
Propriedade: Secção de Jornalismo da A.A.C..
Agradecimentos: Nuno Faria (FEUC), Ricardo Costa, Rui Veríssimo, aos Croissants e ao whisky Grants.

Caderno FITAS:
Coordenadores: António Nunes, António Piedade.
Fotografia: Armando Jorge
Grafismo e Montagem: Armando Jorge.

A CABRA
O JORNAL DA ACADEMIA

FEIRA PERMANENTE DO LIVRO



Compra e Venda
Livros novos, usados, antigos, curiosos e velhos.
Postais, mapas, revistas, jornais, etc.
5 Anos ao serviço da cultura
ARCO DA ALMEDINA, 33 - 35 COIMBRA

Vem comprar na A.A.C...

Papelaria
Fotocopiadora
Livraria
Material Desportivo
Campismo e Turismo
Bar

... Para te servir melhor

BÚ-FALOS BILIS
O CONCRETIZAR DE UM SONHO



Embaixada da República Ay-Ó-Linda num jantar nos Bú-falos Bilis

Foi, com grande alegria que, no dia 1 de Junho de 1986,um grupo de Estudantes se instalou no 2ºandar do nº 347 da Rua do Brasil. Era um nosso sonho antigo a criação de uma República,com tudo o que isso implicava, não só o espaço físico, mas também a própria vida comunitária dentro de um espaço académico e que, portanto, fosse não só nosso, mas de quem dentro da Academia dele quisesse desfrutar.

Era, então, voz corrente que a criação de uma nova República era um objectivo impossível de concre-tizar, já que os proprietáios das casas não estariam na disposição de arrendar uma casa para um tal fim e, uma vez que a Assembleia da República tinha aprovado uma lei de protecção às Repúblicas estudantis, o facto impedia-os, à partida, de nos moverem quaisquer e eventuais acções de despejo. A criacção da nossa casa veio provar que não existem impossibilidades metafísicas quando se trata da vontade dos homens.

Surgiu, então, a necessidade de baptizar a casa, a qual, depois de acesa algazarra, foi baptizada como Real República dos Mymozus do Calhabé. Reza o código da praxe que compete ao Conselho de Repúblicas aprovar a criação de novas Repúblicas. Como, no entanto, este, aquando da fundação da nossa casa, já não reunia há bastantes anos, dirigimo-nos à Reitoria, onde fomos prontamente informados da Lei nº2/82. Esta Lei declara as Repúblicas património nacional e protege-as de eventuais acções de desapropriação. Ainda segundo esta Lei, a aprovação de uma nova República é feita pela Reitoria, depois de ouvidos o CR e a DG/AAC. Por lapso não nos informaram da conveniencia em contactar as Repúblicas uma a uma, a exemplo do que aconteceu com o Solar 44. Tendo sido informados de que o Conselho de Repúblicas não reunia há já alguns anos, encetámos conversações com a então DG/AAC. Esta dá o seu sim oficioso , decidindo-nos nós, então, a mandar fazer uns autocolantes com o fim de conseguir algum dinheiro, e ao mesmo tempo, divulgar na academia a nossa casa. Eis que alguém vê os autocolantes ainda estes se encontravam na tipografia, e decide recriar urgentemente o CR..Falou-se, então, no nosso caso, nunca tendo nós sido ouvidos pelo CR, hierarquizando-se, então, as casas de acordo com a sua idade, por forma a impossibilitar o nosso reconhecimento a curto prazo Depois de se tentar desfazer o mal-entendido que houve aquando da fundação da nossa casa, pois nunca foi nossa intenção lesar as Repúblicas ou o CR nas suas competências e discricionaridades, tentando o diálogo por todos os meios, tais como cartas e embaixadas às diversas Repúblicas, bem como através de comunicados à academia e, uma vez que tal era impossível de momento, foi decidido que passaríamos a denominar-nos Bú-Falos Bílis e que, por ocasião do nosso 3º Centenário, nos iríamos proclamar como Principado. Sendo criado por nós, este título não levantaria polémica, continuando contudo a ser nosso desejo sermos um dia reconhecidos como República por parte do CR.

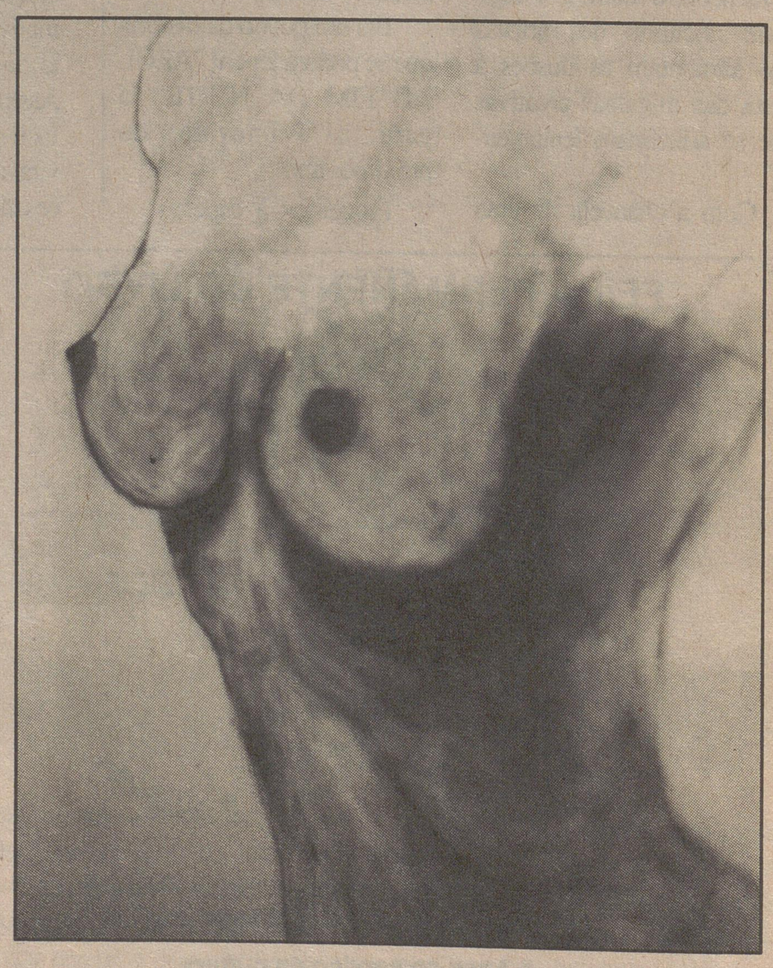
As Repúblicas sempre foram ao longo da sua história uma das estruturas mais dinâmicas da Academia de Coimbra, tendo, contudo a partir de meados dos anos 70, entrado em declínio, atravessando algumas delas uma profunda crise, não só no que concerne ao seu espaço físico mas, também da sua vivência interna. Em 1986 as diferentes casas tinham já sofrido uma profunda reestruturação, começando, então, a sentir-se a necessidade de recuperar os edifícios onde se encontravam instaladas, e também de criar uma nova dinâmica, sendo para tal importante restaurar o CR. Apesar deste, ao ser de novo criado, o ser em grande medida para impossibilitar a nossa oficialização, podemos afirmar com uma certa dose de orgulho, termos sido nós os despoletadores da sua refundação, pois devido à sua extrema importância e peso histórico, cultural vivencial, torna-se necessária a existência de um órgão que assegure a defesa dos interesses das Repúblicas.

Ao longo da nossa já longa existência de quase 6 Séculos Académicos, foram já muitas as pessoas que passaram pela nossa casa e muitas as histórias que fazem par-te do nosso património. Recordo pessoas como o Zé Pedro, o Pedro Ivo, o Luís, o Miguel e o Grego, entre aqueles que já não se encontram em Coimbra, e ainda o Zé Nuno e o Garrano, os quais, apesar de ainda se encontrarem no nosso meio académico, já não habitam nos Búfalos, entre muitos outros.

Sempre temos sido, tal como era nosso objectivo inicial, uma casa aberta ao resto da academia e às diversas iniciativas académicas. Foi assim que fomos a única casa a participar no cortejo da AAC por ocasião do seu 1ºCentenário, e ainda a única a participar num cortejo da Queima das Fitas desde a restauração da Praxe. O facto de sermos praxistas é, aliás, algo que sempre nos tem distinguido, e isto sem fundamentalismos praxistas de qualquer espécie, sem qualquer xiitismo. Sempre entendemos a praxe como uma forma de fomentar o convívio académico e não como um gozo fútil, cujo fim se esgota em si próprio. Desta forma, temos contribuído ao longo da nossa existência para atenuar os antagonismos entre praxistas e anti-praxistas. Se, quando da nossa fundação, éramos a única casa a usar capa e batina, hoje em já muitas Repúblicas há quem a vista. Não quero com isto afirmar que seja nosso o mérito ou desmérito de tal facto, contudo sentimos ter de algum modo contribuído para o efeito, com a nossa visão da praxe e da realidade académica. Sempre entendemos as Repúblicas como uma instituição sui generis na realidade académica nacional e internacional, das quais todos nós nos devemos orgulhar e isto, ao contrário de certas pessoas que, por não terem sido recebidas no seu seio, as declararam "como casas de prostituição e de droga".

É nosso desejo sermos reconhecidos a curto prazo pelo CR, não só porque se aproxima o prazo definido pelos estatutos do Conselho para podermos ser aprovados como Solar, mas também porque só assim poderemos assegurar a continuidade da casa para as futuras gerações de estudantes.

JOSÈ CARLOS ALMEIDa-MOR DOS BÙ-FALOs BÍLIS



Um dos Murais da República

O QUE PENSAM AS REPÚBLICAS

Coordenação:
Teresa Gomes
José Manuel Jorge

Sobre a polémica questão da promoção ou não do Principado Bú-falos Bilis a solar recolhemos a opinião de várias casas. Aproveitámos também para pedir a opinião destas sobre o surgimento de novas casas.

Comuna dos Galifões

Em resposta à pergunta que é colocada, gostaria de esclarecer que os "Búfalos" ao autoproclamarem-se República disseram claramente que ignoravam o Conselho de Repúblicas e os seus estatutos e não necessitavam dele para nada.

Não vejo qual o interesse em aceitar no Conselho gente que negou qualquer legitimidade a um orgão que existe por vontade expressa e unânime de todos os Repúblicos.

Além disso, qualquer casa que requeira a sua aceitação pelo Conselho de Repúblicas, no caso de ser aceite, assume responsabilidades e usufrui de direitos na condição de Solar. Só mais tarde poderá vir a ser República.

Também não somos nem pretendemos correr o risco de constituirmos uma associação com o objectivo de patrocinar a defesa de inquilinos, ao reconhecermos como parte integrante do Conselho casas que não o são, pelo seu espírito, pela sua cultura e cujo objectivo seja o de usufruirem da lei que protege a existência de Repúblicas.

Real República do Bota-Abaixo

1. Concordamos com a criação de novas Repúblicas, desde que reúnam os requisitos materiais (essencialmente vivência em espírito comunitário com franca camaradagem) e requisitos formais (por ex., detenção de um espaço físico) necessários para que o Conselho das Repúblicas aprove a passagem dessa casa a "Solar" (fase inicial da sua evolução que a levará a "Real República").

Quanto ao modo por que se deve processar a formação duma nova "casa", o CR apreciará a candidatura de uma casa ao status de "República" (habitualmente "apadrinhada por uma República já existente), mediante uma avaliação dos referidos requisitos.

2. Não nos parece ser nem a altura nem o sítio certo para darmos uma resposta a essa pergunta, uma vez que será num eventual C R convocado para esse efeito que nós nos pronunciaremos sobre o assunto. Se respondessemos agora teríamos a sensação de termos sido interpelados numa prospecção de mercado.

República dos Kágados

O reconhecimento de qualquer casa comunitária como Solar ou República obedece ao regulado nos Estatutos do Conselho das Repúblicas, em vigor desde 15 de Dezembro de 1986. O diploma determina, no artigo 4º, título VII, que a "passagem das casas comunitárias a Solar não terá lugar antes de decorridos seis anos de manifesta existência como tal". A norma citada tem carácter imperativo e o único órgão com competência para deliberar sobre a matéria é o CR. Outra interpretação não seria admissível face à proteção legal de que as Repúblicas gozam ao abrigo da Lei 2/82, aprovada pela Assembleia da República nesse mesmo ano.

A lei 2/82 inviabilizou o prosseguimento de acções de despejo movidas por alguns senhorios contra Repúblicas existentes há várias décadas, e commummente reconhecidas como tal (pelas Repúblicas, Reitoria da Universidade e Associação Académica).

Ao estabelecer um mínimo de seis anos para encarar o eventual reconhecimento de uma casa comunitária como Solar, o CR convencionou que esse seria o período em que a casa revelaria indícios de continuidade para além da geração dos fundadores. Hoje, a experiência demonstra-nos que nem sempre é assim. Um estudante necessita, normalmento, de mais de seis anos para se licenciar, quer por razões de alongamento dos cursos (é o caso do ano psicopedagógico), quer devido aos chumbos sucessivos. Tais factos deverão levar o CR a uma redobrada ponderação das decisões.

Ao reconhecer uma casa comunitária como solar, os Estatutos do CR apenas lhe abre a possibilidade de participar nas reuniões como meros observadores, sem direito a voto (artigo 5º, título II).

A "Casa da Praça", com várias décadas de vivência em regime de comunidades de estudantes, conseguiu o estatuto de solar há cerca de dois anos, mas ainda não é membro de pleno direito do CR, apenas mero observador.

Por conseguinte, julgamos que a passagem de uma casa comunitária a Solar deverá ser cuidadosamente ponderada, sem pôr em causa as Repúblicas de Coimbra, ou ainda colocar em risco a manutenção do regime legal de excepção em vigor.

República Ninho dos Matulões

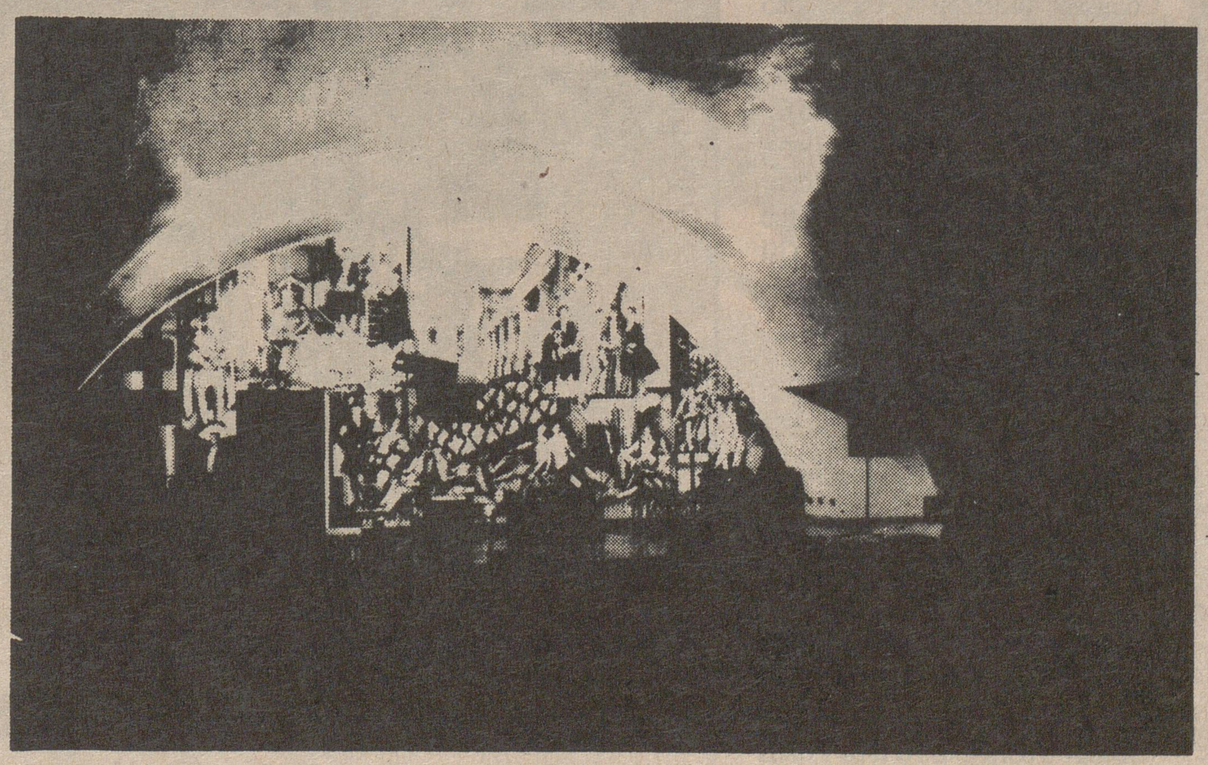
O Ninho dos Matulões vê com bons olhos o surgimento de novas casas comunitárias em que o colectivismo, a solidariedade, o humanismo e a vontade de fazer sejam valores reais e palpáveis entre os seus membros. Em todo o caso, querendo estas aspirar a solares, devem seguir as orientações emanadas pelo Conselho de Repúblicas a respeito de tal.

Independentemente de termos ou não chegado a um parecer em relação à promoção da casa comunitária Bufalos Bilis a solar, entendemos que tal decisão deve ser apresentada e discutida em Conselho de Repúblicas, órgão competente para a resolução de casos como este, sendo a sua posição a que deverá merecer significado e relevo.

República Rápo-Táxo

1. A nossa posição relativamente a esta questão, é sempre pela receptividade, pois julgamos que mais um solar em Coimbra nunca é um espaço a mais. No entanto, para isso ser possível, uma casa pretendente tem que estar em consonância com o espírito que rege estas casas. E estar também dentro dos parâmetros exigidos pelo Conselho de Repúblicas.

2. Devido às posições adoptadas ao longo dos tempos, por pessoas que se autoproclamaram como Repúblicas sem serem legitimidadas como tal, a actual posição da República Rápo-Táxo, é pura e simplesmente não dar significado a tais pretensões. E isto, porque não reconhece tal grupo com a postura necessária para o objectivo pretendido.





A FESTANÇA DO



De 21 a 26 de Novembro, realizou-se mais uma Recepção ao Caloiro, a denominada Festa das Latas e Imposição de Insignias. Este ano teve uma particularidade: não contou com a Faculdade de Direito. Para António Pinheiro, responsável da Direcção Geral na organização "a Festa já não se compadece com amadorismo, nem podemos estar à espera de saber se esta ou aquela Faculdade abre ou não". Para Pedro Cabral, Dux Veteranorum, não devem ser atribuídas grandes responsabilidades à organização, pois, nunca se soube ao certo quando iria abrir a Faculdade de Direito.

... OUTRA VEZ TIMOR

A Festa deste ano foi tudo menos pacífica, podendo mesmo dizer-se que foi a mais quente e emotiva dos últimos anos. De facto depressa o ambiente aqueceu, às 00.00 horas de Sexta-Feira, davam-se, como é tradicional, os primeiros acordes da Monumental Serenata. A abrir a Serenata o grupo praxis Nova, que a meio da sua actuação convidou toda a assistência a entoar em conjunto a "Trova do Vento Que Passa", em homenagem a Timor, sendo correspondido pela grande massa dos estudantes. A secção de Fado, o Conselho de Veteranos, e mesmo António Pinheiro, são de opinião que a forma escolhida para homenagear o povo de Timor não foi a mais correcta. Pinheiro diz que não concorda. "Em termos de tradição não estou habituado a ver coisas destas." A secção de Fado, num comunicado enviado à Redacção de "A Cabra" refere, "situações que tocam a fronteira da irresponsabilidade infantil" (ver caixa). Para Pedro Cabral, foi "um procedimento errado, um grupo tomar uma atitude sem ter falado com os outros grupos". O Dux dá mesmo uma sugestão: "Se se queria fazer uma homenagem, podia ter-se feito uma letra dedicada a Timor". Para o grupo Praxis Nova, "É mais importante a liberdade de um povo, que estas questõezinhas de praxe doentia e ultrapassada" (ver caixa).

O MAL AMADO

Se a Serenata não foi pacífica, muito menos o foi o Sarau. Tudo decorria dentro da normalidade, com a já tradicional irreverência de Baco, que nestas alturas é rapaz pouco inibido, quando no palco surge a figura do Presidente da Direcção-Geral da AAC para o seu tradicional discurso. Nos planos não estava por certo o coro de apupos e assobios com que o Presidente foi "calorosamente" recebido. Recompostos os ânimos, chamou-se ao palco a Comissão Central da Queima das Fitas e o Dux Veteranorum, para que fosse entregue uma chave em cartão simbolizando a entrega do autocarro que a Comissão ofereceu à Associação Académica. Fernando Guerra diz-se emocionado e pede frouxamente um FRA, mas mais uma vez não foi correspondido. Entre novos apupos, o Presidente e a Comissão abandonam tristes e cabisbaixos o palco do Teatro Académico de Gil Vicente. Os estudantes têm destas coisas...

CORTEJO

Alegres e contentes, lá fomos todos nós em mais uma alegre procissão pelas ruas da nossa Lusa-Atenas. Este ano, como novidade e com não menos polémica, surgiu à cabeça do cortejo a Tertúlia Praxis Dixit. Uma coisa é certa, pode ou não gostar-se dos rapazes, mas que eles deram nas vistas, lá isso deram. Muito organizadinhos, com as suas hierarquias bem definidas, lá iam eles abrindo o Cortejo que mais uma vez foi muito pobre, falho de imaginação e de espontaneidade. Igual opinião tem Pedro Cabral, para quem a Festa se está a tornar uma imitação daquilo que se faz em todas as outras Universidades. Em relação à Tertúlia Praxis Dixit, Cabral diz que não pôde estar presente e que por isso mesmo se escusava a fazer qualquer comentário. Pinheiro, pelo contrário, estava satisfeitíssimo com o Cortejo: "Foi o maior de sempre.". Em relação à Tertúlia, diz não ter opinião, mas de qualquer maneira considera que "não foi relevante a sua participação".

A MINI-QUEIMA

O programa de festas assemelhava-se a uma cópia da Queima das Fitas. Pinheiro justifica que a Festa ganhou um grande dinamismo, que se acabou com o amadorismo, e encara a comparação feita com a Queima das Fitas como um elogio e um incentivo. Opinião contrária tem o Dux Veteranorum "está-se a tentar fazer um programa de festas que não tem razão de ser". Para Pedro Cabral, existe uma grande desinformação por parte do estudante, considerando ainda que a Festa das Latas não é nem deve ser uma Mini-Queima "é preciso que as pessoas saibam o que representa a Festa das Latas e a Imposição de Insígnias". O Dux é de opinião que de uma vez por todas se faça a distinção entre a Festa das Latas e a Imposição de Insígnias, em vez de se juntar tudo no mesmo saco. "Não houve Latada, não houve Cortejo, houve um amontoado de gente", Cabral diz sentir uma "apatia geral". Como sugestão para o futuro, adiantou-nos que dentro em breve vai arrancar um projecto para devolver o carácter coimbrão à Imposição de Insígnias e à Latada. Este projecto aponta para que possa vir a ser o Conselho de Veteranos a liderar o processo.

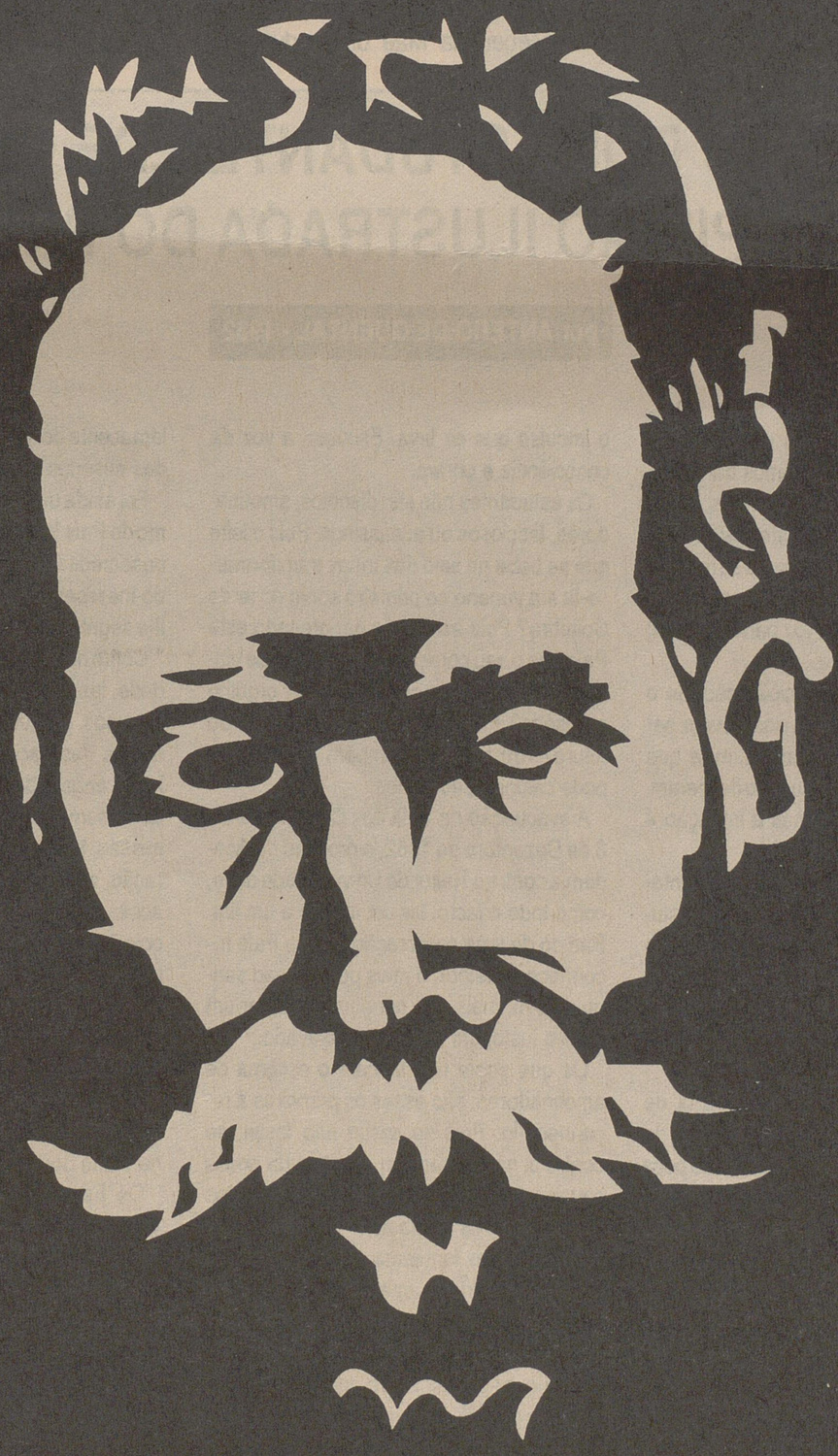
Enfim, foi mais uma festa, como diz o Dux "somos um povo de festas", onde a falta de criatividade e a polémica foram as notas dominantes. Para Tó Pinheiro, a Festa foi um êxito, "o Chá do Caloiro esteve a abarrotar". Para o Dux, há que repensar a Festa.

J.A.



A CABRA

Suplemento



Antero de Quental

ESTE SUPLEMENTO TEM O PATROCÍNIO DA DIRECÇÃO GERAL DA A.A.C.

Suplemento de "A cabra" nº 7 - não pode ser vendido separadamente

ANTERO DE QUENTAL

EDITORIAL

Ao dedicar em caderno próprio algums apontamentos sobre Antero de Quental, não se pretendeu, fornecer uma visão científica e erudita sobre a obra e pensamento do Poeta, mas sim refrescar e despertar o interesse e a paixão que a leitura de Antero inspira.

Se este recordar teve impulso primeiro na efeméride da morte, prepará-lo encontrou largo descontentamento pela ignorância que em geral se tem sobre o escritor das Odes Modernas, sobre o agitador da Questão Coimbrã e das Conferências do Casino, sobre o pensamento averso aos caminhos sujos e lamacentos dos acomodados e desonestos.

Na "mesma" urbe Universitária que viu desenvolver um dos pensamentos mais brilhantes da nossa cultura, esse desconhecimento só poderá ser sinónimo de apatia e comodismo, por mais que sejam os urros de borla e capelo (ressalvam-se os jovens de espírito) e os FRA'S alcoolizados a tentar dizer vitalidade, progresso e capacidade de contestação.

Não. Não se quer dizer com isto que a resposta (solução) seja deixarmo-nos envolver pelo consumismo festivaleiro e inconsequente que é hoje próprio de qualquer comemoração. E ainda Bem que o nosso Governo e os nossos ilustres Doutores não decidiram criar qualquer comissão para comemorar a efeméride.

É que as Comissões Oficiais, pela importância representativa e solenidade que acarretam, pela exaltação que transmitem ao homenageado, afastando-o assim do homem comum e simples, pouco ou nada permitem senão a mistificação, a banalização e sequente desinteresse pela obra. Tudo se desvanece com o encerrar do fogo-de-artifício.

Esse recordar não tem significado se não causar em nós a emergente visão de que, aquele que escreveu com a pena da alma, a razão pura do seu permanente descontentamento pelo estar dos amorfos, volvido um século sobre a trágica e mistificada morte, permanece actual na sua revolta pelo estado conservador da Universidade e, quiçá, pela ausência da discussão colectiva sobre as questões que nos condicionam o estar responsáveis em comunidade.

A mais sentida homenagem que uma mente razoável pode dedicar a tão nobre ser, é, antes de mais, divulgar (escutar) a sua obra sem espalhafato, e só depois, quando estiver preparada, tentar descutí-la, se disso sentir necessidade.

Fazer-mos uso dela para mostrar a nós mesmos o quanto queremos que nos achem grandiosos, é no mínimo monstruoso e vil.

Então sim, Antero daria em si próprio um segundo tiro.

A CABRA
FITAS
Suplemento

Da revolta....

"Um meridional descendente dos navegadores católicos do século XVI"

Antero, Carta Autobiográfica a W. Storck

Ao esboçar-se no presente artigo algumas considerações sobre a vida de Antero de Quental, pretendeu-se, acima de tudo, referenciar primordialmente o período da sua vida passada em Coimbra e a sua infância passada em São Miguel.

Outros aspectos, quiçá mais reveladores do perfil anteriano, assim como o retrato da sua influência em vários aspectos da sociedade portuguesa no final do século XIX, serão motivo de futuros trabalhos a publicar em próximos números de a Cabra.

Antero Tarquinio de Quental, filho de Fernando de Quental e de D. Ana Guilhermina da Maia, nasceu na casa dos Quentais sita na então Rua do Lameiro, hoje Rua do Castilho, com os números 11, 13, 15, 17 e 19 (conforme a tradição existente em Ponta Delgada), freguesia de S. Sebastião de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, Açores.

Antero de Quental usou ao longo da sua vida os pseudónimos de Antero Insulano, Antero Insulano Português, Raimundo de Castromino, Vasco Vasques Vasqueanes, O Bacharel José e Carlos Fradique Mendes.(1)

Estatura acima da mediana, o corpo delgado, agil e forte na mocidade, os braços musculosos e esguios, as pernas longas, os pés enormes, suportavam um andar oscilante como o dos homens do mar. O rosto oval, de tez pálida levemente rosada; os olhos muito azuis, alegres, irónicos maliciosos - ou abstratos e perdidos; o nariz, um pouco aquilino, de linha altiva; os lábios muito finos; as orelhas grandes e mal formadas, a testa larga e ampla (possante testa germânica - Carolina M. de Vasconcelos). A cabeleira enorme em desalinho, grenha e loira com lampejos fulvos, que, na juventude lhe cobria quase por completo a testa . Ligada à farta cabeleira, a barba encrespada e loira. Um sorriso resplandecente de bondade, mas pálido e triste.

Antero passou a sua infância e adolescência na ilha de S. Miguel.

Recebeu da Mãe uma educação católica e tradicional cheia de uma forte disciplina católica e sobre isto dirá Antero que tendo um "espírito naturalmente religioso, tinha nascido para crer placidamente e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida"(2).

Frequentou intimamente a casa de António Feliciano Castilho, onde o francês era regularmente a língua habitual e onde terá assistido ao curso de latim que nessa época Castilho regia para os seus filhos.

Iniciou os seus estudos no Liceu Açoriano.

Aos dez anos, ao ouvir de um Padre a ode Deus de Alexandre Herculano, fica encantado: "profunda foi a impressão que recebi, como a revelação de um mundo novo e superior, a revelação do

MANIFESTO DOS ESTUDANTES DE COIMBRA À OPINIÃO ILUSTRADA DO PAÍS

por ANTERO DE QUENTAL - 1962

Ao Governo, aos homens desinteressados e liberais desta terra, vamos dar razão do nosso procedimento. Oiçam-nos. Pedimos um quarto de hora de atenção; não é muito que ao prazer e ao interesse se roubem alguns minutos para atender à voz da mocidade de um país. Essa voz parte da alma; é a voz da eterna justiça.

Todo o facto pede uma explicação. Se o acontecimento é grave, graves devem ser os motivos que o produziram; e, mais que ninguém, homens novos, quando deliberam, podem sim enganar-se, mas a intenção é sempre generosa e nobre.

Pergunta-se hoje em Coimbra, pergunta-se por todo o País: - Que querem os estudantes da Universidade de Coimbra? Que significa a evacuação da Sala dos Capelos no dia 8 de Dezembro de 1862? Que protesto é esse de uma corporação contra o seu chefe?

Os estudantes não são meia dúzia de crianças turbulentas que, numa hora de galhofa, se combinem para pregar uma peça engraçada; tantos homens não se entendem, como um bando de rapazes de escola, só com o fim de se divertirem, à custa de uma coisa séria. Não foi, pois, o prurido da infância o motor daquele acontecimento. Esta hipótese nem se discute. O bom-senso da Nação rejeita-a como uma ofensa feita a si mesma na pessoa dos seus melhores filhos.

Os estudantes não são, tão-pouco, instrumentos cegos de vinganças pessoais, trabalhando à luz do dia, mas movidos por um braço oculto na sombra. O braço que nos impele não vem de cima, nem vem de baixo o impulso que os leva. Escutam a voz da consciência e obram.

Os estudantes não são díscolos, amotinadores, facciosos ou assassinos. Pois o leite que se bebe no seio das mães transformar-se-ia em veneno ao primeiro sorvo do ar de Coimbra? Pois estará tão gangrenado este País que o seu coração - um coração de vinte anos - só abrigue ódios e trevas? orgulho e miséria? Pois será esta a esperança do futuro? Ah! a Nação também é mãe; não pode caluniar seus filhos.

A evacuação da Sala dos Capelos no dia 8 de Dezembro de 1862, o protesto da Academia contra o Reitor da Universidade deve, como todo o facto, ter um motivo e um fim. Partido de uma corporação onde o País reconhece o melhor, o mais puro de seu sangue, deve, mais que nenhum outro, ter um motivo justo, um fim grave e elevado.

Os que sobre nós lançam o estigma de amotinadores, são esses os primeiros a reconhecê-lo. Pois se assim não fosse, se contra si não temessem a justiça da nossa causa, com que motivo adulterar os factos para depois os combater? Quem calunia; quem cria um fantasma para ter a estéril glória de o derrubar ante os olhos do País, é que teme lutar com a verdade, é que sabe que o venceria a verdade, se confessasse.

Poque os factos foram adulterados. Debaixo da capa do anónimo fomos caluniados por cobardes que à luz do dia não se atrevem a dar com o seu nome garantia às suas palavras. Julgou a boa-fé dos nossos vinte anos que em questão tão grave sobrenadaria a justiça e a verdade acima da onda lamacenta do interesse pessoal, da calúnia, das misérias duma ou doutra facção.

Foi ainda um engano. A boa-fé do jornalismo do País foi também ludibriada. Quiseram desacreditá-lo, desacreditando-nos, fazendo-lhe repetir o que a malevolência de alguém lhe segredou em hora de estulta inspiração.

Como homens, filhos desta época de liberdade, lamentamos que uma instituição que amamos, porque é a educadora dos povos, a mãe das nações livres, que a imprensa fosse enganada por falsos informadores e, ainda sem o querer, mentisse uma vez à sua missão. Mas, como membros de uma corporação, é do nosso dever, é da nossa honra aceitar a luva que nos lançam e esclarecer a opinião, salvando desta injustiça a imprensa portuguesa.

Os Estudantes saíram da Sala dos Capelos, mas não saíram amotinados. Viraram sómente costas a um homem, que não amam nem respeitam, porque se não sabe fazer nem respeitado nem amado. Ficar é que seria crime porque fora uma baixeza.

Os Estudantes, reunidos no terreiro da Universidade, deram vivas à indepência, vivas à liberdade, mas não tumultuaram, não se revolucionaram, não deram morras, não pediram a cabeça de ninguém; porque os Estudantes sabem que a cabeça de qualquer homem é sagrada, porque nossas mães não nos ensinaram a soletrar em seus olhos a religião do amor, para nós virmos aqui transformá-la em lei de morte.

A nós corar-nos-iam as faces de vergonha por este povo, se em Portugal um só homem ousasse tal acreditar.

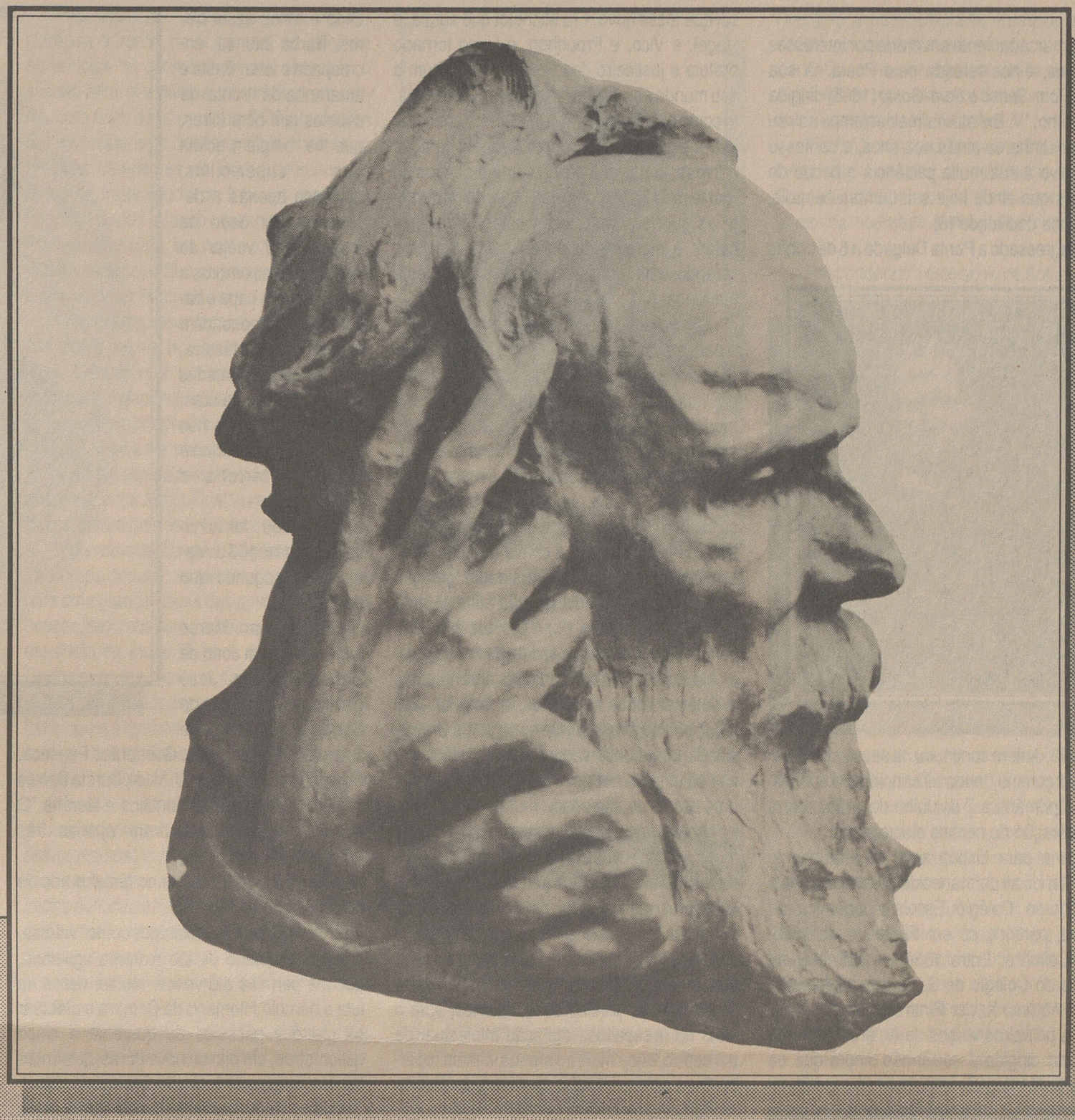
ideal religioso"(3). Esta fascinação terá levado Antero a considerar por largo tempo a possibilidade de uma vida sacerdotal. Se este projecto não se concretizou, o respeito e a profunda admiração por Alexandre Herculano acompanha-lo-á pelo resto da vida.

É dos últimos meses passados em S. Miguel que se conhecem as primeiras manifestações precursoras da sua vocação poética em alguma quadras que compôs. A estas quadras se terá referido Antero ao contar a Carolina Michaelis "como e quando despertou poeta na ilha, ainda antes do tempo escolar, em alegre festa campesina, onde depois de ouvir entoar e compor cantigas populares, teve a sensação *anch'io sono poeta*, improvisando quase inconscientemente as primeiras quadras amorosas" (4).

Antero sai pela primeira vez de Ponta Delgada, com destino a Lisboa, a 8 de Agosto de 1952, para frequentar durante dez meses o Colégio do Pórtico de António Feliciano de Castilho. Esta partida é para Antero, como todas as outras, dolorosa, como descreverá em carta (1857) ao seu amigo de infância Augusto Bicudo Correia: "...Tu tens a alma nobre e sensível, Augusto, e por isso podes bem apreciar todo o peso dessas lágrimas que me caíam neste instante sobre o coração.(...) Eu por mim nunca me pude conformar com a ideia de entrepor as vastas solidões do Oceano entre mim e a terra que me viu nascer" (5).

A sua curta estada no Colégio do Pórtico, condicionada pelo encerramento deste em

>>>



Não se pedia a morte de ninguém, não se perturbou um acto solene com vozes nem tumultos. Evacuou-se uma sala com o sossego que tal evacuação comporta. Depois - fora, no meio da praça - deram-se vivas à liberdade porque, não sabíamos ainda aqui que esta palavra tivesse sido riscada, por ordem do geral dos jesuítas, do dicionário político desta nação.

Que infâmia cometeram os Estudantes da Universidade, saindo duma sala onde não podiam ficar, sob pena de ouvirem coisas desagradáveis para o seu brio, da boca de um homem que se compraz em os amesquinhar?

Que crime cometeram num país liberal, os filhos dos homens do Mindelo, dando vivas à liberdade?

Sabemos manifestar-nos contra uma autoridade, nos limites da ordem e da lei. Ordem e lei, em terra de livres, não são círculo tão estreito que se não possa dar um passo sem lhes sair logo da periferia.

É esta a verdade. Para a restabelecer temos ainda voz que se erga, fale e se escute em todos os ângulos desta terra. Falamos; que nos oiça a Nação: que a Nação são nossos pais, são nossas mães, é o coração de nossas famílias, e aos vinte anos não se aprendeu ainda a linguagem da mentira para falar a um pai e a uma mãe.

A verdade é esta. Que se levante alguém e, arrojando a mascara vilã do anónimo, se atreva a desmentir-nos.

Eis o facto. Agora os motivos dele.

Que tem o Reitor da Universidade que mereça tal desaprovação?

Respondam por nós os jornais do País que, há três anos, não cessam de registar em suas colunas factos sobre factos, iniquidades e misérias. Respondam as representações, os pedidos de justiça, que cada acto seu tem promovido. Responda o corpo catedrático, onde raras vezes amigas encontra a apoiá-lo. Responda a rectidão de nossas intenções, - de nós, que o acusamos, que somos moços, e não erguemos a voz contra um homem sem razão, sem muita razão.

Pode supôr-se que o corpo docente da Universidade, que devemos julgar prudente e ilustrado; que a mocidade portuguesa, que abriga no coração tanta rectidão e justiça; que o jornalismo, eco da opinião pública; que ciência, nobreza de intenções, prudência e ilustração; que tanta gente, e da melhor, em tão diversos sítios, sem se passarem palavra, sem um fim qualquer, se conspire contra um homem, o acuse e guerreie - e que esse homem não tenha dado motivo a esta declaração de guerra? Pode supor-se isto?

Se assim fosse, se a Nação supusesse tal do que tem melhor em si... que ideia formaríamos então da opinião pública, da moral deste País?

É uma hipótese que se não discute. Estranho caso, em verdade, é encontrar na história o facto de um homem grande, menosprezado, acusado injustamente por tudo quanto tem em si de melhor uma Nação. Será o Reitor o Colombo que todos nós desconheçamos?... Que lhe responda a consciência.

Mas não é só contra o Reitor, o sr. Doutor Basílio Alberto de Sousa Pinto, que nos manifestamos, contra a autoridade que não cumpre o seu dever de justiça, o primeiro e único que lhe impõe o seu cargo. Há aqui mais alguma coisa, e alguma coisa pior. Gememos sob o jugo de uma legislação iníquia, porque é velha; necessariamente injusta, porque é confusa. Cumpre ao Reitor adoçar-lhe o rigor, e, no meio da liberdade que tal confusão lhe dá, escolher sempre em harmonia com a ideia do século, que é a Justiça.

É isso que ele não compreende; é isso que ele não quer; e é contra isso que nós protestamos.

Se uma vez não aplica a lei, se muitas vezes é o arbítrio o seu único código, é isto mau. Mas quando trata de a cumprir, quando é justo como executor da lei, porque se escuda com ela, incarnar em si todo o rigor da velha instituição, tirar-lhe as últimas consequências, ter na sua mão uma espada, e, podendo escolher entre o gume e as costas, preferir o gume... isto é pior, porque isto é péssimo.

A manifestação contra o Reitor da Universidade é também protesto contra a iniquidade de uma legislação atrasada de três séculos, porque este Reitor simboliza todo o rigor dessa lei, porque consubstância em si tudo quanto há de mau na instituição.

A lei pesa sobre nossas cabeças com o peso de muitos anos, mas o Reitor carrega ainda, com o peso da sua mão, sobre o já enorme da lei, e quer-nos esmagar sob a pressão imensa dos anos e do rigor.

Um e outro jugo nos é odioso; contra ambos protestamos.

O Reitor que deu lugar a vermos, em toda a sua lealdade, a injustiça da instituição, abriu caminho a que, manifestando-nos contra ele, nos manifestássemos contra ela também.

São esses os nossos motivos. É este o duplo sentido do nosso protesto.

Quanto ao fim é claro, depois disto, qual seria.

Substituir a voz dos oprimidos, forte porque parte dum coração torturado, à voz da imprensa - essa defensora dos que sofrem, sim, mas que não pode erguer-se tanto, porque não pede em causa própria. O jornal fala, mas como quem discute; perde-se-lhe a voz no meio do tumultuar dos muitos interesses que por aí se agitam. Nós falamos, com o braço dos oprimidos, que todos escutam, que todos devem escutar, porque ninguém negará aos filhos dos heróis do Mindelo e do Porto, ainda pálidos pelo sangue que seus pais perderam, regando a árvore da liberdade, ninguém lhes negará, nesta terra de Portugal, o direito de pedir que lhes aliviem o jugo duma lei de opressão e espionagem, que corrompe porque rebaixa e envilece; uma lei velha de séculos, que aqui se esconde temendo a luz da nossa era, a luz do progresso; uma lei que viu e tratou os jesuítas e o poder absoluto; uma lei contemporânea da inquisição!

Que querem, pois, os Estudantes da Universidade de Coimbra?

Vamos responder a esta última pergunta.

Os Estudantes querem a reforma dum processo inquisitorial; garantias de justiça; que seja julgado e condenado como homem, como cidadão dum estado livre e não como um relapso fugido aos cárceres do santo ofício; que a igualdade perante a lei seja uma realidade aqui e não risível fantasmagoria; que nos julguem homens desapaixonados e não os que mais estão no declive escorregadio das vinganças; que se distinga «Ciência» e «Costumes», e acabe por uma vez essa pena infamante que, com um traço negro de tinta, mata a reputação, o futuro de uma vida em começo, quando, muita vez também, não mata o coração de uma família.

Que querem os Estudantes da Universidade?

Que se indague tudo da Ciência, que é património de todos, e nada da vida particular, que é asilo individual e inviolável; que por detrás da cadeira do ensino se não lobrigue o olho do esbirro, que se faça progredir a Ciência, e se deixe a Moral desenvolver-se por si.

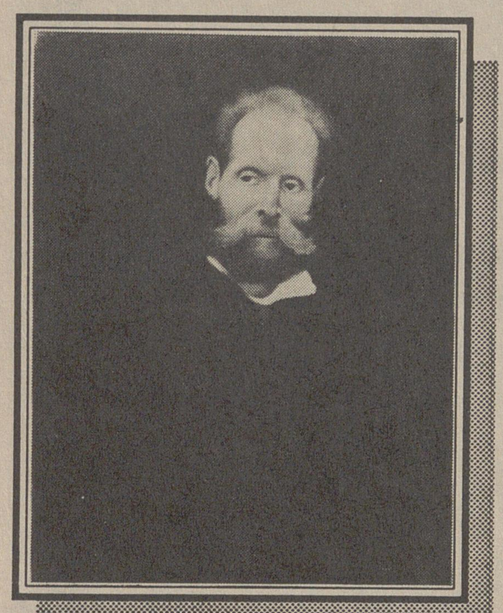
Que querem os Estudantes da Universidade?

Justiça! Um olhar de pai desse Portugal velho que por todos os lados remoça e só teima em esquecer no frio esmirradar da meia idade...quem? os melhores de seus filhos.

Justiça! Um raio de sol também para nós, desse sol de liberdade e progresso que luz para todo o século e só a nós nos deixa nas trevas do passado. Um lugar no banquete das garantias liberais, que nos é devido, porque essa liberdade custou o sangue dos nossos pais, o nosso sangue! Garantias para quem quer ser livre, digno e justo; auxílio a estes escravos que querem, um dia, ser homens e cidadãos.

>>>
1953, marcadamente envolvida por interesses literários, é-nos referida pelo Poeta na sua carta *Bom-Senso e Bom-Gosto* (1865) dirigida a Castilho: "V. Exª aturou-me em tempo no seu colégio, tinha eu ainda dez anos, e confesso que devo à sua muita paciência o pouco de francês que ainda hoje sei. Lembra-se, pois, da minha docilidade"(6).

Regressado a Ponta Delgada a 6 de Junho



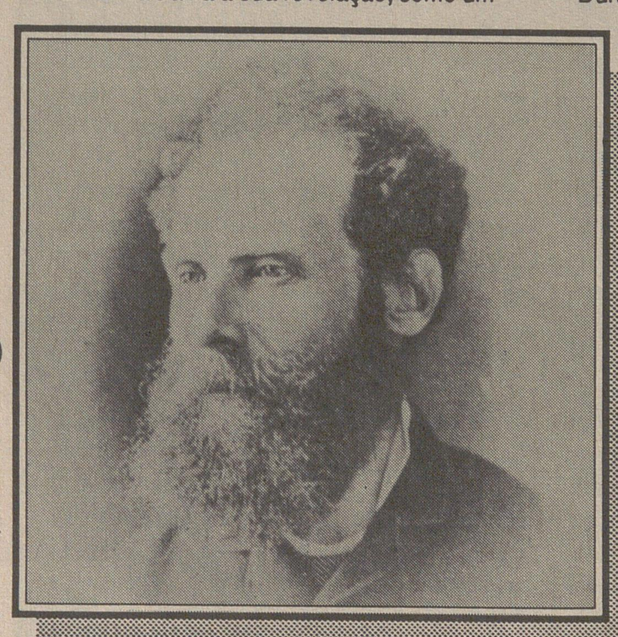
de 1953, Antero continuou os seus estudos no Liceu Açoriano, tendo ali concluído a sua instrução primária a 7 de Julho de 1855, com a classificação de nemine discrepante.

Parte para Lisboa a 20 de Outubro de 1855, tendo ali permanecido durante um ano a estudar no Colégio Escola Académica de Lisboa, partindo só em Fevereiro de 1856, para Coimbra. Entre 1856 e 1858, é aluno interno do Colégio de S. Bento, dirigido pelo Padre António Xavier Pinto Homem.

Os primeiros versos de Antero, em forma de carta dirigida a seu irmão André que na altura teria chegado a Lisboa, são, possivelmente, de Julho de 1856.

Coimbra

Para se poder ter uma noção do ambiente intelectual que Antero encontrou ao chegar a Coimbra e mormente ao ingressar na Universidade, é importante tentar esboçar Coimbra e a Universidade naquele período. Sobre isto e sobre o pensamento da geração coimbrã, Eça de Queirós, descreve aqueles anos 60: "Coimbra vivia então numa grande actividade, ou antes num grande tumulto mental. Pelos Caminhos de Ferro, que tinham aberto a Península, rompiam cada dia, descendo da França e da Alemanha (através da França) torrentes de coisas novas, ideias, sistemas, estéticas, formas, sentimentos, interesses humanitários (...) Cada manhã trazia a sua revelação, como um sol que fosse novo. Era Michelet que surgia, e Hegel, e Vico, e Proudhon; e Hugo tornado profeta e justiceiro dos Reis; e Balzac com o seu mundo perverso e lânguido; e Goethe vasto como o Universo; e Poe, e Heine, e creio que já Darwin, e quantos outros! Naquela geração nervosa, sensível e pálida como a de Musset (por ter sido talvez como essa concebida durante as guerras civis), todas estas maravilhas caíam à maneira de achas numa fogueira, fazendo uma vasta crepitação e uma vasta fumaraça! (...)



"A Universidade, que em todas as nações é para os estudantes uma Alma Mater, a mãe criadora, por quem sempre se conserva através da vida um amor filial, era para nós uma madastra amarga, carrancuda e rabugenta, de quem todo o espírito digno se desejava libertar, rapidamente, desde que lhe tivesse arrancado pela astúcia, pela empenhoca, pela sujeição à "sebenta", esse grau que o Estado, seu cúmplice, tornava a chave das carreiras. (...) No meio de tal Universidade, geração como a nossa só podia ter uma atitude - a de permanente rebelião. (...) A Universidade era, com efeito, uma grande escola de revolução: - e pela experiência da sua tirania aprendíamos a detestar todos os tiranos, a irmanar com todos os escravos. (...) De sorte que a Universidade, ultra-conservadora e ultra-católica, era não só uma escola de revolução política, mas uma escola de impiedade moral"(7).

Antero de Quental, recorda do seguinte modo a Coimbra de então: "O facto importante da minha vida, durante aqueles anos, e provavelmente o mais decisivo dela, foi a espécie de revolução intelectual e moral que em mim se deu, ao sair, pobre criança arrancada ao viver quase patriarcal de uma província remota e imersa no seu plácido sono histórico, para o meio da irrespeitosa agitação intelectual de um centro, onde mais ou menos vinham repercurtir-se as encontradas correntes do espírito moderno. (...)

"Se a isto se juntar a imaginação ardente, com que em excesso me dotara a natureza, o acordar das paixões amorosas próprias da primeira mocidade, a turbulência e a petulância, os fogachos e os abatimentos de um temperamento meridional, muito boa fé e boa vontade, mas muita falta de paciência e método, ficará feito o quadro das qualidades e defeitos com que, aos dezoito anos, penetrei no grande mundo do pensamento e da poesia".(8)

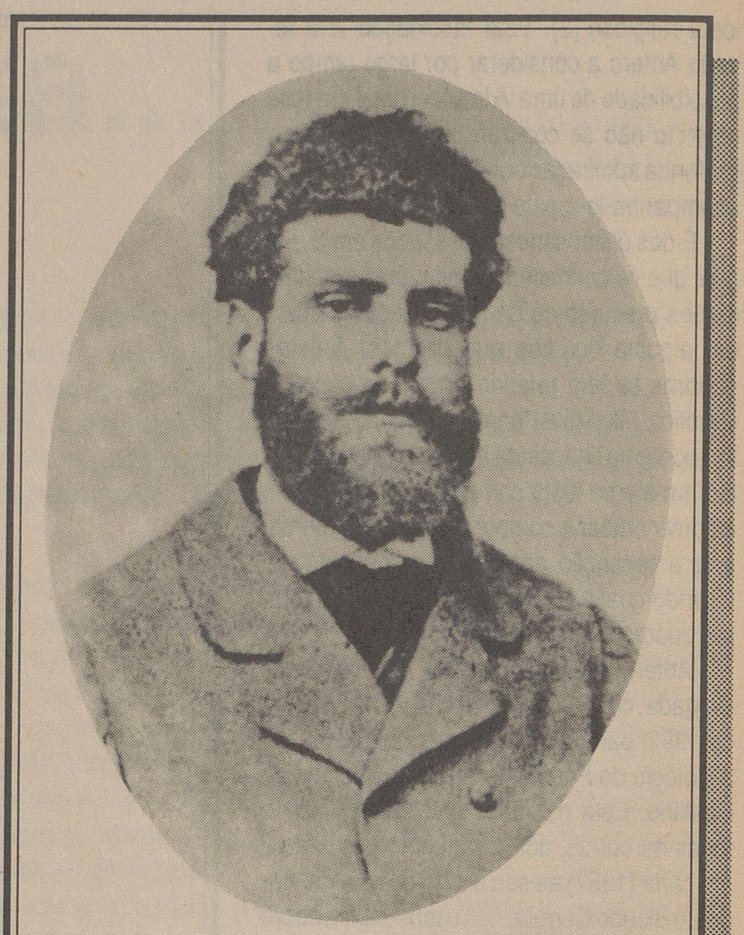
Antero e a Universidade

Antero entra para a Universidade em 1858 requerendo matrícula no 1º ano de Direito a 28 de Setembro de 1858, sendo admitido, como nº 4, a 2 de Outubro.

Durante a sua passagem pela Universidade, Antero utilizou sempre para efeitos e registos académicos a morada de seu tio Filipe de Quental.

Nesse primeiro ano, Antero é sujeito a um processo disciplinar académico, que o levou à Prisão Académica por oito dias e a receber uma repreensão pessoal pelo Reitor Dr. Basílio Alberto de Sousa Pinto, por ter participado a 20 de Abril, pelas 22 horas, num 'rapanço' a um caloiro que, tendo resistido à tentativa praxística, foi agredido com cacetes e pontapeado, após a troupe lhe ter conseguido cortar o cabelo.

Antero, era nesta época um jovem "alto, delgado, muito alvo, rosado e olhos azuis claros. Barba intonsa, encrespada e loira. Basta e amaranha-da trunfa de cabelos tam-bém loiros, que lhe rompiam acima dos super-cílios, deixando apenas a descoberto um dedo da testa e indo voejar ao longe sobre os ombros e espáduas. De capa e batina sempre enodoada e rota à moda clássica, meias pretas esgarçadas e uns sapatos que eram o pasmo de todos nós pelo tamanho disforme e pela cor terrena e pálida"(9).



Em 1859, foi admitido com o nº 103 à matricula no segundo ano de Direito.

Funda em Março desse ano, com João de Deus, Eduardo José Coelho, Eugénio A. de Barros Ribeiro, Alberto Sampaio, Alberto Teles, Guimarães Fonseca, Se-verino de Azevedo e J. M. da Cunha Seixas a "publicação mensal, cientifica e literária "O Académico", de que saíram apenas três números.

Em 1960, matricula-se no terceiro ano de Direito, sob o nº 85.

Antero é visto pelos amigos como "valente, atrevido e dotado de tão extrema agilidade, que lhe permitia até vencer muitas vezes na luta o hérculo Filomeno da Câmara e efectuar os grandes passeios de quarenta e cinco quilómetros, em oito ou nove horas, que então fazíamos nos arredores de Coimbra" (10).

São vários os testemunos dos longos passeios que Antero, fechando os livros, fazia até ao Buçaco, à Batalha, à Figueira da Foz, etc, acompanhado por um ou outro amigo mais próximo.

A 12 de Outubro de 1861, foi admitido sob o nº 92 à matrícula no 4º ano de Direito, tendo nesse ano reprovado. "Preferiu levar um R no quarto ano a tomar a sério uma lição de Direito Civil dada ao lente da Cadeira, o Dr. Neiva, que exigia a repetição verbal das velhas Ordenações do Reino, sem a menor alteração nas palavras, nos pontos e nas vírgulas! Para ele esta reprovação valeu mais que todos os títulos de glória com que o laureavam" (11).

Apesar de Antero conviver com um grupo restrito de amigos intímos, a sua popularidade na academia é bem viva e proeminente. Expressão disto encontra-se na forma calorosa como Antero, a propósito de um sarau poético no Teatro Académico alusivo à vinda à Universidade daquele que era então considerado o pontífice máximo da literatura portuguesa A. F. de Castilho, ao surgir no palco é saudado pela assistência estudantil. Ao ler umas dezenas de oitavas em hendecassílabos de um prólogo de um poema filosófico (À História) em que na altura trabalhava, produziu o assombro no auditório a que se seguiu estrondosa ovação. "Castilho, visivelmente admirado, abraçou o poeta, que saiu do palco, como quem fugia (...) Castilho, em seguida, aproxima-se do Filipe de Quental, dizendo - 'Seu sobrinho é um poeta de génio'. Isto é textual"(12).

O Encontro com Eça

Eça de Queirós, entra para a Universidade no ano lectivo de 1861-62.

Eça, que manterá com Antero ao longo de toda a vida deste, um contacto amistoso e de admiração, tendo conjuntamente com ele participado nas várias revoluções e movimentos que marcaram uma geração e a vida intelectual, literária e política de Portugal no final do século XIX, descreve o seu primeiro encontro com Antero, o qual terá possivelmente ocorrido na primavera de 1862: "Em Coimbra, uma noite, noite macia de Abril ou Maio, atravessando lentamente com as minhas sebentas na algibeira o Largo da Feira, avistei sobre as escadarias da Sé Nova, romanticamente batidas pela lua, que nesses tempos ainda era romântica, um homem, de pé, que improvisava. A sua face, a grenha densa e loira com lanpejos fulvos, a barba de um ruivo mais escuro, frisada e aguda à maneira siríaca, reluziam aureoladas. O braço inspirado mergulhava nas alturas como para as revolver. A capa, apenas presa por uma ponta, rojava por trás, largamente, negra nas lajes brancas, em pregas de imagem. E, sentados nos degraus da Igreja, outros homens, embuçados, sombras imóveis sobre as cantarias claras, escutavam, em silêncio e enlevo, como discípulos.

"Parei, seduzido, com a impressão que não era aquele um repentista picaresco ou amavioso, como os vates do antiquíssimo século XVIII - mas um Bardo dos tempos novos, despertando almas, anunciando verdades. O homem, com efeito, cantava o Céu, o Infinito, os mundos que rolam carregados de humanidades, a luz suprema batida pela ideia pura, e

... os transcendentes recantos
Aonde o bom Deus se mete,
Sem fazer caso dos Santos,
A conversar com Garrett!

"Deslumbrado, toquei o cotovelo de um camarada, que murmurou, por entre os lábios abertos de gosto e pasmo:

"-É o Antero!

"Deus conversava com Garret. Depois, se bem me lembro, conversava com Platão e com Marco Aurélio. Todo o céu era uma radiante Academia. Os Santos mais ilustres, os Agostinhos, os Ambrósios, os Jerónimos permaneciam fora, pelos pátios divinos, sumidos numa névoa subalterna, como plebe imprópria

a penetrar no concílio dos Filósofos e dos Poetas (...).

"Então, perante este céu onde os escravos eram mais gloriosamente acolhidos que os doutores, destracei a capa, também me sentei num degrau, quase aos pés de Antero que improvisava, a escutar, num enlevo, como um discípulo. E para sempre assim me conservei na vida" (13).

Antero e Eça, companheiros na procura do ideal da verdade, durante a sua permanência na Universidade, na vida boémia que levavam permanentemente, esboçavam em dois belos versos de António de Azevedo Castelo Branco, o sentido da sua alegria:

A galope, a galope, ó Fantasia,
Plantemos uma tenda em cada estrela!

"E em cada estrela plantávamos uma tenda, onde dormíamos e sonhávamos um instante, para logo a erguer, galopar para outra clara estrela, porque éramos verdadeiramente, por natureza, ciganos do Ideal" (14).

As primeiras publicações

Em Dezembro de 1861, Antero publica o seu primeiro livro, os Sonetos de Antero (conjunto de 21 sonetos, dedicado Ad Amicos, com um prefácio A João de Deus), na chamada "edição Sténio".

Publica em prosa nesta época, em revistas e jornais, os artigos: Das revistas de Coimbra (Outubro de 1861), sob o pseudónimo de Vasco Vasques Vasqueanes; O que toda a gente vê ou a política numa lição (Novembro), sob o mesmo pseudónimo; Revista Literária de Coimbra (Janeiro de 1862), sob o pseudónimo de Raimundo Castromino; A indiferença em Política (3 artigos - Abril-Maio) e A Questão Romana (Abril). É neste último trabalho que se vislumbram os primeiros sintomas da perda das suas crenças religiosas o que é confrimado numa das frases da sua Carta Autobiográfica: "varrida num instante toda a minha educação católica e tradicional".

No ano lectivo de 1862-63, Antero foi admitido pela segunda vez, no quarto ano de Direito, sob o nº 40.

Publica, em finais do ano de 1863, Fiat Lux, tendo, no entanto, rasgado quase todos os exemplares. É ainda neste ano que publica a sua colecção de poesias - o poemeto Beatrice.

"É este o mais feliz ano da vida de Antero em Coimbra. É o ano do seu maior calor pelas causas da Academia. É o da sua mais radiante glória e predomínio moral. É o ano da Fé e Esperança no Futuro" (15).

A recepção ao príncipe Humberto

Em 21 de Outubro de 1862, o príncipe Humberto de Itália (mais tarde seu Rei) passa por Coimbra. O príncipe vinha visitar no Porto os lugares onde passara os seus últimos dias e onde morrera seu avô, o Rei Carlos Alberto.

Desde os anos anteriores que a mocidade coimbrã e, principalmente o grupo em que Antero se incluia, fervilhava de entusiasmo e de interesse pela unificação da Itália e pelas épicas façanhas de Garibaldi.

Em Assembleia Geral reunida no Teatro Académico, sob a acção subterrânea da Sociedade do Raio, Antero é nomeado a presidir à comissão da Academia que iria cumprimentar o príncipe italiano.

Raimundo Capela, conta como lhes "Deu um trabalho para o vestir e escovar e ensaiá-lo nos modos e nas cortesias. Antero temia de apavorar-se na presença do príncipe" (16).

Mas isso não o impediu de ser a voz esclarecida e frontal da Academia, ao dirigir-se ao príncipe na cerimónia oficial, com todo o séquito reitoral e doutos catedráticos presentes, com texto da sua autoria: " Os estudantes da Universidade de Coimbra, filhos e netos dos heróicos defensores do Porto, saúdam, em nome da fraternidade de 2 povos irmãos, o neto de Carlos Alberto: a mocidade liberal Portuguesa saúda, em nome da liberdade do mundo católico, o filho do amigo de Garibaldi, o filho de Vítor Manuel. (...)

"Não é ao representante da casa de Sabóia que vimos prestar homenagem: é ao filho de Vitor Manuel que saudamos, do primeiro soldado da indepência italiana, desse, de quem os reis da Europa aprendem como neste século ainda, se pode ser popular sendo-se Rei; de quem a Itália espera ressurreição completa; de quem espera a Igreja Cristã uma nova época de verdadeira grandeza e liberdade verdadeira.

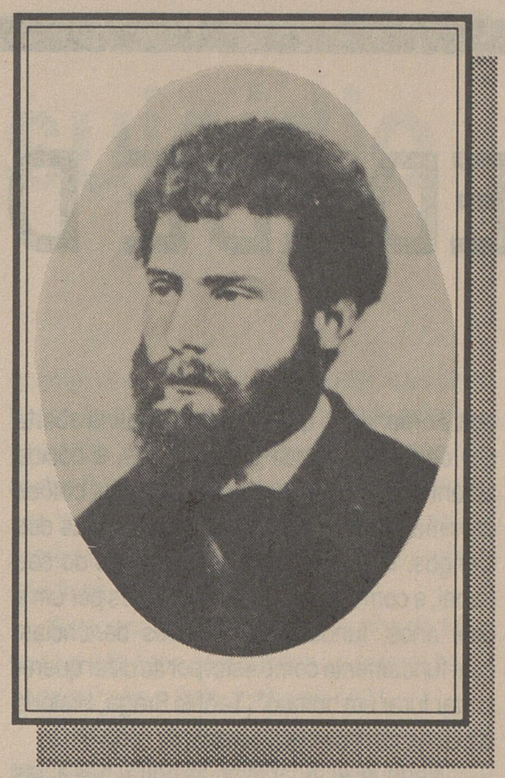
"Aos votos da Europa inttiligente, aos votos da Europa popular, aos votos dos que trabalham pela grande causa dos povos, unimos os nossos, sinceros como a nossa idade e como ela cheia de muita fé, para que a pátria de Garibaldi possa reaver o sagrado património da sua nacionalidade, para que o coração da Itália, que o é também do mundo Cristão, pulse com igual energia pela liberdade política e pela liberdade religiosa - Disse"

Ao ouvir a alocução de Antero, que a leu pausadamente para poder ser por todos bem compreendida, "o príncipe perturbou-se, ruborizou-se e ficou confundido; todavia, a breve trecho dominou a impressão que causávamos. (...) era de ver a indignação que transparecia nas fisionomias de quase toda a comitiva do príncipe..." (17) e na do reitor Dr. Basílio Sousa Pinto.

A 8 de Novembro de 1962, na Cerimónia de Abertura Solene das Aulas, na Sala dos Capelos, fez-se de novo sentir a acção da Sociedade do Raio. Como resposta aos incidentes que esta atitude ocasionou, Antero redige o célebre "Manifesto dos Estudantes de Coimbra à Opinião Ilustrada do País".

O último ano na Universidade

A 9 de Outubro de 1863, Antero matricula-



se no 5º ano de Direito, sob o nº 47, tendo a 8 de Julho de 1864, feito acto de formatura, com a classificação final de nemine discrepante.

Antero foi ao longo da sua formatura, um aluno médio, por vezes fraco. Isto não é de espantar se se considerar os grandes interesses literários, filosóficos e políticos que ocuparam o seu pensamento em Coimbra, e pela vida fora, restando um infímo na atenção pelas matérias conservadoras, amorfas e desprovidas de interesse, que a Universidade lhe oferecia.

A Rolinada

Em 18 de Abril de 1864, a Academia reunida em Assembleia Geral, decide solicitar ao Governo do Duque de Loulé, um perdão de acto (dispensa às provas de exame - passagem administrativa para o nao seguinte), pelo nascimento do Príncipe Real D. Carlos. Por portaria de 25 de Abril o Governo indeferiu o pedido dos estudantes, em termos que a Academia considerou ofensivos. Seguiram-se tumultos estudantis contra o Governo do Duque de Loulé, que forçaram o Governador Civil de Coimbra a solicitar reforço da guarnição militar de Coimbra.

Em nova Assembleia Geral, a 29 de Abril, reagindo à desencadeada opressão militar, Antero convence a academia a sair de Coimbra: " -Quem não for digno, quem se sentir com disposições para escravo, fica e vai às aulas, sob a ameaça das baionetas!

"Quem tiver no peito um coração de homem livre, volta as costas ao militarismo e sai de Coimbra! E vai para onde? Para a terra, que foi berço da liberdade Portuguesa; vai para o Porto!"

Respondendo a este apelo de Antero, cerca de 500 estudantes partiram na manhã de 30 de Abril de comboio, para o Porto, representando mais de metade da Academia de Coimbra, dado que nesse ano a Universidade era frequentada por 911 estudantes.

As aulas na Universidade ficaram pois desertas.

O regresso dos estudantes a Coimbra efectuou-se após a publicação de um edital do Vice-Reitor da Universidade, Dr. José Ernesto de Carvalho e Rego, e com a publicação de um decreto do Governo em 13 de Maio de 1864, que concedia a amnistia aos estudantes.

Este movimento ficou conhecido como A Rolinada.

"Se 1862 fora para Antero, no período de Coimbra, o ano da mais rutilante glória, firmando o forte predomínio moral que exerceu na sua geração, 1865 marca o forte predomínio moral que exerceu na sua geração, 1865 marca o início da sua idade heróica, com o seu nome logo discutido apaixonadamente em todo o país. Descendo para a arena, aos vinte e três anos, a revolucionar tudo, com ataques audaciosos às "capoeiras literárias" e a todos os conservantismos, o lutador idealista inicia o período de acção da sua vida, que se prolongará até 1874, quando a doença o prosta e o atira para a grande crise pessimista.

A Defesa da Carta Encíclica, as Odes Modernas e a Questão Coimbrã (1865), a vida de proletário em Lisboa e em Paris - como aprendiz de tipógrafo (1866-67), as Conferências do Casino (1871) e a organização do movimento socialista em Portugal (1870-73) marcam luminosamente estes nove anos de idealismo, acção e luta"(18).

Notas

1- José Bruno Carreiro, Antero de Quental, Subsídios para a sua Biografia, 1º vol.;
2- Antero de Quental, Carta Autobiográfica a Wilhelm Storck;
3- idem;
4- Crolina Michaelis, Antero de Quental -In Memorian ,pág. 388;
5- Antero de Quental, Prosas, vol. I, pág. 90;
6- Cartas de Antero de Quental, 2ª edição, Coimbra, 1921, pág. 56;
7- Eça de Queiroz, Antero de Quental -In Memorian , pp. 485 a 90;
8-Antero de Quental, Carta Autobiográfica a Wilhelm Storck;
9- Raimundo Capela, artigo in Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, de 30 - Ix -1891;
10- João Machado de Faria e Maia, Antero de Quental -In Memorian , pág. 166;
11- Manuel Arriaga, Antero de Quental -In Memorian , pág. 102;
12- António Cabral, Glórias e Sombras de Eça Queiroz ;
13- Eça de Queiroz, Antero de Quental -In Memorian, pp. 481 a 483;
14- Eça de Queiroz, Antero de Quental -In Memorian , pp. 486 a 488;
15- Pinto Osório, Figuras do Passado, pág. 89;
16- Raimundo Capela, Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, de 30 - Ix -1891;
17- Mariano Machado, Antero de Quental -In Memorian , pág. 433;
18- José Bruno Carreiro, Antero de Quental, Subsídios para a sua Biografia, vol I.

A SOCIEDADE DO RAIO

Em Abril de 1861, foi organizada em Coimbra, com a finalidade de derrubar o Reitor Dr. Basílio Alberto de Sousa Pinto, a Sociedade do Raio, na qual Antero iniciou a sua vida de acção.

As razões que terão levado alguns estudantes a criar esta estrutura, que tem em si algo de maçónico, prendem-se com a revolta sentida pela Academia contra o Reitor da Universidade que impôs, desde o início do seu reitorado, medidas severas e ríspidas sobre os estudantes e uma rígida disciplina Académica, acompanhada de expulsões da Universidade por motivos fúteis. Na prática, esta disciplina aplicava-se sobre o normal dia à dia da Academia, à forma de trajar dos estudantes, às suas



tradições, à sua capacidade de discutir em liberdade, impondo antigas praxes académicas sob os preceitos dos estatutos pombalinos, incompatíveis com a Academia de então. A polícia Académica, instrumento no terreno deste "terror", exercia, severa e atentamente, todo esse tipo de coações garantindo o cumprimento da disciplina.

O Dr. Basílio Alberto de Sousa Pinto, liberal, tendo contribuido em maior parte para a redacção da Constituição de 1822, foi, durante o reinado de D. Miguel, perseguido, até que em 1834, pelo triunfo dos constitucionais, pôde reaparecer, tendo sido nomeado lente da Faculdade de Direito por decreto de 2 de Julho desse ano. "Homem de inquisitorial aspecto" (Teófilo Braga), "Czar de Borla e Capelo" (Eça de Queirós), regeu por longos anos uma cadeira de Direito Criminal, tendo sido nomeado pelo Governo do Duque de Loulé para Reitor da Universidade, por ser necessário implementar uma disciplina severa nos meios académicos.

O Reitor "era implacável contra o estudante que em vez da volta clerical trouxesse colarinho; se a meia preta não subisse acima dos joelhos havia risco de ser preso pelos verdeais (polícia académica); era perigoso estar fora de casa depois das tristes, ou do toque da cabra. Mas o que mais indispôs os estudantes foi o edital ordenando que usassem a batina aberta por detrás, abotoada pelas costas, e cosida adiante com uma ordem de pequenos botões de cima abaixo, como os das chamarras dos clérigos. Depois, o reitor tomou gosto do seu papel, e começou a riscar estudantes por um e dois anos, fundado em simples denúncias, com fundamento como este: por se dizer querer tentar furar um bumbo" (Teófilo Braga, História da Universidade de Coimbra, IV, 488-9).

"Nenhum estudante podia entrar nas aulas sem cabeção eclesiástico, lôba abotoada ou fechada na frente, meia preta e sapatos, como ainda usam os padres, mas com dispensa de fivelas. O uso de bota de elástico era uma transgressão subversiva. Não havia troças a caloiros, nem até aquelas estrondosas manifestações de júbilo das vésperas de feriado. A Academia respirava uma atmosfera crassa, pesada e narcotizante" (Carta in António Cabral, Glória e Sombras de Eça de Queirós, pp. 35-6).

Terão sido alguns estudantes que, tendo regressado à Universidade, depois de terem cumprido o tempo de expulsão temporária imposta pelo severíssimo Reitor Basílio, decidiram vingar-se e por fim ao seu reinado.

Este grupo de estudantes poderá ter sido encabeçado por Frederido Filémon da Silva Avelino, João Loubo de Moura, João de Sousa Vilhena, José Falcão e José Bento da Cunha Sampaio. Este último, teria sido expulso, em 1859, por dois anos, por ter ocasionado uma grande desordem no Largo da Feira. Ao regressar à Universidade terá congeminado a criação desta Sociedade para vingar-se dos que o tinham castigado injustamente, designadamente o Reitor Basílio Alberto.

Conta António de Azevedo Castelo Branco: " Num dia, próximo do designado para a atribuição de prémios (8 de Dezembro de 1862), Alfredo Mântua, meu vizinho, entrou em minha casa, e ali, lembrou que uma maneira infalível de desabar o reiotr era voltar-lhe as costas saindo da sala dos capelos, no momento em que ele começasse a sua alocução da praxe. (...) Frequentava eu o segundo ano. Era meu condiscípulo José Bento da Cunha Sampaio. Ao sair da aula, convidou-me a dar um passeio, depois de jantar, até ao Penedo da Saudade. Anuí. Lá então expôs-me as vantagens da formação de uma sociedade secreta para os efeitos aludidos, convidando-me a aderir à sociedade que me dava já como constituida. Acedi. Pela meia-noite desse dia, apareceu-me no Largo da Feira o estudante João Vilhena. Acompanhei-o para um local remoto e muito sombrio, onde fui apresentado a uns estudantes com as faces veladas pelos gorros, e com solenes apertos de mão, sem mais fórmulas, fiquei com os deveres de sócio e convicto de que era eu talvez o quarto ou quinto, o que era exacto.

"Entrando no dia seguinte em casa de Germano Vieira Meireles, contei o caso, que ele comentou com a sua acre dicacidade. Veio em seguida o Antero... e connosco riu da minha misteriosa apresentação aos embuçados... Antero íntimo dos Sampaios e do Vilhena, em casa daqueles zombou do caso, e João Vilhena, procurou-me com uns ares de carbonário italiano e censurou a minha inconfidência... É certo que, decorridos dias, o número dos associados era já avultado entre os quais figurava também o Antero" (Carta in António Cabral, Glória e Sombras de Eça de Queirós, pp. 35-6).

Apesar de muitos testemunhos atribuirem a designação da sociedade a Antero, contando como ele costumava impediosamente desafiar os astros e Deus a enviar-lhe um raio que o partisse, António A. Castelo Branco, com uma certeza que merece alguma credibilidade diz que: "O nome de Raio foi dado à sociedade por estudantes não filiados nela, que inventaram que o Antero e outros sócios num dia de trovoada se juntaram no Penedo da Saudade e que dali, em altos brados, intimidaram a Divindade a manifestar a sua existência, confutando o seu ateísmo com a expedição de um raio. Mera *blague*".

Um sócio do Raio, Mariano Machado de Faria e Maia, diz que a sociedade foi "organizada pelo tipo das italianas, para derrubar com a violência do raio os regulamentos e autoridades que ofendessem a nossa dignidade e as nossas reclamações de homens livres " (Antero de Quental - In Memorian, pág. 431).

O Prof. Joaquim Martins de Carvalho, descreve da seguinte forma o funcionamento da Sociedade do Raio, (apesar de o ritual para a admissão dos sócios ser diferente do atrás descrito, é de crer que ele tenha sido mudado para evitar situações como a que acontecera a A. Castelo Branco): "A direcção da sociedade foi entregue a um conselho, que se compunha de cinco membros. À proporção que os sócios iam sendo admitidos, dividiam-se em secções, cada uma das quais tinha o seu chefe. Havia reuniões magnas de todos os sócios e reuniões parciais de cada secção. Em geral as reuniões magnas e as iniciações celebravam-se de noite em lugares desertos, como por exemplo o pinhal que está por detrás do cemitério de Santo António dos Olivais, o vale onde existe a capela do Espírito Santo, a escavação que há entre o cemitério novo da Conchada e o cemitério velho, o salgueiral da Mondego e próximo à estrada de Santa Clara, no sítio de Vale do Inferno.

"Os sócios ignoravam completamente quem eram os membros do conselho, os quais só eram conhecidos dos chefes de secção. Quando um académico devia set admitido para a sociedade, era conduzido de noite a algum dos mencionados lugares pelo chefe de secção que o tinha convidado. Aí encontrava os membros do conselho todos mascarados e guardando um completo silêncio, e nas mãos do presidente prestava o juramento, à fé de cavalheiro, de guardar inviolável segredo sobre tudo o que se tratasse na sociedade, de obedecer às ordens do conselho que lhe fossem transmitidas pelo seu chefe, de empregar todos os esforços e meios físicos, morais e pecuniários para a realização do fim da sociedade.(...)

"As palavras de reconhecimento entre os sócios do Raio não foram sempre as mesmas. Contudo as mais usadas eram - Leal-Sempre" (Apontamentos para a história contemporânea, pp. 264-5).

A existência da Sociedade do Raio conservou-se num segredo sem precedentes nas organizações secretas de Coimbra, tendo chegado a contar mais de duzentos sócios, o que constituia uma parcela considerável dos estudantes da Universidade que na altura deveriam ser cerca de 900.

A sociedade chegou a considerar a hipótese de raptar o reitor por três dias, tratá-lo com bondade, de modo a que quando libertado ele jurasse passar a tratar a academia com respeito igual. No entanto, tal plano nunca chegou a ser efectuado.

Em 21 Outubro de 1862, aquando da visita a Coimbra do príncipe Humberto de Itália, por acção subterrânea da Sociedade do Raio, Antero é encarregado para saudar, em nome da Academia, o príncipe. A sua saudação é ofensiva para com o reitor Dr. Basílio Alberto.

Mas a acção decisiva do "Raio" é tomada a 8 de Dezembro de 1862. Nesse dia, teve lugar na Sala dos Capelos, a Cerimónia da Abertura Solene do ano lectivo 1862-63, cerimónia em que era hábito efectuar-se a entrega dos diplomas aos estudantes premiados ("os ursos"), com a assistência do corpo catedrático com as suas insígnias doutorais.

A Sociedade do Raio decidiu para essa cerimónia, aconselhar a Academia a tomar uma atitude de manifesta desconsideração ao Reitor, retirando-se em massa da sala quando este usasse da palavra. E de facto assim aconteceu: "Aturaram-se todos os discursos precedentes, alguns bem maçadores, com paciência estoica. À palavra - Meus Senhores - do Reitor, o grande salão contendo mais de duas mil pessoas, evacuou-se como por encanto! E nem uma palavra, nem um grito subversivo neste movimento, que denunciasse um cabecilha. Era o resultado de uma combinação pontualmente observada. Houve cenas cómicas dentro dos doutorais, houve fanicos femininos nas galerias, tentativas de discurso de um lente. Mas, valha a verdade, o Reitor

A CABRA Suplemento

portou-se à verdadeira altura. Deixou-se ficar de pé, firme, erecto, majestoso, nobremente impassível, e esperou. Quando a sala estava de todo despovoada, então começou o seu discurso perante os convidados, os lentes e os premiados" (O Doutor António Mendes Lajes, por Alexandre Coutinho Castelo).

Apesar desta descrição corresponder à verdade do sucedido, muitas foram as vozes que, indignadas com a afronta, adulteraram os acontecimentos, emprestando aos estudantes gritos como "Morra o Tirano!", "Abaixo o despotismo!", afirmando ainda que houve quem tivesse tentado matar mesmo ali o Reitor. Os jornais políticos também criticaram asperamente os estudantes, fazendo alastrar pelo país inteiro que estes teriam infamemente e sem razões de facto, chocado a dignidade da Alma Mater Conimbricensis, na pessoa do seu Reitor.

Indignado pelo alastrar de uma falsa verdade, Antero de Quental, redige então um manifesto, que é prontamente assinado por 314 estudantes, no qual explica as razões da evacuação da Sala dos Capelos.

Teófilo Braga conta o seguinte: "Horas depois do caso, quando eu estava contando a extraordinária aventura ao Dr. Filipe de Quental, entrou o sobrinho Antero coçando a barba ruiva, preocupado, dizendo para o tio: - Dizem por aí que os estudantes foram o instrumento de política contra o Governo e que nós todos somos uns díscolos inconscientes; o que acha o tio Filipe que devemos fazer?

O Dr. Filipe de Quental sorriu-se sem denunciar o que pensava do que acabava de ouvir. Eu, aproveitando o silêncio do momento, intervim imediatamente: - Há uma coisa simples a fazer: publicar imediatamente um manifesto ao País e aos pais de família, explicando a situação de incompatibilidade criada pelo procedimento do Reitor, e isto assinado por todos os estudantes que fizeram a evacuação da Sala dos Capelos.

Antero de Quental saiu imediatamente e foi combinar com os elementos mais activos da Sociedade do Raio. No dia seguinte apareceu uma folha impressa escrita por Antero de Quental e a lista de todos os nomes de estudantes com a indicação das Faculdades e anos que cursavam".

Esta recordação de Teófilo Braga, escrita muitos anos mais tarde, é contrária à atitude de reserva e ausência nos acontecimentos, que terá transmitido por carta a sua irmã, poucos dias após a evacuação da sala, pelo que é de desconfiar a fidelidade do testemunho.

Essa folha, o "Manifesto dos Estudantes da Universidade de Coimbra à opinião ilustrada do país" (manifesto que é transcrito nas páginas 2 e3 deste caderno), foi largamente distribuído. Nesse documento, Antero, com vinte anos de idade, mostra pela primeira vez ao público em geral, as suas grandes faculdades de escritor.

Após esta diligência de Antero ao bomsenso do País, o Governo, então presidido pelo Duque de Loulé, solicitou "informações minuciosas do sucedido, informando que o desacato não podia passar sem correctivo. O Duque de Loulé teria ponderado reflectidamente sobre o que conviria fazer. O Reitor desejaria proceder com a sua tradicional ferocidade. O certo é que o Governo acabava por optar por uma solução de prudência. Concedida uma licença graciosa, de alguns meses, ao Reitor, foi, por fim demitido em Julho de 1863" (Alberto Xavier, A Crise Académica de 1907, Coimbra Editora Limitada, 1962).

A Sociedade do Raio tinha conseguido atingir o fim a que se propusera.

...até ao suicídio

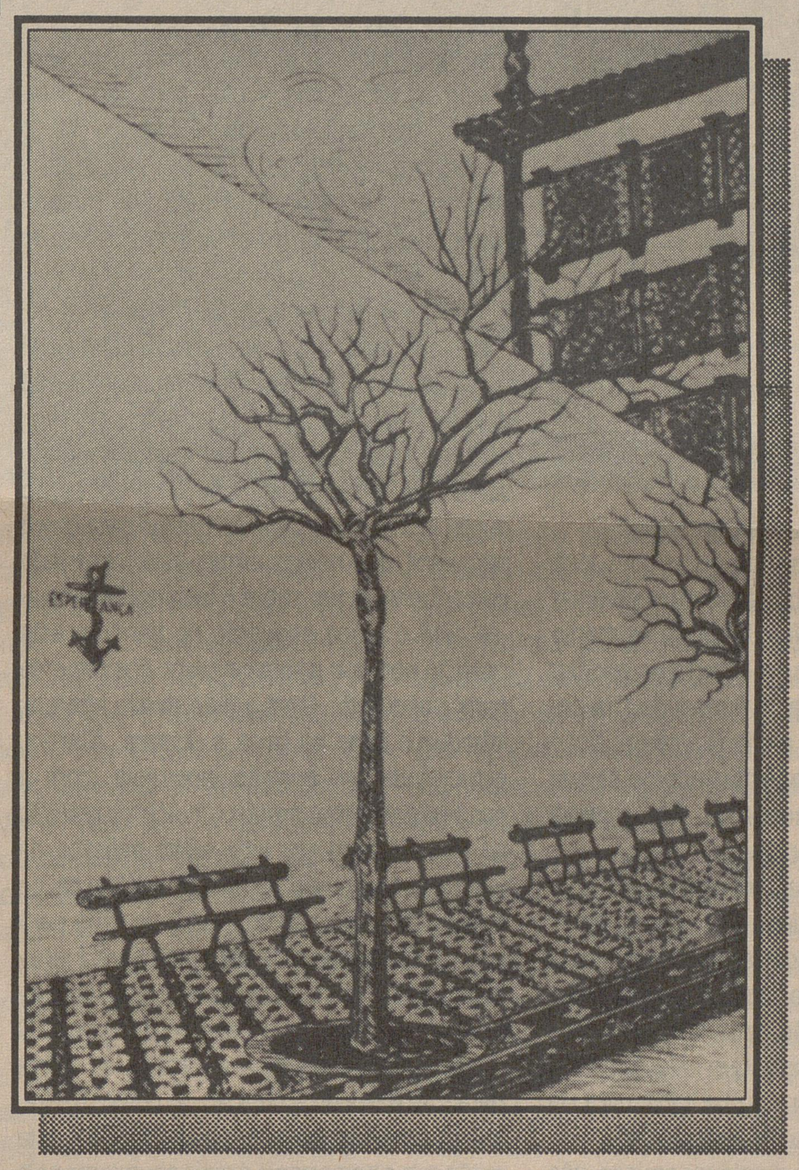
Antero adoptou em 1879, as duas filhas de Germano Meireles (falecido em 1877) decidindo dar-lhes uma sólida educação familiar.

Com o agravar da sua doença ao longo dos anos 80 e porque a vida na metrópole começava a tornar-se muito pesada para poder dar continuidade, quer à sua obra filosófica, quer à educação das duas raparigas, Antero decide regressar a S. Miguel na esperança de ali encontrar a paz de espírito adequada aos seus intentos.

Uns dias antes de embarcar para S. Miguel, ao visitar Vasconcelos de Abreu, este apontou a Antero, resumida numa estrofe do Hitopadexa, "a crítica e a explicação dos Sonetos". Antero anotou a tradução literal da estrofe, guardando-a em prosa, para poder mais tarde passá-la a verso. A tradução: "Tudo estudou, aprendeu tudo e tudo executou, quem voltou costas à esperança e se ampara descansado em nada esperar", deixou Antero bastante sombrio e sobre ela lhe disse: "-É exacto!... não tinha consciência deste facto!".

Embarca em Lisboa a 5 de Junho de 1891 no paquete Açor, com destino à sua terra natal, aonde chega a 8 de Junho de 1891.

Deixa em Lisboa as duas pupilas, que viriam para S. Miguel mais tarde, quando Antero conseguisse arranjar casa. Nessa altura, acompanhá-las-ia, a irmã Ana de Antero, que se encontrava muito doente, para passar algum tempo em S. Miguel, conforme conselho dos médicos.



Logo depois da evacuação da Sala dos Capelos, a Sociedade do Raio teve a sua primeira reunião plenária. Esta foi presidida por Antero e foi nela, ocorrida numa casa que ficava ao fundo da Rua dos Loios, que os sócios se conheceram uns aos outros. Mariano Machado de Faria e Maia recorda, anos mais tarde: "Que supresas extraordinárias então houve e que prazer imenso transparecia nas fisionomias de todos, conscientes de terem cumprido o dever de homens livres e desafrontando para sempre a Academia de uma tirania ofensiva da sua dignidade!"(Antero de Quental - In Memorian, pp. 431-2).

A Sociedade do Raio, tendo conseguido o seu objectivo, perdia assim a razão para continuar a existir. Apesar de alguns dos seus elementos terem tentado reorganizá-la para outros fins, nomeadamente tranformá-la em loja maçónica, os seus membros mais influentes desinteressaram-se, e a sociedade veio a dissolver-se em Maio de 1864.

Acompanharam-no a bordo, para dele se despedirem, Oliveira Martins, Vasconcelos Abreu e Frederico Dinis de Aiala. Antes de embarcar, Antero entregou a Oliveira Martins, uma caixa com 334 cartas autografádas do seu antepassado colateral o Padre Bartolomeu de Quental, para que este as oferecesse em seu nome à Academia das Ciências.

Ao desembarcar, imcomodado com a viagem agitada por forte balanço, encontrou à sua espera Mariano Machado de Faria e Maia que tendo passado muitos anos sem o ver, o considera esquelético e desprovido do vigor do rapaz que dali havia partido havia quarenta anos. Também o seu sobrinho Artur de Quental, registou que Antero lhe "pareceu muito preocupado e sem aquele ar alegre que lhe tinha conhecido quatro anos antes".

Em carta datada de 30 de Julho, dirigida a Oliveira Martins, Antero explica a sua preocupação, aludindo à "apreensão contínua que lhe inspirava o futuro daquela coisa tão nova para ele e tão contrária ao seu natural, qual era a de se ter transformado de um dia para o outro de excêntrico em homem normal e de selvagem em pai de família e cidadão".

Como José Bensaúde, que o hospedaria nos seus primeiros tempos da sua estada em S. Miguel, não tivesse regressado de uma viagem ao Estrangeiro, Antero hospedou-se no Hotel Brown, situado num ponto isolado, calmo e sossegado, no extremo noroeste de Ponta Delgada.

Nos primeiros tempos a sua doença não se agrava, mas também não são encontrados verdadeiros sinais de ter melhorado.

Apesar de Antero ter afirmado em várias cartas enviadas a Oliveira Martins de que estaria a recompôr-se e o ânimo pelos seus projectos a reavivar-se, o facto é que Antero continua a sofrer, de acordo com informações do seu médico em Ponta Delgada, das mesmas perturbações nervosas e estomacais de que padecia no continente, mantendo uma única refeição por dia.

Tendo conseguido, em curto espaço de tempo, a casa que lhe convinha, e que ficava nos arredores da cidade, no lugar de S. Gonçalo, tratou de mandar chamar as duas pupilas e a sua irmã. Estas chegaram a Ponta Delgada a 24 de Julho, no paquete Funchal.

A chegada das duas raparigas revitaliza, mas por pouco tempo, a disposição de Antero.

No entanto, possivelmente no princípio de Agosto, a sua doença agrava-se consideravelmente e aumentam as suas preocupações de não ser capaz de educar as duas pupilas como desejava, nem de poder continuar as reflexões filosóficas a que estava votado na altura.

A partir de aqui, Antero perde a sua capacidade de concentração, esquivando-se às discussões profundas a que tinha habituado os seus amigos, pondo de lado aqueles livros que poderiam exigir dele maior atenção e lendo essencialmente revistas que Oliveira Martins lhe enviava do continente.

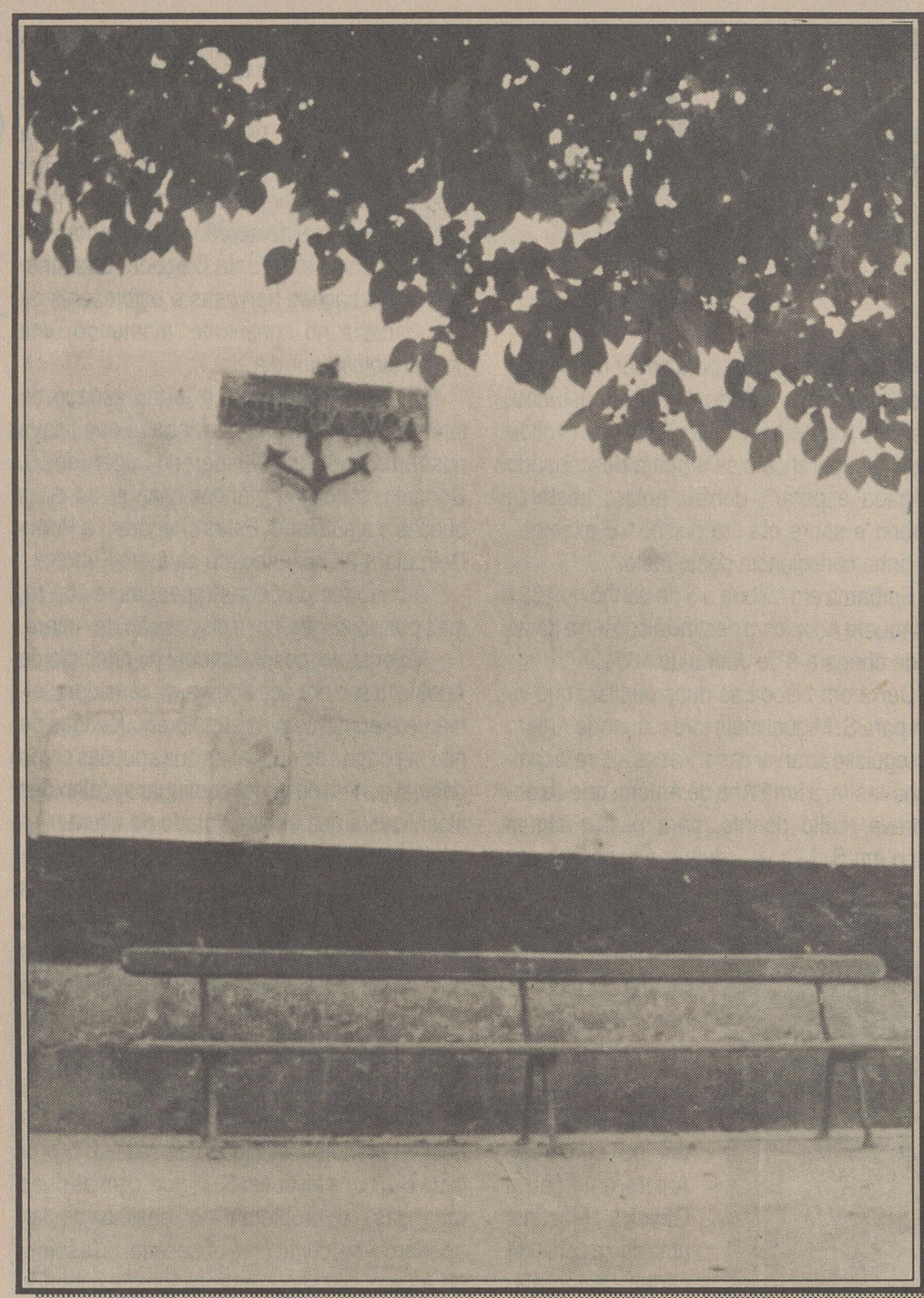
Convencido a pouco e pouco, pelo que considerava um agravamento alarmante da doença, da impossibilidade de realizar o projecto de ficar a viver em S. Miguel com as duas raparigas, o problema do destino destas apoderou-se, como uma obsessão, do espírito de Antero, passando este assunto e o estado da sua doença, a ser o tema constante nas suas conversas.

Em carta a Joaquim de Araújo, Antero dá mostras da sua preocupação: "-Que fazer? Para voltar ao Continente, com residência fixa, forçoso é que me separe das pequenas. Vivendo aqui, mesmo quando as não tenha em minha companhia, vejo-as e falo-lhes, sempre que elas ou eu desejarmos."

Na última carta que escreveu a Oliveira Martins, datada de 29 de Agosto, continua: "Depois de uma melhora que me iludiu - e o grande desejo que tinha de não desistir de uma resolução e programa final de vida, único satisfatório, concorreu talvez para me eu querer iludir sobre o valor de tais melhoras - tenho piorado consideravelmente e resolvo-me a voltar para o Continente, para aí me fixar com minha irmã em Lisboa. Conto partir daqui no Açor, a 18 de Setembro. É um desgosto e transtorno de cujo abalo não sei se poderei jamais restabelecer-me. A sorte das raparigas também me preocupa imenso. Elas não podem ir connosco, porque o estado de minha irmã não lhe permite ocupar-se da sua direcção. E depois terá ela saúde e vida? e eu? Seria grande imprudência. Achei aqui uma família pobre e honesta, mãe e duas filhas, que vivem do seu trabalho e que mediante uma pequena mesada as recebem em sua companhia, para lhes darem a educação caseira indispensável, até que o tempo e as circunstâncias aconselhem o que se haverá de fazer. Procurava o definitivo, e afinal ainda agravei o instável e provisório que tanto me assustava.(...)

"Peço à minha razão que comunique aos meus nervos o estoicismo que ela tem, mas de que eles não parecem susceptíveis. Ao menos estarei ao pé de V. e será grande consolação."

Esta última frase transpira a fragilidade e a agitação que dominavam as atitudes de Antero. Dela é possível prever que qualquer in-



cidente sentimental mais forte, poderá repentinamente desiquilibrar o braço da balança para o desfecho trágico que lhe pôs termo à vida.

Com o plano de voltar para o Continente e pela aversidade moral que Antero tinha pela ideia do suicídio, são de considerar pouco fiéis os vários testemunhos que amigos próximos do Poeta no seu último mês de vida, fazem sobre Antero ter, por mais de uma vez, aludido à ideia de pôr termo à vida.

No penúltimo dia de vida de Antero, 10 de Setembro, um acontecimento despedaçador, poderá ter inflacionado o abismo que o levará a cometer suicídio no dia seguinte: foi nesse dia levar as pupilas à casa onde estas iriam ficar a viver. As crianças (uma com treze e a outra com quinze anos) considerando essa visita como o início da separação, agarram-se desalmadamente a chorar a Antero, suplicando-lhe magoadamente que não as abandonasse. Este abraçando-se às "suas pequenas", chorando com elas, consolou-as prometendo que as levaria com ele para Lisboa.

Dirigindo-se dali para o Governo Civil (que frequentava regularmente), ainda tocado profundamente pela emoção, contou o sucedido "à sua irmã e a outras pessoas presentes, que lamentaram as complicações de que carregara a sua vida, pela sua estrema bondade, ao tomar o encargo da educação de duas crianças."

À noite, a última, é atacado por insistente insónia.

O último dia da sua vida, nasce "pesado e acabrunhador: tempo quente e húmido; capacete de nuvens sombrias; ar quase saturado de vapor de água, sendo a saturação 100, 75° a 90° higrométricos; pressão higrométrica de 770 a 780 milímetros, produzindo tudo isto um mal-estar e tristeza que eu mesmo penosamente suportava", diz José Bensaúde.

"Antero almoçou às onze horas com José Bensaúde, ficando ambos à mesa a conversar durante mais de uma hora". Nesse momento ainda não tinha tomado a resolução do suicído, como observará mais tarde Bensaúde. Chegaram até a discutir com a criada a composição do almoço para o dia seguinte (recorde-se que Antero nos últimos meses de vida, tomava uma única refeição por dia).

"José Bensaúde saiu de casa à uma hora da tarde. Antero ficou ainda em casa, só saindo às duas e meia, vestido excepcionalmente de preto". Terá sido nesses noventa minutos que Antero tomou a decisão de se suicidar.

Ao sair de casa, disse que ia levar à irmã Ana algum dinheiro em oiro que tinha, para ela guardar aquilo, porque ele podia faltar".

Visitou durante a tarde alguns amigos, não deixando transparecer qualquer indício da acção que iria tomar.

Pelas 18 horas, foi à loja de quinquilharias de Benjamim Férin, na baixa da cidade, onde compra um revolver, de marca Lefaucheux, com o pretexto de, por morar no campo, poder dele precisar para afugentar algum malfeitor.

"Dizendo-lhe o caixeiro que ouvira falar da sua próxima partida para Lisboa, respondeu que na verdade resolvera regressar ao Continente, mas que, tendo passado melhor durante os últimos quinze dias, ainda se demoraria algum tempo na ilha."

Depois de ter saído daquele estabelecimento, "com o revolver carregado e envolvido em três folhas de papel amarradas com uma guita", visitou o seu primo Augusto Arruda Quental em casa deste, e sua irmã Ana, no Governo Civil, a quem entregou o resto do dinheiro que possuía, alegando que para nada o queria.

Perto do Governo Civil, ficava o Campo de S. Francisco (hoje Praça 5 de Outubro), local aonde viria a cometer o acto.

No entanto, passa primeiro pela rua Rua Direita de Santa Catarina, onde ficava a casa em que se encontravam as pupilas, sem, contudo, lá entrar.

Depois, regressa ao Campo de S. Francisco, que a essa hora se encontrava deserto, e senta-se num dos banco que estão junto ao muro que fecha a cerca do Convento da Esperança. Por cima do banco, existe em relevo uma âncora pintada de azul, atravessada no meio pela palavra "ESPERANÇA".

"Um micaelense, Rodrigo Rodrigues, ao tempo estudante do liceu", passou junto de Antero nessa ocasião, afastando-se por "uma rua que prolonga o passeio norte do Campo" sem ouvir qualquer tiro, o que sugere que o poeta alí terá estado tempo considerável antes de ter posto fim à vida.

Apesar de não haver testemunhas visuais, um polícia, em ronda próximo dali, testemunha que ouviu um tiro, encaminhando-se de seguida na direcção do Campo.

Pela discrição do seu estado feita por Augusto Cabral, que chegou junto de Antero quando circulou a notícia do suicídio, é possível imaginar, os últimos gestos conscientes de Antero, reconstituidos por Francisco Moita Flores (As mortes de Antero de Quental - Autópsia de um suicídio, Revista de História das Ideias dedicada ao centenário da morte de Antero):

"Antero está sentado. Desembrulha o revolver que comprara nessa tarde. É dextro e tal qualidade, leva-o a segurar a arma com a mão direita. Com a esquerda segura-lhe o papel, que deixa cair no chão, sobre esse lado. O revolver, de modelo Lefaucheux, é de acção dupla, isto é, basta premir o gatilho para que o percursor, que nestas armas está incrustado no cartucho, actue sobre o fulminante. Apoia-se com o braço esquerdo no banco e esta posição obriga-o a rodar o corpo ligeiramente para a esquerda. Com a mão direita armada, introduz o cano na boca e dispara. A arma, empunhada em posição incorrecta (com a coronha para cima) produz o "coice" de reacção ao tiro, saltando por este efeito balístico da boca e "empurrando" a mão. O revólver cai no sentido da projecção do braço, de cima para baixo e ligeiramente da esquerda para a direita, ficando a "uns centímetros da mão" que, inerte, repousa sobre o assento do banco. O impacto do tiro projecta a cabeça de frente para trás e devido à posição do corpo, ligeiramente da direita para a esquerda. É por esta razão que a hemorragia é mais abundante pela narina esquerda e, sobertudo, pelo lado esquerdo da boca. A posição em que Antero é encontrado (não cai porque o braço esquerdo lhe escora o corpo) determina um fluxo hemorrágico de maior volume, graças à acção da gravidade. Não fala e devido ao grave ferimento que lhe abrira uma cratera nos ossos do nariz, a "cara estava horrivelmente transfigurada.(...)

"Antero fica em estado de vigília, sem perda total de consciência e a fase agónica prolonga-se durante cerca de uma hora. A hemorragia produzida pelas lesões, que se estendiam do paláto ósseo, pelos ossos e tecidos moles da cara até ao nariz, vai estar na origem da conclusão médico-legal de morte por asfixia. O tamponamento (efectuado pelo Médico Mont'Alverne Sequeira que o socorre no local, encontrando-o em decúbito dorsal, afásico) do orifíco de entrada do projéctil determinou que a hemorragia se desenvolvesse para as zonas posteriores da cabeça, em direcção ao estômago, à traqueia e aos brônquios (como a hemorragia continuasse, apesar do tamponamento, Mont'Alverne Sequeira e um seu colega também presente, terão pensado haver um outro ferimento interno provocado, este, por um segundo tiro - que não existiu senão na fantasia do relato, efectuado por estes médicos, de sobrevalorizados movimentos de Antero, que, moribundo, ter-lhes-ia indicado ter disparado em si mesmo dois tiros). Os espasmos, as contracções violentas tipificam o síndrome asfíxico".

Assistido no local pelo já citado Mont'Alverne Sequeira e por um colega seu, Antero permanece em horrível sofrimento no local durante cerca de 20 minutos, altura em que chega a maca que o transportará ao Hospital da Santa Casa da Misericórdia, situado a pouca distância do Campo de S. Francisco.

A gravidade do ferimento impede à equipa clínica, chefiada pelo Dr. Bruno tavares Carreiro, seu médico, qualquer possibilidade de salvação.

Pelas 21 horas, morre, pelas graves complicações que o ferimento causado pelo tiro produziu, asfixiado no seu próprio sangue.

Minhas senhoras e meus senhores
pseudo ilustres
pseudo intelectuais
pseudo professores
e "magnífico" entre os demais
iguais
iguais a todos vós
iguais a todos vós senhores
sois vós
que nunca tendo tido amores
nem cores
em vosso pensamento
pensam preto e branco
ensinam preto e branco
o "labirinto do vosso tédio"...
e todo o vosso rigor
se deve à vossa falta de côr
e a vossa borla e capelo
nada mais é que a vossa maneira
de dizer aos demais
com certo ar saudosista:
que também ele tivera passado
no pátio dos Gerais!

E vós!
que tendes medo de não usar o "Dr."
[antes do vosso nome
por recear nada valer sem ele !!!
Vós... nada valeis !!!

João Só

Coimbra/Junho/1991

A CABRA Fitas Suplemento

ESTE SUPLEMENTO TEM O PATROCÍNIO DA DIRECÇÃO GERAL DA A.A.C.

PINHEIRO

RELATUS

"Eu, caloiro, me confesso perante a praxe da Academia conimbricense".

Este relatório refere-se às praxes do dia dois de Dezembro de mil novecentos e noventa e um. Depois da assistência a ema aula "fantasma" da cadeira de Direito Romano, nós, simples bestas, fomos mobilizadas pelos doutores para mais uma sessão educacional.

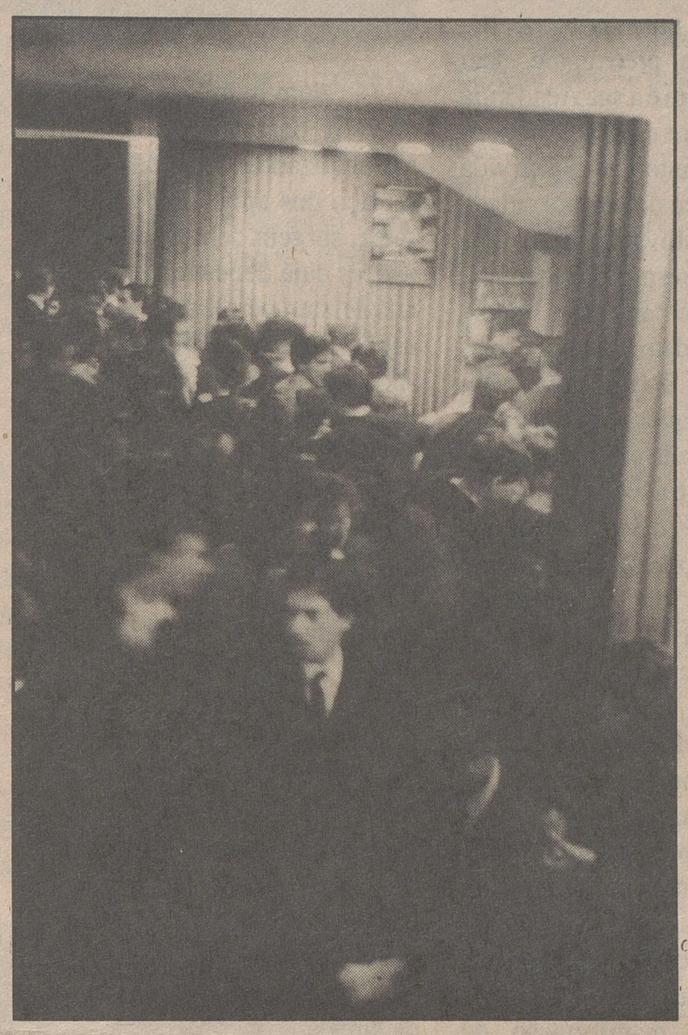
Assim, após uma brevíssima espera, todo o grupo formado pelos caloiros foi guiado pelos doutores até um bar existente nas proximidades da Faculdade de Direito, conhecido por "Pratas".

In Pratas Caloirum et Doctorem concrepuit. Antes, porém, os caloiros, estando na sua posição natural, ou seja, apoioados nas quatro patas, fizeram a sua entrada "triunfal" no salão. Depois de todos bem instalados, uns melhores do que outros, mas a verdade é que o caloiro não merece melhor piso do que o chão, um dos caloiros (por sinal eu) foi incumbido de servir bebidas aos restantes. Os doutores beberam, na sua maioria, cerveja, enquanto os caloiros ficaram pela ginginha.

Aqui apareceu um problema pois um dos caloiros não podia beber, estr problema foi sabiamente resolvido pelos doutores que deram esse copo a outro caloiro para este beber. In vino veritas? Talvez seja verdade, mas pouco se bebeu para se poder provar a veracidade desta expressão latina.

Durante a estadia no "Pratas" passou-se um bom bocado. Os caloiros falaram sobre a relação entre a perversão sexual do ano, ou seja, o coito anal, a menopausa e a ejaculação precoce. Os resultados dessa explanação oral foram sem dúvida alguma brilhantes.

Houve tempo para todo o tipo de coisas! Os caloiros desejaram um bom natal aos doutores, cantando "a todos um bom natal", primeiro em coro e depois na voz de uma só caloira, o que não foi grande sucesso. Uma caloira e dois caloiros fizeram declarações de amor a um doutor e uma doutora, respectivamente. Entretanto apareceu mais gente, entenda-se por isto doutores, pois os caloiros que apareceram não são gente, e



pôde-se então ouvir um trabalho escrito de um caloiro sobre "A importância do bife com ovo a cavalo". Este trabalho, sem dúvida alguma cómico, foi aplaudido pelos doutores e simultaneamente saudado com zurros por parte das bestas. Ouviu-se ainda uma declaração de amor de um alentejano a uma alentejana, na voz de um caloiro, trazendo-me à memória um episódio anterior em que um doutor contou uma anedota muito engraçada da mafaldinha.

Caloirus per statua Camões fuit. Sim, é verdade! Depois do Pratas ter sido "invadido" por um recém-formado doutor e seus distintos amigos, fomos levados para junto da estátua de Luis de Camões, onde existe um leão que uma caloira, imediatamente se encarregou de verificar se era macho ou fêmea. Foi um trabalho assaz difícil. Houve ainda tempo para se fazerem algumas medições com paus e para que os caloiros fizessem de conta que eram relógiso. A finalizar aprendemos uma dança e foi-me ordenado que fizese este relatório. Então sim, fomos desmobilizados.

Post-scriptum I: Dulce et decorum est pro praxis vivere. Esta a minha visão da praxe! Para mim, mais do que uma tradição secular que tem que ser preservada a todo o custo, a praxe é um ritual que insere o caloiro no que é a vida académica conimbricense.

Criticada por muitos, a praxe sobrevive e há-de sempre sobreviver pois é um momento único na vida de um estudante. Se não fosse a praxe a mística académica não existiria.

A praxe é pois uma forma mais corrente de se conseguir fazer a inserção dos novos estudantes num meio que desconhecem totalmente. Através da praxe se fazem novas amizades, se vive a vida num clima de boa disposição, que lamento eu, não é vivida por todos: uns porque não se conseguem adaptar às características da praxe e recusam-na e outros porque cometem excessos que só servem para desvirtuar a verdadeira praxe académica de Coimbra.

A praxe é pois um momento único que deve ser vivido num espírito de camaradagem e boa disposição, pois só a "sofremos" uma vez na vida e concerteza havemos de querer ter boas recordações dela no futuro. Eu sou 100% favorável à praxe, desde que praticada dentro dos limites estipulados pelo código da praxe.

Post-scriptum II: Doutores homnibus sabius sunt. Os doutores são os estudantes mais velhos que nos recebem na Universidade. Guardiões da praxe, são eles que a põem em prática. Os doutores assumem um papel funfamental para os caloiros, pois são eles que lhes vão mostrar, como soi dizer-se, os cantos à casa. É através dos doutores que os caloiros vão fazer a sua adaptação à vida académica. Desempenham, pois, um papel fundamental na vida estudantil dos caloiros.

Peço ao doutor Eduardo Jorge que dê deferimento a esta humilde missiva para efeitos de confirmação da praxe.

Manuel Gaivão
(caloiro de Direito)

AI, TIMOR!

Se é possível gastar-se uma palavra, então "Solidariedade" é verdadeiramente uma palavra gasta.

Do esquecimento total a que todos tínhamos votado Timor, da cómoda posição de Território sob a Administração Portuguesa para o qual havia sido relegado, Indonésia à parte, tudo tão calmo e claro, eles são timorenses, nós somos portugueses, a resistência do Povo Maubere é tão débil, para quê falar de coisas tristes, Timor, Timor pode-se quase dizer que saltou para as luzes da ribalta. Primeiro a RTP, em simultâneo com televisões de todo o mundo; depois os jornais, as rádios, as revistas. Todos esgotaram o assunto. Olharam-no sob todas as perspectivas, de todos os prismas. Ninguém mais póde ignorar a morte de milhares de timorenses, nos últimos 16 anos.

Depois, tão solidários que nós somos, povo latino de sangue quente, partimos para a "acção directa". Falámos do assunto nos cafés, na Faculdade, passámos filmes, vimos e revimos as imagens do massacre de Santa Cruz, alguém alvitrou que se devia mandar para lá homens, e armas, e aviões, e barcos, e morra-se pela justa causa desse povo asiático que teima em falar português! A ONU que faça qualquer coisa! A Holanda que páre de apoiar o governo de Jacarta! Decrete-se o luto nacional! Façam-se manifestações. Vigílias! Sejamos solidários até ao tutano!

Realmente, já bastava.

Coimbra estava cansada de jornais com páginas a negro. Estava na hora de desanuviar! Têm de compreender, jovens e estudantes que somos, já temos saudades das tardes de cerveja e das conversas sobre futebol nas esplanadas. Os caloiros estão aí, podem fazer-se umas praxes muita curtidas, é preciso é espairecer e deitar para trás das costas as tristezas e as (ir)responsabilidades desta Nação!

Direito ainda está sem aulas, é verdade e temos pena, mas vamos lá ainda assim à Imposição de Insígnias, que estamos aqui, estamos em Janeiro, e já se faz tarde. Junta-se-lhe a Latada e faz-se uma grande Festa, tenho saudades do meu grelo.

O dia de luto nacional deu muita solenidade ao "caso Timor", é certo, mas a vida continua e, afinal, cá até nem há massacres. Imprimem-se por isso uns programas catitas, organiza-se tudo muito direitinho, arranca-se com a Serenata Monumental, estamos em plena Festa das Latas, Timor até fica tão longe! Mas, mau!, pode lá a gente admitir uma coisa daquelas, aqueles senhores da Praxis Nova a lembrarem-nos os nossos pecados e a pedirem-nos que cantássemos com eles, e tudo ali mesmo em plena Serenata!? Sim, que praxe é praxe, tradição é tradição, e a gente não pode agora andar para aqui a quebrar estas regras sagradas por dá cá aquela palha! Não senhor! Solidariedade é uma coisa bonita, terça-feira até fui à manifestação, e estive na vigília, foi muito giro, aquelas velinhas todas, e cantou-se, lá sim, tudo tão bem, mas agora interromper-se desta maneira o Fado de Coimbra!?

Foi um escândalo total, o Conselho de Veteranos protestou veementemente, e com toda a razão, se não são eles quem há-de defender a dignidade desta Academia?... E depois, ainda que ninguém se tenha lembrado de decretar luto académico, havia sempre hipótese de os "solidários" irem a Lisboa, logo logo no sábado seguinte. Agora na Serenata, solidariedade é que não!

Seguiu-se semana fora, tudo ainda muito indignado, do combóio para Lisboa quase ninguém sabia, organizar Saraus e Chás é muito mais giro e académico.

Na terça-feira foi o Cortejo, os caloiros lá arranjaram uns cobre p'rós padrinhos irem jantar melhorzinho, se não é hoje quando é que há-de ser? Gente a morrer em Timor? Não, devem estar enganados, então isso não acabou tudo a semana passada?...

Entre a cerveja e a praxe, todos somos solidários. Se se falou durante a Serenata, não se devia ter falado. Se se fez a Festa das Latas, impunha a decência que se não tivesse feito. Evidentemente, esta é só a minha modesta opinião, mas também eu nunca soube ser solidária com data marcada. E quanto ao meu Dicionário, vou fazer-lhe uma anotaçãozinha: à frente da palavra "Solidariedade", vou escrever "Hipocrisia".

Carla Maria Silveira

CONTROVÉRSIAS

SERENATA, TIMOR... E OUTRAS FÁBULAS

Comungando do espírito de solidariedade para com o povo de Timor-Leste, o grupo de canção de Coimbra "Praxis Nova", durante a serenata da Festa das Latas 91 convidou a Academia a entoar a "Trova do vento que passa". O nosso sinal de protesto, acolhido em massa, mereceu largas críticas nos sectores mais conservadores.

Teve lugar há alguns dias atrás mais uma Festa das Latas, com muitas latas e capas e batinas carentes de criatividade, personagens principais de um cortejo ausente de objectividade crítica, respeitada por alguns e transformada por outros em reles e degradante peditório à Tatonas, de latinha e papel na mão, mendigando algumas moedinhas para adquirir o alimento da bebedeira colectiva. Não falando da alternativa autocolante cada vez mais em prática.

Paralelamente ao cortejo assistimos mais uma vez à mesma serenata festivaleira de sempre, desta vez com mais grupos, acompanhada pelo já habitual barulho alcoólico que tanto a caracteriza, pois o espírito académico, "dizem", quer-se presente.

Parece-me importante referenciar algumas divergências fundamentais, esclarecendo certas polémicas ferventes, de fazer saltar alguns conservadores ainda sintonizados em 57. Recusam com grande insistência a construção de um novo tempo que vá de encontro às preferências legítimas das vontades presentes.

Estamos perante uma iminente renovação da sociedade académica que quer andar e não pode, pois ainda existe um gradiente favorável à substituição de valores de uma geração que se quer actual, pelas memórias do passado desprovidas de significado e coerência nos tempos que correm. Não se impõe aqui uma revolução radical de 180 graus, pois nem tudo está mal e nem tudo se deve mudar. O legado das gerações cessantes tem o seu valor e importância dentro do seu espaço próprio, servindo como base de apoio e orientação na renovação natural e necessária da praxe académica. Ou seja: não se pretende que a praxe se vá reger por princípios e orientações de imutabilidade, mas que a sua flexibilidade esteja preparada para aceitar as adaptações adequadas aos valores implantados na mentalidade actual da Academia. Sejam elas ou não do agrado de algumas minorias conservadoras em vias de extinção, os anos passam e as linhas de orientação do código de 57, fora do tempo de validade, tornam-se obsoletas e cada vez mais desajustadas da realidade, mas turisticamente rentáveis.

Encontrando estas ideias guarida num Conselho de Veteranos sem representatividade efectiva e em tendências de sensibilidades mais conservadoras, este albergue com telhados de vidro está condenado, e quebrará mais tarde ou mais cedo numa altura em que as alternativas de mudança olham para o futuro e vão ganhando terreno (Tertúlia P. D.), debilitando ainda mais o fraco sistema imunitário do poder académico instituído, prevendo-se a sua morte para breve.

Estas alternativas de mudança surgem quando as questões mais quentes e polémicas se levantam, sendo cada vez mais importante e necessário o debate de ideias, bem como a sensibilização da Academia para os temas actuais que nos preocupam. Isto porque Coimbra e a sua Academia sempre tiveram carácter preponderantemente interventivo na vida social e política da própria cidade e do país, cultivando a justiça, solidariedade e espírito académico, seus valores de culto mais importantes. A Academia sempre condenou todo o tipo de repressão, quer política, quer social, sempre expressou os seus sentimentos de contestação através da música, poesia, debates, discursos e outras formas de expressão igualmente válidas e importantes, sendo incompreensível, e voltando novamente à "vaca fria", que o grupo de canção de Coimbra, "Praxis Nova" seja criticado por alguns reclusos do código de 57 por ser sensível a uma causa tão nobre como é a do povo timorense, ao ponto de lhes dedicar na serenata da Festa das Latas de 1991, uma canção de protesto. Não somos indiferentes a esta causa e achamos que qualquer manifestação de apoio ao povo de Timor-Leste é bem-vinda e oportuna

Esta manifestação de solidariedade teve eco positivo no seio da maioria dos estudantes presentes na serenata, que, aceitando o convite, participaram, cantando connosco alheios a qualquer tipo de preconceito de sapiência praxística saloia, porque é mais importante a liberdade de um povo que estas questõezinhas de praxe doentia e ultrapassada.

LUIS CARLOS SANTOS
(PRAXIS NOVA)

SECÇÃO DE FADO

Num mundo como o nosso onde o oportunismo está institucionalizado e declaradamente ao serviço dos apoderados da insensatez, surgem com frequência situações cuja delicadeza e melindre nos deixam perplexos pois tais situações tocam a fronteira da irresponsabilidade infantil exigindo uma chamada de atenção da sociedade cujos reparos deverão conter algo de profiláctico para situações futuras. Evita-se assim que a irresponsabilidade infantil desfaça completamente um programa digno, pelo atropelo a tradições ou descrédito de uma intervenção menos própria.

Estamos convencidos que o que se passou na última serenata de Recepção ao Caloiro, é disso um exemplo. Felizmente que esse apontamento negativo de que são apenas responsáveis os elementos de um dos grupos actuantes na serenata não ultrapassa a área doméstica da cidade.

Nós, como organizadores desta serenata, entendemos que deverá existir sempre o bom senso, mesmo nas oportunidade que se nos deparam para extravasar o que de justo nos apraz ver realizado, sob pena de por vezes cometermos gaffes prejudiciais para terceiros. A tomada de posição do referido grupo ao lembrar-se de, no decurso duma serenata, evocar o caso Timor, é simplesmente atentatório dos esforços de superação do problema que toda a gente portuguesa quer resolvido a contento da nossa ex-colónia.

Não é digno participar num acontecimento, que deveria conter algo de pedagógico para os caloiros, ultrapassando as competências do seu foro; as posições deste cariz são da competência das autoridades académicas ou associativas, a menos que se queira transformar ainda mais o palco da Sé Velha no palco do descrédito e do exibicionismo infantil.

Toda a Academia se encontra profundamente chocada com o tratamento infligido ao povo timorense, mas ninguém de bom senso está interessado que se faça o aproveitamento negativo da situação a coberto de interesses pessoais imponderados, envoltos numa capa que temos que dignificar.

Com esta atitude se deu mais um golpe no prestígio que gerações de académicos cimentaram. Que lhes perdoe o povo timorense para quem desejamos ver resolvido inequivocamente o seu problema que é nuito nosso e tarda em ser resolvido.

A DIRECÇÃO

LEIA

A CABRA

O Jornal da Academia

CLINFOR
Brevemente no C.C. AVENIDA - 2ª Fase
Provisóriamente no Bº Sousa Pinto, 15

PROMOÇÃO SK COMPUTADORES

SK - 386SX/20 249.000$00

80386SX A 20 MHZ, 2MB, DISCO 52 MB COM 17 MS DE TEMPO DE ACESSO, DRIVE DE 1.44 MB, 2 PORTAS SÉRIE, 2 PORTAS PARA JOYSTICK, PORTA PARALELA, PLACA GRÁFICA SUPER VGA C/256KB (EXPANDÍVEL ATÉ 1MB), MONITOR SUPER VGA-MULTISYNC A CORES (1024 x 768 PONTOS).

SK - 386SX/25 277.000$00

80386SX A 25 MHZ, 2MB, DISCO 52 MB COM 17 MS DE TEMPO DE ACESSO, DRIVE DE 1.44 MB, 2 PORTAS SÉRIE, 2 PORTAS PARA JOYSTICK, PORTA PARALELA, PLACA GRÁFICA SUPER VGA C/256KB (EXPANDÍVEL ATÉ 1MB), MONITOR SUPER VGA-MULTISYNC A CORES (1024 x 768 PONTOS).

SK - 386DX/33 389.000$00

80386DX A 33 MHZ, 4 MB, 64 KB DE CACHE, DISCO 80 MB COM 19 MS DE TEMPO DE ACESSO, DRIVE DE 1.44 MB, 2 PORTAS SÉRIE, 2 PORTAS PARA JOYSTICK, PORTA PARALELA, PLACA GRÁFICA SUPER VGA C/512 KB (EXPANDÍVEL ATÉ 1MB), MONITOR SUPER VGA-MULTISYNC A CORES (1024 x 768 PONTOS).

SK - 486/33 499.000$00

80486 A 33 MHZ, 4 MB DE RAM, 256 KB DE CACHE, DISCO 105 MB COM 18 MS DE TEMPO DE ACESSO, DRIVE DE 1.44 MB, 2 PORTAS SÉRIE, 2 PORTAS PARA JOYSTICK, PORTA PARALELA, PLACA GRÁFICA SUPER VGA C/1MB, MONITOR SUPER VGA-MULTISYNC A CORES (1024 x 768 PONTOS EM 256 CORES).

PREÇOS A ADICIONAR I.V.A. DE 17%

QUEIMA 91:

O PARTIR DA LOIÇA

A cessante Comissão Central da Queima das Fitas realizou no passado dia 10 de Dezembro uma conferência de imprensa com o objectivo de apresentar o Relatório de Contas e os Quartanistas eleitos para a Comissão da Queima/92.

Após apresentação do Relatório de Contas, ficámos a saber que a Queima/91 deu 13.700 contos de lucro, dos quais cerca de 10 mil foram para a compra de um autocarro para a AAC, mil para o Museu Académico e dois mil para a próxima Queima. Sabendo que um dos objectivos era uma gestão financeira equilibrada, parece que, por esse lado, a Queima resultou em pleno, embora seja contestável se a Queima deve ser uma instituição lucrativa. Ainda a este respeito, noticiou o Jornal das Beiras de terça-feira, 10 de Dezembro, que a Comissão Central se tinha auto-presenteado com "bolsas de estudo" a serem aplicadas num ano escolar no estrangeiro. A esta acusação respondeu o Dux Veteranorum, Pedroi Cabral, que estranhamente presidia à mesa da Comissão, lamentando que jornalistas que se queriam sérios e responsáveis dessem ouvidos a boatos e rumores de corredor, ao invés de se informarem junto das pessoas responsáveis.

Bem, resumindo, a Comissão Central resolveu pôr a boca no trombone e acusar. Acusou, em primeiro lugar, a Câmara Municipal da Figueira da Foz que, aquando da Garraiada, exigiu cerca de 800 contos pelo aluguer da Praça, para além de 120 bilhetes, a limpeza e o assumir dos prejuízos causados na Praça de Touros. Ainda a propósito da Garraiada, acusou-se a Região de Turismo do Centro de ter mentido quando anunciou que não tinha sido informada da mudança do local e de ter faltado com os 500 contos de subsídio que tinha prometido. Acusações ainda à Secção de Basquetebol e ao seu Presidente, Maló de Abreu, como não podia deixar de ser, a propósito da Super-Discoteca. Aí, Pedro Cabral acusou Maló de Abreu de tentar prejudicar a Queima das Fitas, jogando com a guerra das cervejas, tendo sido explicado que a Super-Discoteca só não teve lugar no Parque por questões de segurança (e de cerveja) e que a Secção foi atempadamente avisada.

Para além disso, a Comissão assumiu as suas derrotas: o Chá Dançante e o problema dos jeans; uma Verbena que passou despercebida; um programa cultural que, apesar da qualidade, não consegui grande aderência e muitas actividades desportivas que nem se notaram.

Como vitórias, apontam as Noites do Parque pela afluência do público e o Baile de Gala, assumidamente elitista, que este ano deu lucro pela primeira vez.

Uma última crítica estava reservada para a Reitoria que, não só não deu subsídios, como obrigou a Comissão a pagar o Gil Vicente não tendo tido a força de obrigar as Faculdades de Direito e Ciências a concederem épocas especiais aos elementos da Comissão.



João Figueiredo Saraiva

COMISSÃO CENTRAL DA QUEIMA DAS FITAS/92

Medicina: Libório
Direito: Vitor Sereno
FCTUC: José Carlos Filipe
Letras: Helena Vasconcelos
Economia: Nuno Mota Pinto
Farmácia: Cristina Araújo
Psicologia: Maria Manuela Vaz

TAGV

Teatro Académico de Gil Vicente

ANIVERSÁRIO PARA NÃO ESQUECER

Continuam as comemorações dos 30 anos do TAGV. Assim o "Ciclo Vozes do Céu" encerrará com chave de ouro na sexta-feira 13, que se espera não seja aziaga, após nos revelar a diversidade existente no que toca a projectos de qualidade no panorama musical português.

Quando já guardámos um cantinho na memória, um espaço especial para os inesquecíveis concertos de Maria João e de Né Ladeiras, a única coisa que nos resta esperar de Amália Rodrigues é que seja igual a si própria na homenagem que, passados 2 anos da celebração dos 50 anos da sua carreira, lhe faz Coimbra rendida áquela que foi a "Voz do Céu" em Portugal.

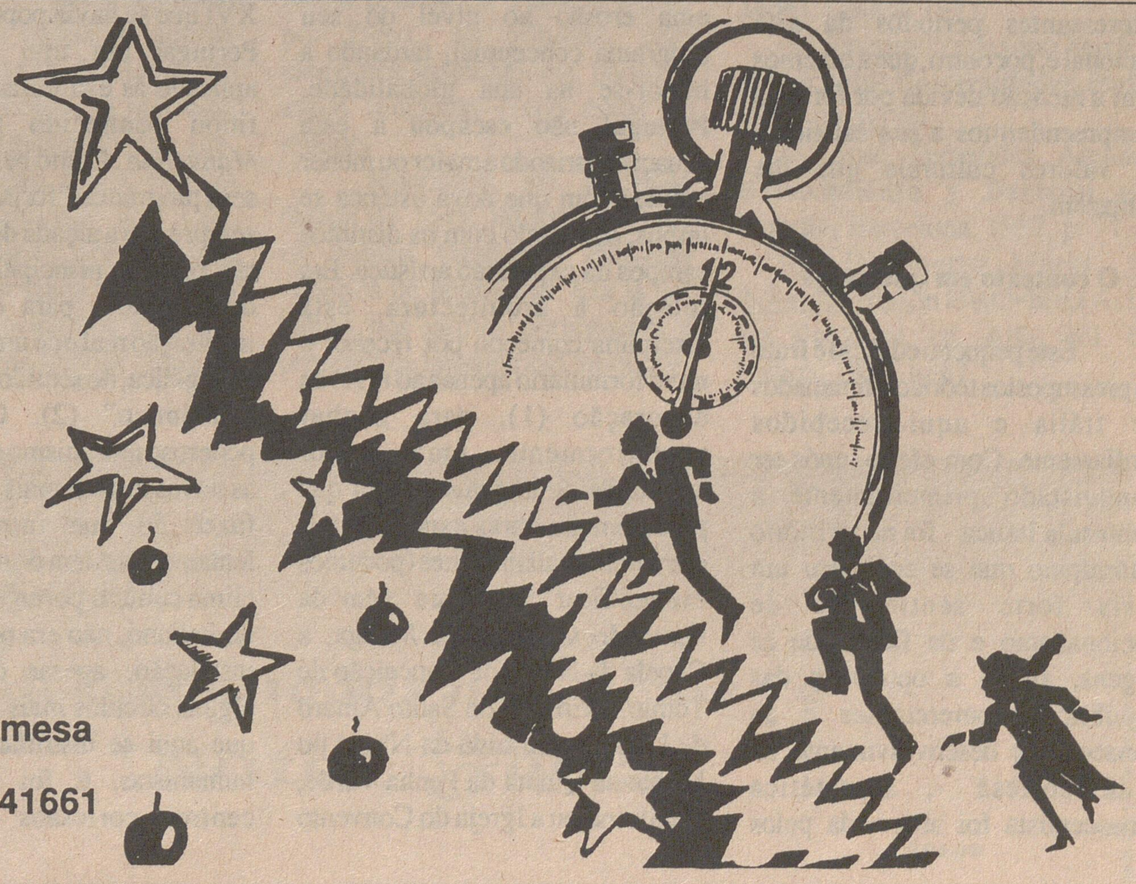
Em termos de programação musical, teremos ainda a oportunidade de assistir à reconstituição da música de Mozart com instrumentos da época pelo Trio 1790 vindo da Alemanha e que, dia 12, nos fará participar um pouco no espírito do bi-centenário. Poderemos ainda assistir, dia 16, ao grupo de instrumentalistas da Orquestra Chinesa de Macau que, num programa onde se confundem o tradicional e o contemporâneo, divulgam as possibilidades sonoras da música chinesa e de alguns dos seus instrumentos.

Entretanto poderemos visitar, até dia 19, à exposição "A recuperação de espaços teatrais do século XIX" e assistir a uma programação de cinema eternamente indispensável.



ESTÁ NA HORA
CORRA ATÉ AO
FIM DE ANO
DO
Scotch Club

Reservas de mesa
ao local/ou
Tel: 441236 441661

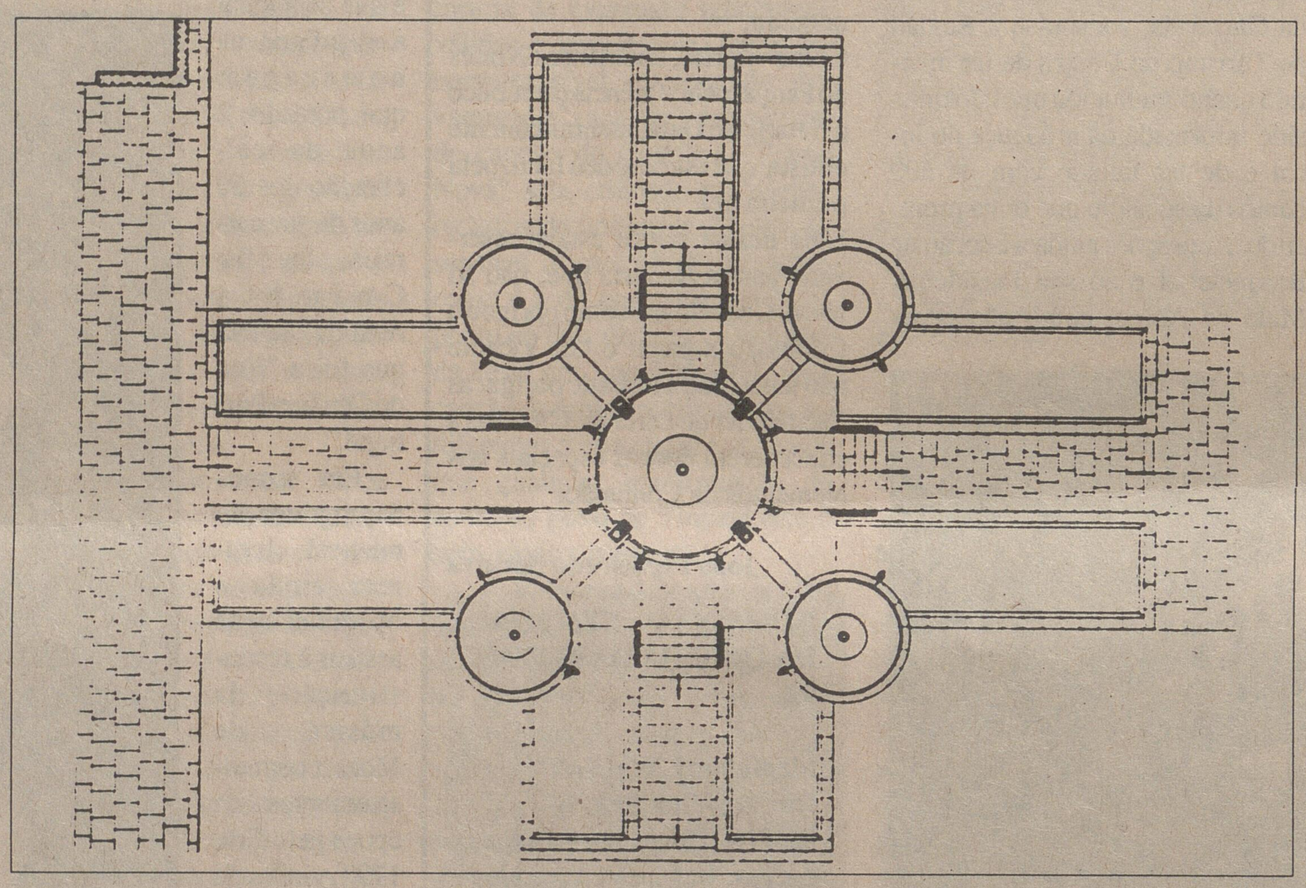


UNIVERCIDADE

Aprendo a ver. Não sei porquê, tudo penetra mais fundo em mim e não pára no lugar onde até agora acabava sempre. Tenho um interior de que não sabia. Tudo lá vai dar agora."

RAINER MARIA RILKE

Quando em 1589 o religioso espanhol Frei Jerónimo Roman descreveu o Claustro da Manga, um dos três que o Mosteiro de Santa Cruz possuía, não deixou de se surpreender com a fonte central que aí encontrou, "de tão raro gosto que quase não sei descrevê-la", como então referiu. Se hoje a Fonte do Jardim da Manga (1533-45) não é mais motivo de espanto, habituados que estamos à sua presença num dos principais eixos viários que liga a Baixa à parte alta da cidade, poucos de nós saberão, no entanto, que auqela estrutura é possuidora de grande simbolismo, tendo origem na reforma cultural que desde os inícios do segundo quartel do séc. XVI se operou em Coimbra e sendo, a este título, um marco importante da chamada "Renascença Coimbrã" e, consequentemente, do Renascimento português. Torna-se assim tão importante que a consideremos, por um lado, como uma manifestação de um dos mais interessantes períodos da arte nacional e, por outro, que a olhemos com a atenção devida por forma a compreendermos a sua estética e os valores culturais que lhe subjazem.



Planta do Jardim da Manga

O contexto em que surge

Este pequeno edifício é fruto de pressupostos teóricos dimanados de Itália e aqui recebidos tardiamente. Com efeito, após ter conquistado primeiramente a Península Itálica - foi no território transalpino que se conheceu um mais forte sentimento de nacionalismo e de fidelidade às orgens, aliado à opulência das repúblicas comerciantes e ao consequente desenvolvimento da vida cortesã -, a estética renascentista foi absorvida pelos vários países da Europa de maneira diversa. O modelo florentino sofreu uma erosão ao nível do seu programa conceptual, tardando a impor-se na sua globalidade. Portugal não escapou a esta situação, variando a maior ou menor rapidez com que nova estética se impôs, de acordo com os distintos campos da expressão artística. Em relação à arquitectura, esta disciplina começou por receber o novo formulário apenas ao nível da decoração (1), para ganhar posteriormente uma maior amplitude de linguagem com que protagonizou obras experimentais claramente italianizantes (podemos exemplificar com, para além da Fonte do Claustro da Manga, a Capela da Nª Srª da Conceição de Tomar, a Ermida de Santo Amaro de Lisboa, a Ermida da Nª Srª do Monte na Quinta da Penha Verde, em Sintra, ou a Igreja do Convento do Bom Jesus de Valverde, perto de Évora). Desde os inícios do séc. XVI que se havia popularizado em Portugal um tipo decorativo aplicado às estruturas góticas que ficou conhecido pelo termo *Manuelino*. Como bem se disse, os seus programas "forjaram-se quase sempre sob a alçada do monarca - e são reais os principais programas do período - para exaltação da instituição real e de uma mensagem evangélica, de sentido francamente ecunémico" (2). Contra este poderoso mecanismo de ostentação as novas formas mais não puderam fazer do que introduzirem-se lentamente. Além do mais o próprio clima cultural português, diferente do italiano, não era propício à sua instalação, apesar de existirem alguns círculos mais progressistas que aqui se instruíam nos ideais humanistas. E foi nos grandes centros cortesãos de Lisboa, Coimbra, Tomar e Évora - os próprios "núcleos" do Manuelino - que o novo discurso arquitectónico mais facilmente sedimentou, por razões óbvias. Durante um período de entusiasmada absorção desses ideais humanistas (que o poder real imediatamente se prontificou a secundar e a fomentar) o léxico clássico expande-se e enforma, a partir da década de 30 de Quinhentos, obras de grande valor artístico, após o que esmoreceu ante a rápida ascenção de um gosto Maneirista que no nosso país originalmente se assumiu como o representante dos preceitos da Contra-Reforma (3). Foi pois neste ambiente de impulsão cultural assente em novos conceitos que surgiu a Fonte do Claustro da Manga. É também curioso verificar que a sua construção se liga, embora indirectamente, à transferência da Universidade de Lisboa para Coimbra, a qual teve lugar em 1537. Diz Joaquim Veríssimo Serrão: "Já desde 1526 que D. João III pretendia reestruturar a Universidade portuguesa. Para o efeito criou 50 bolsas no colégio parisiense de Santa Bárbara com o efeito de nele se prepararem novos professores, e ordenou ao Jerónimo Frei Brás de Braga ou de Barros, a reforma do Mosteiro de Santa Cruz. Essas medidas constituem, para Mário Brandão, o 'prólogo' da transferência da Universidade. A escolha de Coimbra era já ponto assente, sabendo-se o quanto foi notável o làbor escolar dos crúzios na preparação desse ambiente cultural" (4). A reforma do Mosteiro de Santa Cruz, no entanto, não se verificou apenas no que diz respeito aos estudos aí ministrados pois processou-se também em simultâneo a sua remodelação arquitectónica. Nela se empregou o arquitecto Diogo de Castilho, o qual quatro anos antes havia sido nomeado mestre de obras dos Paços Reais de Coimbra (carta de D. João III datada de 7 de Abril de1527). Outro artista que muito trabalhou no Mosteiro foi João de Ruão. Este francês chegou a Portugal c. 1528, imbuído de novas concepções estéticas que reflectiam as formas florentinas do *Quatrocento*. A ele se deve, em grande medida, a difusão entre nós da arte do Renascimento, quer devido aos trabalhos que executou quer à perenidade da sua lição, a qual atingiu várias gerações de decoradores e escultores portugueses. Dele se socorreu Frei Brás de Barros para o levantamento da Fonte da Manga. Este humanista encontrou, sem dúvida, em João de Ruão um parceiro privilegiado na concepção da nova estrutura. Além do artista normando trabalharam aí também Pêro de Évora, Diogo Fernandes, Fernão Luis e mestre Jerónimo Afonso.

O simbolismo da fonte

A fonte compõe-se de um corpo central que se liga a quatro torrões por arcobotantes e por uns pequenos passadiços. Estes são hoje em pedra mas originalmente seriam talvez de madeira pois Frei Jerónimo Roman informa-nos que esses quatro torreões "são chamadas as Eremidas onde os religiosos quando querem vão a orar nelas; e para estarem tranquilos o que ali se recolhe levanta uma ponte levadiça que há para entrar que lhe serve de porta; e ali se recolhe até que lhe pareça". Estas capelas são ornadas com retábulos de João de Ruão, cada um deles dedicado a um santo eremita: São Jerónimo, São Paulo-o-Eremita, São João Baptista e Santo Antão. O retábulo dedicado



Vista Parcial do Jardim da Manga

a este último foi realizado a partir de uma gravura de Lucas de Leyde. Não é de admirar que Ruão se tenha servido desse recurso uma vez que as gravura foram na época um meio fundamental na divulgação das novidades estéticas.

José Fernandez Arenas refere que "na arte do Renascimento o seu melhor está sempre no valor metafórico que lhe é inerente" (5). É notável que nesta obra se tenha aliado à expressão estética uma tão estreita e perfeita explicação simbólica que reflecte tão claramente os ideais humanistas. Se não, vejamos: conforme se pode observar na planta, toda a construção parece contida num enorme quadrado, símbolo do Universo criado, estável e limitado. Este encerra uma grande cruz, desenhada pelo conjunto do monumento. A cruz de Cristo é um símbolo totalizador na medida em que resulta da intersecção da vertical com a horizontal. Adoptado pelo Cristianismo, este símbolo tornou-se o centro da história da Salvação e consequentemente o centro do Mundo, unindo assim intimamente o Céu e a Terra e reflectindo a reconciliação do Criador com a sua criação. Esta grande cruz é o símbolo do sacrifício de Cristo. Sobre ela sobrepõe-se a cruz de Santo André (X), mais pequena. Segundo a tradição, este apóstolo teria sido martirizado numa cruz em aspa. Esta outra cruz simboliza a humildade no sofrimento e são os seus braços que conduzem aos quatro torreões, encarados como uma alusão aos quatro Evangelhos. Os oitos tanques estão unidos dois a dois em redor da cruz maior. Formam os quatro rios do Paraíso (Fison, Gehon, Tigre e Eufrates) tal como vem referido na Bíblia em *Génesis* (2.10-14). A união da cruz com a água assinala uma eficácia saudável comunicada à água baptismal. O acesso ao corpo central faz-se através de quatro escadas. A escada simboliza uma ascensão paulatina, logo não directa, de um nível inferior a um superior. É pois uma ascensão à medida do Homem, relacionada com uma vocação de superação. Se atentarmos nas volutas existentes no cimo dessas escadas, esculpidas por João de Ruão, veremos que o seu remate representa ora um cão, símbolo da Fidelidade, ora um papagaio. Os pássaros são frequentemente associados a noções de transcendência ou superação da condição terrena. Neste caso específico o papagaio simbolizará também a eloquência, encontrando-se intimamente interligado com as capacidades oratórias que o humanismo tanto enaltecia.

Oito colunas compósitas assentam numa base octogonal, sendo encimadas por uma cúpula. O oito é considerado como o número da Eternidade, no seguimento do sexto dia da Criação e do Repouso Divino do sétimo dia, estabelecendo-se por conseguinte uma alusão à Ressurreição. Por outro lado, a filosofia neoplatónica, profundamente ligada ao espírito humanista definia o círculo como a forma mais unitária, já que este, não possuindo princípio nem fim, evoca a perfeição. Logo, evocará também a Eternidade e o Céu, pretendendo sugerir, por essa via, o vestígio da presença do próprio Deus. A base octogonal tem pois uma função mediadora entre o quadrado -o enorme quadrado a que já fizemos referência - e o círculo, expresso na cúpula. Esta, coroando toda a construção, está concebida como uma réplica da abóbada celeste, expressando desta forma a ideia do Cosmos regido por Deus. As colunas, seus elementos sustentadores, parecem assim funcionar como eixos do mundo.

Monconys, em descrição datada de 1645, informa-nos que os quatro tabuleiros estavam cobertos de laranjeiras. Era já um hábito nos jardins portugueses a presença de laranjeiras e limoeiros. No claustro da Manga as árvores de fruto aludiam, muito convenientemente, ao jardim do Paraíso. Como refere Dagoberto Markl, "reencontramos o símbolo do baptismo, da vida e do renascer para uma vida eterna" (6).

A Fonte do Claustro da Manga poderá ser um bom exemplo do género de descobertas que podemos encontrar não apenas no património arquitectónico mas no património cultural português globalmente encarado. A defesa desse património terá que resultar do empenhamento de todos e não apenas do trabalho de alguns. Porquê? Porque, tal como a defesa do ambiente, por exemplo, não se trata aqui de uma questão de modas mas de uma necessidade. Se esse empenhamento não se dever a questões de afinidade sentimental que se baseie, quando muito, num imperativo ético. É que um povo ao desprezar o seu passado está igualmente a proclamar que não se preocupa com o presente. Logo, está a pôr em causa o seu futuro como nação. É pois também uma questão de necessidade. Por uma vida de qualidade, mais digna. Por nós próprios, afinal.

João Garção

NOTAS:

(1) Sobre os primórdios da arte renascentista aplicada à arquitectura nacional veja-se Pedro Dias, **A Arquitectura de Coimbra na Transição do Gótico para a Renascença (1490-1540)**, Coimbra, 1982, pp. 397-410.

(2) Paulo Pereira, **A Obra Silvestre e a Esfera do Rei**, Coimbra, 1990.

(3) Cf. Vitor Serrão, **O Arquitecto Maneirista Pedro Nunes Tinoco. Novos Documentos e Obras (1616-1636)**, Lisboa, 1977.

(4) Joaquim Veríssimo Serrão, **História das Universidades,** Porto 1983, pp. 63-64.

(5) José Fernandes Arenas, **Renacimiento y Barroco en España,** Barcelona, 1982, p. 71.

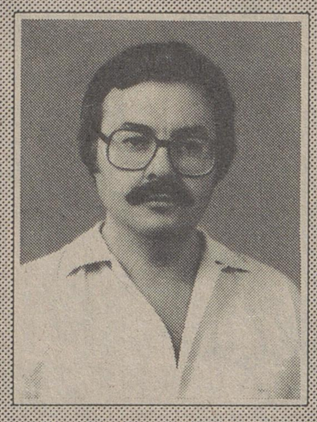
(6) Dagoberto Markl, O Renascimento, in **História da Arte em Portugal**, ed. Alfa, vol. 6, Lisboa, 1986, p. 67.

Restaurante Self-Service
JARDIM DA MANGA
de Armindo Teixeira de Faria
A Gerência deseja a todos os Clientes e Amigos um
Natal Feliz
Rua Nicolau Rui Fernandes
3000 COIMBRA
29156



Voltaire disse um dia, com fina ironia, que "todos os géneros de leitura são bons, excepto o aborrecido". Nada mais certo, estamos em crer, por sermos da opinião de que é a alma humana que cria os abismos entre os artistas e a sua obra e público-leitor. Condicionalismos históricos, sócio-económicos e mentais, actuando normalmente em conjunto, contribuem para que esse abismo se alargue. Em Portugal tem sido bem visível o que acabámos de afirmar. A necessária independência de espírito, necessária por tanto nos permitir ler uma obra de ficção-científica, policial ou de banda-desenhada com gosto (apesar de por muitos continuarem a ser considerados "géneros menores") como denunciar um comerciante desonesto ou um político corrupto, a independência de espírito, dizíamos, ainda é um valor a conquistar. A poesia, também ela, tem-se ressentido com este estado de coisas. E contudo, essa "dinamite", como um dia lhe chamou René Clair, é o que de mais verdadeiro o género humano possui, já que traduz maravilhosamente a constante busca daquilo que nós somos. A boa poesia, é claro, pois esta, como nos referiu o poeta que este mês apresentamos, "não se deve confundir com mero versejar". A rubrica que este mês iniciamos não vai contar com técnicos de versos mas com poetas. Assim, temos já confirmada a colaboração de João Rui de Sousa, António Luis Moita, José do Carmo Francisco, J. O. Travanca-Rego, Armindo Reis, Matilde Rosa Araújo e José Bento. Gostaríamos também de incluir trabalhos de poetas já falecidos (Cristovam Pavia, José Cutileiro, António Maria Lisboa e Pedro Oom). Convidamo-los, pois, a acompanharem-nos desde já nesta aventura já que, como disse Aldo Pellegrini, "a poesia só pretende cumprir uma tarefa: que este mundo não seja habitável só para os ímbecis".

JOÃO GARÇÃO
e Mª ANTÓNIA
DÓRDIO



Um poeta por mês

Nicolau Saião- Poeta, pintor e publicista, nasceu em 1946 em Monforte do Alentejo, residindo desde os 3 anos em Portalegre, onde trabalha no Centro de Estudos José Régio.

Exposições no país e no estrangeiro, bem como palestras e conferências sobre Arte e Literatura (Cézanne, Surrealismo, Religião e Folclore, Literatura de Mistério). Colaboração em jornais e revistas. Representado em diversas antologias de poesia e pintura.

Prémio Nacional Revelação de Poesia 1991 da Associação Portuguesa de Escritores com o livro "Os Objectos Inquietantes".

MIRADOURO

O PÉ

Em todos os lugares, é
sempre pé: pé de mundo
pé de mando, pé de mar. Sem par
é pé de côxo. Pé
parado. Morto em pé.
Por vezes
os pés deseparecem
durante anos: esconderam-nos
em claustros, chaminés, prisões.

O pé no fundo
é estranho: de noite
parece um ser solar. Um pé
sem perna já foi mais frequente do que pensam.
Um pé de casa é uma vírgula posta
entre o campo e as estrelas. Um pé arabesco
é um pé a cavalo. E um pé que se preza
ama a liberdade. De contrário é pé chato
pé de planeta aziago.
Um pé sem suor é pé desafinado.
Lagosta, pé carregado
O pé costuma ver (o pé tem sorte)
o começo da vida, ou o fim do corpo:
ir de pés para a frente
fazendo finca-pé
à própria morte.

O pé de flor vive em todo o lado.
Planta de pé é um silêncio vegetal.
Pé de cabra é bom na magia oculta.
O pé de cão tem horror aos polícias.
O pé de amor é um bicho esquisito: mede
os outros pelo seu tamanho — pé universal.

Pé ou mão? Doce animal
dentro do coração.

Nicolau Saião
in "Os objectos Inquietantes", 1984
Premiado com o "prémio Revelação" da A.P.E., 1991

O CÃO

I

Um cão é por vezes
uma parábola, um conto, uma quimera
diferente do gato por ter mais
o latido negro e o olhar raiado
de anos
de sangue e de histórias pavorosas.

Tanto cansaço
por um cão! Porque o dia
desfaz-se em pedaços
e subjuga-nos
e já nada é lonjura
limite, precaução
na memória.

Lovecraft
teria tido um cão?
e o cão de Rilke
forma desenhada
exercitando o estro
do seu dono ausente?
Qual o nome
do cão de Diana caçadora?
Não o preferido, o outro
que falhava perdizes e raposas
se adregava de quedar-se
no bosque prematuro
a mijar na caruma, contemplando
lá no alto uma brusca ameaça de luz.

Cão - recorte
de muitas linhas que se confundem
estranhamente
nas ardósia efémera
uma e outra vez
-nada nos dirá nunca
com o seu focinho liberto
e sonolento.

II

"Ninguém para mim morre. Sempre haverá
o movimento que foram e não foram
os homens, as flores, o infinito.
Celebro
não apenas o instante
mas o véu que nos dá
obras e paixões.

Inscrição sobre um muro
que se impõe, silenciosa
como se nela entrasse
o eterno sussurro
da mais pura tristeza.

Unindo eternamente
olhos, vozes, planetas".

Nicolau Saião

in "Os Objectos Inquietantes", 1984
Premiado com o "Prémio Revelação"
da A.P.E. 1991

LIVRARIA - DISCOTECA
ALMEDINA
COIMBRA

Hóquei em patins

«Briosa» — tudo sobre rodas

Fundada em 1937, a Secção de hóquei em patins da A.A.C. conquistou logo um título...no ano seguinte e desde então, muitos têm sido os êxitos alcançados, entre participações não só em provas e torneios nacionais, mas também no estrangeiro.

Actualmente, depois do «susto» da temporada anterior, a Secção pretende que a equipa realize uma boa temporada e o plantel apresenta-se mesmo superior ao da época transacta, com destaque para o guarda-redes Armando, um dos melhores a nível nacional.

Para nos falar da Secção de hóquei em patins, actualidade e objectivos futuros, registamos aqui o depoimento do presidente, Luís Alcoforado.

A carreira da equipa

Começámos por pedir ao nosso interlocutor um breve balanço sobre o campeonato que a «**Briosa**» tem vindo a realizar.

— *Nao se pode entender este campeonato sem ter o calendário à frente Tivemos um começo extremamente difícil, com visitas a todos os primeiros classificados da época anterior, à excepcão do F. C. do Porto que recebemos em casa logo no início, que é «só» a melhor equipa nacional e uma das melhores do mundo. Eu diria que o nosso campeonato se iniciou agora, depois da visita ao Benfica, onde terminou a «série negra» de jogos que tínhamos.*

— A equipa, nessas partidas, deu uma «resposta» positiva?

—*Sim, de qualquer forma os resultados conseguidos e as exibições realizadas levam-nos a crer que estamos no bom caminho para o nosso objectivo, que é um campeonato equilibrado sem sobressaltos, a meio da tabela.*

— A derrota em Coimbra com o Turquel é que não correspondeu ao que se aguardava...

— *Pensávemos, de facto, ganhar, mas o jogo não nos correu de feição, a meio da segunda parte tivemos dois jogadores excluídos e...fomos abaixo.*

—Na próxima jornada, uma partida difícil com a Oliveirense.

— *Vai ser difícil, como disse, mas acredito que temos equwipa e valor para disputarmos a vitória com o nosso adversário*

É evidente que para conduzir a «nau» da patinagem academista a «bom porto», são muitos os obstáculos a enfrentar. Foi disso que falámos em seguida, com o homem que segura o «leme» da referida Secção.

— Acha que as exigências orçamentais que se levantam nesta época são excessivamente fortes ou serão compatíveis com os meios ao dispôr da Secção?

— *Bem, no que toca aos dinheiros da Secção, é evidente que fica sempre caro construir uma equipa de hóquei em patins para atingir os objectivos a que nos propomos, mau grado a carga de relatividade que o termo «caro ou barato» sempre acarreta. No panorama nacional, a Académica tem uma equipa muito barata, incomparavelmente mais barata do que Secções de outras modalidades, embora talvez o hóquei seja uma modalidade mais barata.*

Noutro tom, acrescentou:

— *A equipa é composta em cerca de 45% por estudantes e depois por pessoas cuja situação profissional se encontra perfeitamente estabilizada. Por outro lado, interessa referir o alargamento que se verificou este ano no projecto da Patinagem, que se estendeu às camadas mais jovens o que, representa sempre custos acrescidos.*

Os apoios e o projecto

— E «onde» é que a Secção tem procurado os apoios que possam, digamos que «contrabalançar» as despesas?

— *A ideia será procurar fora de Coimbra, como aliás estão a fazer outras equipas de Secções com necessidades acrescidas. Enfim, se Coimbra por si, não tem uma tradição muito forte nas novas formas de apoiar o desporto, que é a publicidade, a sponsorização, etc, também não terá empresas com uma dimensão tal que lhe permitam só por si realizar esta sponsorização.*

— O público tem «marcado presença» e apoiado a equipa da Académica?

—*Sim e eu aproveito para lhe dizer que acho que se conseguirmos oferecer espectáculos competitivos de qualidade, e refiro o exemplo das deslocações do F. C. do Porto a Coimbra quer para jogar hóquei em patins quer para jogar basquete, em que os pavilhões estiveram cheios, o público estará presente. Mas penso é que talvez a Academia em si, esteja um pouco mais afastada do desporto e das Secções da Académica, do que estava há uns anos atrás, em que as pessoas viviam muito mais juntas e sentiam muito mais, os problemas do desporto da Académica.*

—Falando da juventude, o projecto da A.A.C. esgota-se num curto prazo, ou por outro lado, é prospectivo em direcção ao futuro e a «mares mais ambiciosos»?

—*O projecto do Hóquei em Patins da Académica não começou agora, começou há uns anos atrás, quando umas pessoas tomaram as rédeas da direcção e investindo forte no hóquei, trouxeram a equipa à 1ª. Divisão. Eu, que já tinha sido noutras ocasiões contactado para integrar os quadros da direcção— contactos esses que se goraram devido a indisponibilidades temporais — aceitei este ano o desafio que me foi proposto, tendo porém integrado este projecto. Com linhas e contornos perfeitamente delineados que eu e outras pessoas que entraram comigo, tentarão pura e simplesmente dentro das suas possibilidades, exponenciar.*

— Concretamente, em que é que consiste essa aposta?

—*Uma dessas apostas mais fortes, consiste num plano completamente distinto para as escolas, supondo a vinda de um técnico com experiências e créditos firmados a nível nacional, que será o Velasco. É certa a sua participação neste projecto, participação essa que podemos garantir e que passa pela formação de técnicos, agentes desportivos, atletas, e também pelo aproveitamento dos jovens e das escolas numa outra equipa que a Académica está a tentar constituir na zona de Coimbra, que é a Associação de Arazede. Há portanto todo um plano que estava definido, a que nós nos limitámos a dar os contornos definitivos.*

Empossado legalmente

Por fim a nossa conversa entrou em áreas bem mais quentes, pois o nosso interlocutor fez questão em se referir, ao que denominou, «*acusações falsas e gratuitas*», de que teria sido alvo, num veículo de opinião estudantil, «*num jornal chamado "A Outra Voz"*».

— *Antes de mais deixo aqui um desmentido categórico de todo o teor desse artigo incluído nesse jornal, que salientava no título que eu tinha sido empossado ilegalmente. Ora, as eleições na Secção de Patinagem da Associação Académica, respeitaram -integralmente - os Estatutos da Secção, que já têm vários anos. Refira-se aliás, que o director desse jornal foi presidente do Conselho Fiscal da Associação Académica há dois anos e não mexeu nos Estatutos da Secção de Patinagem como podia ter feito. Portanto, se não o fez, é porque concorda com eles, assim, não percebo porque levantam agora num jornal desses essa questão.*

Num tom crítico, prossegue:

— *Aliás, percebo, é com fins exclusivamente políticos utilizando métodos que eu pensava já ultrapassados, tratando-se de pessoas que se tinham aproximado de mim por outras razões, antes, e que nunca julguei que fossem capazes de utilizar estes métodos de mentira e ataque pessoal. Até porque me tinham procurado tempos atrás, para ajudar outras Secções da A.A.C. a que esses senhores pertencem, nomeadamente, a Rádio Universidade, o que eu fiz com muito gosto e voltarei a fazer sempre que necessário.*

Depois de uma breve pausa:

— *Por isso, não entendo como é que essas pessoas conseguem fazer artigos desta forma, no teor em que fizeram sem primeiro me terem ligado, me terem falado a perguntar se aquilo que iam escrever tinha algum fundamento de verdade.*

E o presidente da Secção de Hóquei em Patins terminaria mesmo a sua entrevista da seguinte forma:

— *E isto só teria de mim, eventualmente, duas acções. Primeiro, accionar em tribunal a pessoa; julgo que isto é muito pouco académico. Vou optar pela segunda, e exigir à pessoa que me justifique «cara a cara», aquilo que escreveu. E em Coimbra já se resolveu muita coisa por métodos muito menos ortodoxos, a que eu não tenho renitências nenhumas em recorrer, se for caso disso...*

Alexandre Mota Pinto

Nome	Naturalidade	Posição	Clube anterior
Armando	Porto	Guarda-redes	Oliveirense
Luís Costa	Coimbra	Guarda-redes	Académica
Augusto Reis	Sta. Maria da Feira	Guarda-redes	Ac. da Feira
José António	Coimbra	Defesa/médio	Académica
Hernâni Nunes	Oliv. de Azeméis	Defesa/médio	Oliveirense
Vasco Vaz	Coimbra	Defesa/médio	Académica
Rui Graça	Tomar	Defesa/médio	Sp. de Tomar
Pedro Gaioso	Coimbra	Defesa/médio	Académica
Rui Martins	Oliv. de Azeméis	Avançado	Oliveirense
Pedro Silva	S. João da Madeira	Avançado	Sanjoanense
Sérgio Araújo	Torres Vedras	Avançado	F. de Torres
Francisco Vilhena	Coimbra	Avançado	Académica

Ginástica

Sara Pereira e Susana Vítor mais uma «internacionalização»

As atletas da Secção de Ginástica da A.A.C., Sara Pereira e Susana Vítor, foram convocadas pela Federação Portuguesa de Trampolins e Desportos Acrobáticos, para integrarem a Selecção Nacional, que participou no Campeonato da Europa de Ginástica Acrobática, que teve lugar em Lisboa no mês passado. Estas duas atletas, ficaram classificadas em 9 lugar, tendo sido alcançadas as melhores notas de sempre dos pares femininos portugueses. A pontuação obtida foi a seguinte: 9.36 pontos (equilíbrio), 9.14 (dinamico) e 9.10 (esquema combinado).

A actividade da Secção de Ginástica, possui um leque de modalidades, distribuídas da seguinte forma:

No Pavilhão n. 1 do Estádio Universitário:

- Ginástica Infantil

- Ginástica Aeróbica
- Ginástica de manutenção
- Dança
- Especial Mista
- Ginástica de pré-Competição
- Ginástica Acrobática

No Pavilhão da Solum:

- Ginástica de Formação
- Ginástica de Aeróbica
- Ginástica de Manutenção
- Dança
- Ballet

Judo

Novo tapete de treinos

No ano em que a Secção de Judo da Académica comemora o seu 30º. aniversário, um «presente» foi logo oferecido no reenício da sua época desportiva, referimo-nos concretamente a um novo tapete de treinos, para a prática da modalidade. A aquisição desta nova área de treinos envolveu um enorme esforço financeiro, apenas se tendo tornado possível com a ajuda de diversas entidades e organismos oficiais. Neste capítulo, a Secção de Judo da A.A.C. contou com a colaboração da D.G./A.A.C., diversas entidades de Coimbra e ainda com o apoio de diversos atletas da Secção.

A nova época desportiva da Académica iniciou-se em Setembro, com treinos de Judo e de preparação física. Refira-se ainda, que os atletas já puderam contar com a Sala de Musculação da Secção de Judo, totalmente equipada com aparelhos que permitem um programa de treinos específicos para a modalidade.

Torneio de infantis e juvenis no dia de «soprar as velas»

Um torneio de infantis e juvenis, que se irá realizar no dia 14 pelas 19.00 horas, marcará o ponto alto das comemorações do 30º. aniversário da Secção de Judo da Associação Académica de Coimbra. Seguir-se-á um jantar na Cave das Químicas, reunindo todos os judocas da Secção e familiares, numa festa de Natal, tradicional já de hà cinco anos a esta parte.

À Secção de Judo os nossos...«parabéns a você»!!

Desporto Universitário

Torneios Abertos de futebol de salão e de basquetebol

Numa organização do G.A.R.D. (Gabinete de Actividades de Recreio e Desporto), iniciar-se-ão no início do mês de Janeiro, as inscrições para os Torneios Abertos de futebol de salão e de basquetebol, a terem lugar no Estádio Universitário.

Serão distribuídas medalhas para todos os participantes e a equipa primeira classificada em cada modalidade, receberá um troféu correspondente à vitória na competição.

Segundo o *prof. Robalo*, coordenador técnico do G.A.R.D., «*será possível conseguir-se um bom desempenho organizativo, se existir a colaboração de todos*». Cada equipa, terá «*um delegado, obrigatoriamente, que reunirá com a organização, podendo mesmo se fazer acompanhar pelo treinador - se existir - para conhecimento de todo o processo a desencadear.*».

Refira-se que, em relação ao horário dos jogos, que o futebol de salão terá as suas partidas entre as 15.00 e as 17.00 horas, enquanto que o basquetebol será jogado entre as 21.30 e as 23.30 horas.

No que concerne aos árbitros para as partidas, os mesmos «*serão nomeados directamente pelo G.A.R.D.*»

Andebol, Voleibol e Rugby

Entretanto, também com as inscrições a se iniciarem em Janeiro, mas com os respectivos Torneios a terem lugar mais tarde, são os casos do andebol, voleibol e rugby. No caso desta última modalidade, a orientação será da Secção de Rugby da A.A.C., com apoio do G.A.R.D..

Em relação às primeiras, refira-se que o ano passado muito poucas equipas se inscreveram, mas segundo o prof. Robalo, «*acredito que este ano possam surgir mais equipas interessadas em participar e passar a ter uma «implantação» bem maior*».

	J	V	E	D	F	C	P
FC Porto	11	9	1	1	312	244	30
ABC	11	9	0	2	282	220	29
Académica	11	8	1	2	250	209	28
Benfica	11	8	0	3	310	239	27
Belenenses	10	5	2	3	233	213	22
Setúbal	11	5	1	5	214	213	22
DF Holanda	11	5	0	6	248	263	21
Sporting	10	4	1	5	218	237	19
Estrelas	11	2	1	8	218	261	16
Ac. Funchal	11	1	3	7	261	324	16
Club TAP	11	2	0	9	241	299	15
Ac.S.Mamede	11	2	0	9	228	293	15

Andebol

Campeonatos Nacionais Universitários A.A.C. em terceiro lugar (Futebol de Salão)

Disputaram-se no passado fim-de-semana, os Campeonatos Nacionais Universitários em futebol de salão, com a vitória da Universidade da Beira Interior, que asssim, conquistou pela quarta vez a vitória na competição, que este ano se realizou na Covilhã.

Numa organização da F.A.D.U. (Federação Académica de Desporto Universitário), a presença da equipa da Associação Académica de Coimbra acabou por ser positiva, ao conquistar um honroso terceiro lugar, vencendo a Federação Académica do Porto por 2-1.

Recorde-se que no ano passado a representação de Coimbra havia ficado na sexta posição.

Ricardo Madeira e Rui Formosa na Selecção Nacional

Os Seleccionadores nacionais da modalidade, têm já o lote dos dezoito jogadores que representarão Portugal no Campeonato do Mundo de Futebol de Salão, a realizar em Málaga, (Espanha) em Outubro do próximo ano. Nos convocados, encontram-se dois jogadores da A.A.C., Ricardo Madeira e Rui Formosa.

Torneio de Futebol Inter - Faculdades

Numa organização da Secção de Futebol da Associação Académica de Coimbra, estão abertas as inscrições, até ao final deste mês, para o Torneio de Futebol de 11, Inter-Faculdades.

Eduardo Jorge

	J	V	E	D	F	C	P
Benfica	6	6	0	0	72	12	18
OC Barcelos	6	4	1	1	46	16	15
Oliveirense	6	4	1	1	31	21	15
FC Porto	5	4	1	0	30	21	14
Sporting	6	3	2	1	27	28	14
Turquel	6	3	1	2	26	17	13
Sanjoanense	6	3	0	3	33	47	12
Valongo	6	1	3	2	22	28	11
Académica	6	2	0	4	26	33	10
Parede	6	2	0	4	28	42	10
Paço Arcos	5	2	0	3	21	26	9
Grundig	6	1	1	4	20	35	9
Juv. Viana	6	1	0	5	17	33	8
Sta. Cita	6	0	0	6	13	53	6

Hóquei em Patins

DIRECÇÃO GERAL DOS DESPORTOS
A NOSSA VOCAÇÃO É APOIAR O DESPORTO
DELEGAÇÃO DE COIMBRA

Basquetebol

Académica — uma carreira irregular

Dividido entre uma bola de basquete e os livros de Economia, *Mário Mexia* vem passeando, em ambos os «campeonatos», toda a sua classe, de excelente atleta e bom estudante, merecendo por isso a categoria de «internacional» em ambos os sectores.

Incumbido de uma difícil missão — conciliar duas paixões, vividas com a mesma intensidade, demonstrando em ambas o mesmo fulgor — «Marinho» como é apelidado pelos que de mais perto convivem com ele, caminha a largos passos para, de novo, consagrar um nome que é tão querido e lembrado no basquetebol português, Mexia.

Trazendo bem viva na memória a imagem do seu pai, Mário Mexia simboliza já a vitória de uma nova geração e um sinal de que a aposta efectuada pela Académica na formação de novos valores, já foi ganha. Foi assim, descobrindo o homem e o atleta, que entrevistámos a mais recente «aquisição» da Selecção Nacional e um dos novos bons valores da modalidade.



Mário Mexia em acção

A Selecção Nacional

Começámos então por falar sobre a sua convocatória para representar a Selecção lusa, que defrontou no mês passado as equipas de Israel, Polónia e Alemanha, em partidas a contar para a fase de apuramento das do Campeonato da Europa. E nas suas primeiras palavras, o nosso entrevistado começou por se referir à participação da equipa portuguesa.

— *Bom, as equipas que nós defrontámos eram, obviamente, superiores à nossa, já o sabíamos. Pessoalmente, acho que foi uma boa experiência, apenas esperando que noutra oportunidade possa jogar, para desta forma concretizar o meu objectivo.*

Depois:

— *Penso que a partida que tivemos mais possibilidades de vencer foi contra a Polónia, isto se tivssemos a equipa completa, o que não aconteceu, uma vez que faltava o Carlos Lisboa. No que diz respeito às outras duas Selecções, Alemanha e Israel, não creio que o resultado pudesse ser muito melhor, pois são equipas com um nível muito superior ao nosso.*

— Então o que falta à nossa Selecção para atingir um nível superior?

— *Penso que principalmente faltam jogadores altos, pois notam-se grandes deficiências em relação às diferenças de estatura e peso.*

— Espera voltar a trabalhar com a Selecção Nacional, que disputará este mês o Torneio RTP ?

— *Sim, estou esperançado em trabalhar novamente com a Selecção e caso aconteça lá estarei para jogar. É evidente que é uma honra muito grande ser chamado para trabalhar com esse lote de grandes jogadores que formam o conjunto nacional.*

Académica irregular

— Chegou a altura de falar na «Briosa» que acabou por desapontar depois de surpreender...

— *Nós, à partida, tínhamos um início de campeonato bastante difícil, acabando por ganhar um jogo que talvez não esperávamos, contra o F.C.Porto. Depois acabámos por perder contra o Seixal que, aí sim, foi bastante mau. No entanto, ainda falta muito campeonato e muita coisa irá acontecer.*

— A Académica irá entrar numa nova fase da sua carreira, defrontando adversários, denominados como sendo do «seu Campeonato». A equipa está preparada para encetar um ciclo...vitorioso?

— *Sim, são jogos, à partida, equilibrados, mas não descuramos que iremos procurar alcançar o maior número possível de vitórias. Temos que ganhar, pois caso contrário, passaremos a ficar numa posição difícil para atingir os «play-offs», afinal, o nosso objectivo.*

— A Académica tem vindo a efectuar uma carreira uma carreira irregular...

— *É verdade que sim, já o ano passado aconteceu um pouco a mesma coisa. A diferença existente, situa-se ao nível das exigências dos dois Campeonatos, ou seja, na época passada, nesses períodos de irregularidade, acabávamos por vencer os nossos adversários, mas este ano, isso já não acontece.*

— A derrota com o Illiabum não estava «nos planos»...

— *É verdade que sim, era uma partida para ganhar! Começámos bem e estávamos em vantagem ao intervalo, mas cometemos alguns «lapsos» e também faltou-nos sorte, pois perdemos por um ponto de diferença. Agora, frente ao Esgueira, tentaremos ganhar para melhorarmos a nossa classificação.*

Tradição no nome Mexia

O diálogo conhecia agora uma breve pausa. Depois, chegou a altura de falar um pouco sobre o passado e sobre o presente, mais concretamente, de duas gerações, dois grandes atletas, pai e filho. Perguntámos então ao nosso interlocutor, se o nome Mexia estava «para durar» e se a brilhante carreira do seu pai, constituía um forte estímulo. «Marinho», um pouco surpreendido, respondeu-nos da seguinte forma:

— *Bem, é lógico que é uma grande motivação olhar um pouco para o passado e para a carreira do meu pai. É bom por um lado, mas por outro...nem tanto. É o costume, as comparações que se fazem entre os dois e estou certo de que, apesar de as épocas serem diferentes, fico sempre em inferioridade em termos de qualidade.*

E prossegue:

— *Existe, por assim dizer, o peso da responsabilidade. Tentar uma aproximação, o mais perfeita possível, com o nível exibicional demonstrado pelo meu pai, o que penso ser impossível de atingir. Tenho pena de não o ter visto jogar, mas sei que foi um grande jogador!*

A Academia de Coimbra

— Tem sido difícil, para si, conciliar estas duas «paixões», o basquetebol com o curso de Economia?

— *Sim, muito difícil. No entanto, se agora conseguir o Estatuto de «Atleta de Alta Competição», isso permitir-me-á ter épocas de exame especiais, o que facilitará um pouco a vida ao nível dos estudos.*

— Se houvesse uma altura da sua carreira, em que tivesse que escolher entre o desporto e o curso universitário, qual seria a sua opção?

— *Sem dúvida que o basquetebol seria preterido em detrimento dos estudos. Penso que o basquet é algo que, no máximo — e se não tiver lesões graves — dura dez anos, não sendo um «futuro» para ninguém, pois acho muito mau s pessoas escolherem o basquet como carreira profissional.*

— Uma última pergunta. Se eventualmente surgir uma proposta de um dos clubes do «top» da modalidade, no nosso país, aceitaria ou não?

— *Não sei, é sempre difícil responder a uma questão dessas. O que eu pretendo é acabar o curso em primeiro lugar, independentemente do basquet, ou de jogar ou não. Mas o que espero em termos desportivos é que a Académica consiga evoluir, de forma a poder reunir um bom conjunto de jogadores, que cheguem ao «top», sem terem que sair desta mesma Académica.*

Luís Nuno Olim

Académica troca de estrangeiro

A equipa da A.A.C. trocou o seu jogador estrangeiro, com Gabriel Estaba a deixar os «estudantes», sendo o americano John *Bailey* o novo reforço da turma comandada por António Pereira. Jogador experiente, com boas prestações em vários países estrangeiros - o ano passado actuou na Suiça - este basquetebolista veio muito bem referenciado e embora só tenha realizado duas partidas, deixou indicações de que poderá vir a constituir, de facto, um jogador muito útil aos «academistas».

Dr. João Medeiros demitiu-se

O *Dr. João Medeiros*, chefe do departamento sénior do basquetebol da Académica, demitiu-se das suas funções, mantendo contudo a sua ligação com os juniores, o que já vinha acontecendo há algum tempo. Não conseguimos apurar as razões que terão estado na origem deste abandono, mas o certo é que depois da (inesperada) derrota com o Seixal, essa demissão aconteceu. Embora instado a comentar esta situação, de forma afável, o treinador *António Pereira* recusou-se a tecer «*qualquer comentário*», referindo contudo que continua «*a existir uma boa relação de amizade entre ambos*».

Sobre a sua situação como treinador, disse-nos ainda acreditar «*que a grande unidade entre as pessoas levará a que possamos melhorar e assim aparecerem as vitórias. Há um projecto que pretendemos concretizar, continuaremos a trabalhar para cada vez mais melhorarmos*».

Sobre a presença do Eng. Adriano Baganha - Seleccionador Nacional - nos treinos da equipa da Académica, colaboração que já existe desde o início da temporada, disse-nos o técnico da «Briosa» que há uma «*relação esclarecida em termos de trabalho, para além de uma forte relação de amizade*», sendo o primeiro o «*coordenador do basquete, um supervisor, não interferindo directamente nas opções tácticas, por exemplo. Eu sou o treinador principal.*»

Eduardo Jorge

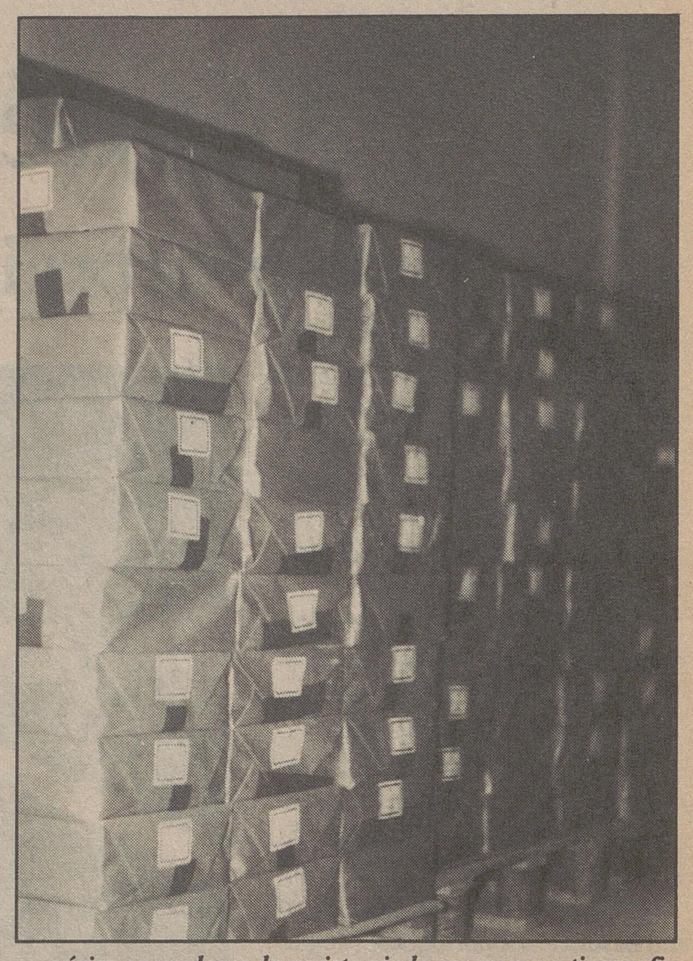
revistaVIA LATINA

DEVO EU, PAGAS TU

A revista Via Latina, produção da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra (é assim que vem referido na ficha técnica da publicação) ainda não encerrou as suas contas.

A última revista Via Latina teve um parto muito difícil. Concebida em Abril de 90, vê a luz do dia apenas em Junho de 91 e, no entanto, o seu epílogo está longe. A tipografia "Rocha Arte Gráfica" reclama da Direcção Geral da AAC uma dívida de 17.200 contos como custos de produção não liquidados. Os custos da tipografia são orçados em cerca de 27 mil contos. A Direcção Geral assume a dívida mas recusa o montante que lhe é apresentado. Marcelo Nuno, o Tesoureiro, diz que a Direcção Geral pretende fazer uma peritagem aos custos apresentados, "é um proceso normal", acrescenta. Marcelo diz que tal tem vindo a ser dificultadotado pela tipografia "Rocha Arte Gráfica" que de algum modo tem exercido pressão junto das outras tipografias para quer estas se recusem a fazer a peritagem. António Rocha, sócio da tipografia, recusa de forma terminante tal acusação, acrescentando no entanto que, do ponto de vista ético, é pouco recomendável tal actuação por parte da AAC, "por que não o fizeram antes de nos darem a obra?" Para Marcelo, quem não deve não teme. António Rocha mostra-se preocupado com o impasse da situação. Tem o caso no advogado, e ameaça recorrer a outras instâncias caso a dívida não seja saldada, avisando que ou as coisas se resolvem depressa ou serão pedidos juros de mora sobre o montante da dívida. "Não temos como pagar o 13º mês dos empregados", diz A. Rocha à reportagem de "A Cabra". Marcelo Nuno diz ter sido a própria Direcção Geral a solicitar à empresa que colocasse o caso num advogado para que então poder pressionar as entidades que ficaram de apoiar a iniciativa e ainda não o fizeram. "Ou vocês nos ajudam, ou estamos em maus lençóis". Francisco Tão-Lindo Silvestre (produtor da revista) acusa a tipografia de vários atrasos na entrega da revista, apresentando esta ainda várias gralhas e erros técnicos, sendo a qualidade abaixo da exigida. A tipografia recusa estas críticas remetendo o atraso da obra para a produção da revista, nomeadamente para Francisco Tão-Lindo, que nunca entregou o trabalho todo pronto, mas sim "às pinguinhas". Além disso, acresce A. Rocha, "a produção nunca soube ao certo as dimensões da revista". Em relação à qualidade, A. Rocha diz responder por ela, e se há alguns erros técnicos, eles deviam ter sido reclamados na altura e não agora, passados 4 meses. Francisco Tão-Lindo diz que na altura também reclamaram da qualidade.

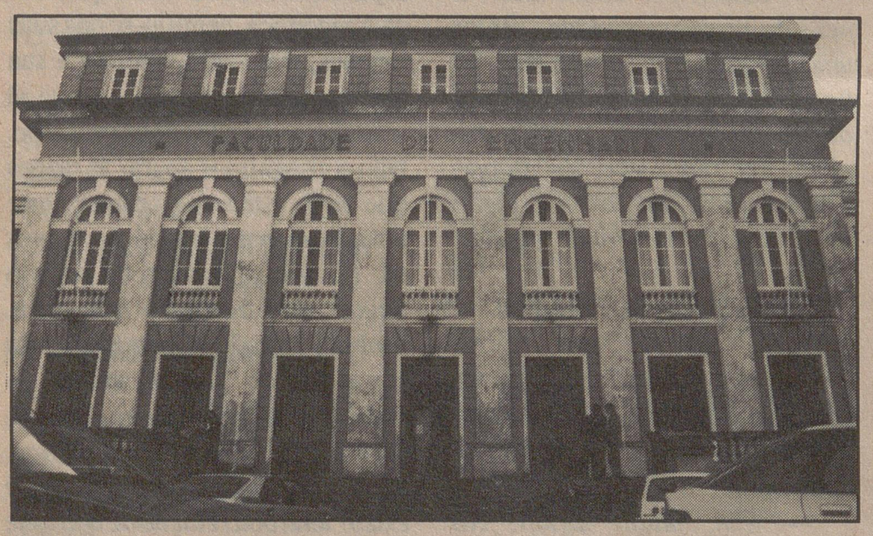
Para a história fica uma Revista que se pretendia, que não só fosse auto-financiada, mas que funcionasse como fonte de receitas para a AAC. Por ora, falta pagar o montante avultado, que a tipografia afirma ser de 17.200 contos, valor que Direcção Geral diz ser legitimamente questionável e que, para Marcelo, é "uma dívida como todas outras".



vários exemplares da revista ainda esperam na tipografia

A revista era feita pela produção na qual a DG tinha um elemento de ligação. "A informação que nos chegou foi sempre, mas sempre, da sua viabilidade. Sempre, até recebermos a factura da tipografia Rocha", afirma Marcelo Nuno." **Hoje, não avançava com a Via Latina".**

J.A.



A INVASÃO NA FEUP

Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Curso de Engenharia Química. 60 vagas. 260 Provas Específicas. 143 caloiros inscritos.

"A Cabra" foi ao Porto descobrir o que se passou, falou com o Eng. João Rui Carvalho, Presidente do Departamento de Engenharia Química, com Manuela Correia Leite, da Federação Regional do Norte das Associações de Pais (FRNAP) e, claro, com alguns caloiros que se viram apanhados no processo.

No princípio, tudo estava bem. Os alunos tinham cumprido os pré-requisitos, feito as Provas Específicas (P.E.) necessárias — Matemática/Química e Matemática/Física — e apresentado as respectivas candidaturas. Os resultados das P.E. foram afixados, tudo na maior das normalidades, e a surpresa só surgiu quando, ao serem divulgados os resultados das candidaturas, se descobriu que todos os alunos que tinham realizado a Prova de Química no Porto não tinham sido colocados em Eng. Química. A média de entrada situava-se nos 53%. Os alunos estranharam. Dirigiram-se ao Gabinete Coordenador do Ingresso no Ensino Superior, pediram para ver os seus processos. Não constava a nota da Prova de Química, considerada anulada. Apresentaram-se protestos. Primeiro poucos, depois uma catadupa de queixas. Todos queriam saber o que se passava. No Gabinete não sabiam de nada, aconselharam-nos a apresentarem protesto directamente ao Ministério da Educação, com uma declaração da Faculdade que atestasse que eles haviam feito a prova e da qual constasse igualmente o resultado obtido.

Muitos estudantes começavam já as aulas, colocados noutros cursos e noutras Universidades, e recebiam informações contraditórias quanto ao que haviam de fazer. No Gabinete continuavam, ora a dizer-lhes para se matricularem em Eng. Química na FEUP e anularem as matrículas nos outros cursos, ora para se manterem nos cursos em que estavam matriculados e a ter aulas. Entretanto, o Presidente do Departamento de Eng. Química convocou uma reunião com os alunos interessados, para explicar o que se havia passado e dar instruções para procedimentos futuros. Os caloiros foram definitivamente informados de que deviam matricular-se no curso de Eng. Química. E 143 assim o fizeram. Para 60 vagas.

A Faculdade de Engenharia não possui infraestruturas para este número de caloiros. A única possibilidade existente, apresentada ao Ministério, de abrir as aulas do primeiro ano com esse excedente de alunos, seria a de contratar professores e funcionários de modo a se poderem realizar aulas à noite. Só que isto faria despontar um grande problema para a FEUP, no futuro. É que, para o próximo ano, o excesso de alunos transitaria para o segundo ano. Para recuperar o seu funcionamento normal, a FEUP teria, ou de admitir menos caloiros (e penalizados sairiam os futuros candidatos), ou então de continuar a funcionar de forma precária, nas condições em que funcionaria este ano. Facilmente se compreende que esta não é a melhor solução para a Faculdade.

Procurou conseguir-se então a transferência de alunos para outros cursos da Universidade do Porto, ou para cursos de outros Estabelecimentos de Ensino Superior, do agrado dos estudantes, e por eles agora indicados. Isto seria possível com a abertura, a título excepcional, de mais vagas nesses outros cursos, para os quais os alunos julguem ter habilitações compatíveis.

A continuar-se no impasse desta situação, prevê-se que as aulas comecem apenas em Janeiro ou Fevereiro próximos.

Mais uma vez... os computadores!

Uma vez com o assunto em vias de resolução, algumas perguntas ficam no ar: como é que se chega a uma situação em que alunos que cumprem todos os pré-requisitos para se candidatarem a um curso vêem essa mesma candidatura inexplicavelmente recusada? Como é que, em 260 provas, todas são anuladas e ninguém sequer estranha?

Ninguém sabe ao certo o que se passou. A disquete que do Ministério da Educação mandaram para a FEUP continha um erro de formatação que impossibilitava a inserção dos dados correspondentes aos resultados das P.E. de Química. À falta de outro meio, combinou-se via telefone com o Gabinete Coordenador que se enviariam os resultados nas pautas, para se fazer a selecção. As pautas foram enviadas por carta registada e, por isso, recebidas. A partir daí, perdeu-se-lhes o rasto. Desapareceram. As provas forma consideradas anuladas com uma impavidez digna de nota, e ninguém se perguntou se não é grande coincidência, em 260 provas, não haver sequer um resultado.

A FRNAP considera injusto que o Ministério não seja penalizado por todo este acumular de erros que o sistema de acesso por ele criado permite. E, já que não é a primeira vez que uma coisa semelhante acontece, pergunta-se se não está na altura de aumentar a segurança do processo. Mesmo porque um aluno que se candidata, por exemplo, a Medicina, e não entra por uma décima ou pouco mais ou menos, não vai com certeza achar grande piada a ver outro, que se candidatou a Eng. Química e tem uma média em muito inferior à sua, passar à sua frente, tudo por um mero erro administrativo. É ainda e sempre a questão de acertar no curso errado...

Carla Silveira
José Manuel Machado
(aluno da FEUP)